

Vol. 2, nº 10 Jul/Ago de 2018

REVISTA LITERALIVRE

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade





Volume 2, número 10 - Jul./Ago. de
2018 - ISSN 2595-363X
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Freepik

Site da revista:
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/comoparticipar>

Contato: revistaliteralive@yahoo.com

Página do Facebook:
<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre>

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo. Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:

Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de “fair use” da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.



Edições (atual e anteriores):
<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive/numeros>

© Todos os direitos reservados



(SHA256):5208fa8de9a9551cdd2156b3e9cc4506c1c2
4e3ec6714d79013a7511a3800ea0

Autor Corporativo: Ana Rosenrot
Endereço: Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antonio –
Jacareí/SP - CEP: 12.309.360



ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Queridos amigos(as), é com muita felicidade que trago a vocês a 10ª edição da Revista LiteraLivre e quero aproveitar para contar uma novidade: recebemos(*finalmente*) o registro ISSN (International Standard Serial Number), o que quer dizer que estamos devidamente registrados como publicação seriada, reforçando ainda mais nosso compromisso com os autores e os leitores. Este registro representa uma vitória para a literatura e para todos que participam e apoiam a LiteraLivre.

Na edição deste mês trazemos o ecletismo que já se tornou nossa marca registrada, com textos estilosos e cheios de diversidade: poemas, contos, crônicas, haikais e etc., de vários lugares e temas incríveis... Temos também o lançamento da Revista SerEsta, inspirada na LiteraLivre (estamos frutificando) e muito linda; um conto *grátis* de ninguém mais, ninguém menos que *Stephen King*, um dos autores mais lidos do mundo, disponibilizado por ele mesmo e traduzido pela editora Suma; ótimos e-books gentilmente disponibilizados pelo autor Luiz Roberto da Costa Junior e o Encontro Nacional de Academias de Letras, que acontecerá em Lavras/MG.

Espero que apreciem nossa 10ª edição!!

Muito obrigada aos autores que compõem a revista, a todos os participantes e aos queridos leitores que acreditam em nosso trabalho!

Agradecimentos especiais aos amigos Leandro Emanuel Pereira e Leandro Martins de Jesus, pelos livros maravilhosos que me enviaram e a Terezinha de Lurdes Rezende, presidente da ALL-Academia de Letras de Lavras, pelo gentil convite para o Encontro Nacional de Academias de Letras.

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

A stylized, handwritten signature in black ink, consisting of a large 'A' followed by a horizontal line and a cursive 'R'.

Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Condomínio(foto).....	1
Coluna CULTÍssimo.....	2
Túmulo dos Vagalumes (Hotaru no haka) – O filme mais triste do mundo.....	2
A Carta.....	6
Acorda, Brasil!.....	8
“Dentro do Armário Havia um Sapo”.....	10
A Avareza e a Inveja.....	12
A Erudição dos Fios.....	14
A Música Acabou.....	15
a PRIMEIRA vez.....	17
Abraço.....	18
Algodão Doce.....	19
Amor Eterno.....	20
Ampulheta.....	21
Antítese.....	22
Ao Ralo.....	23
Aquelas Vozes.....	24
Artista do Mês.....	25
H.P. Lovecraft.....	25
Bombalagem.....	27
Bordadeiras.....	30
Canção Para Nosso(s) Dias.....	31
Carta para E.C.F.....	32
Confissão do Amor.....	33
Costuras de Mim.....	34
Crepúsculo.....	35
De Se Perder Para Encontrar.....	37
Demência.....	38
Desolação.....	41
Despoema.....	42
Distância.....	43
Distâncias.....	46
Doze.....	48
E querem que os presidiários se recuperem?.....	49
Encontros de Alma.....	52
Equilibrista.....	54
Estou Vivo.....	55
Excrecências.....	57
Fado Curitiba.....	58
Falta de Tato.....	59
Farid é um Mágico.....	60
Filhote.....	62
Ganha-pão.....	64
Haikai da Liberdade.....	66
Haikai Engraçadinho.....	67
Haikais.....	69
Helênica.....	71
Hostis Ditos Entulhos.....	73
Inominável do Além.....	74
Joana.....	79

João de Barro.....	80
Licença Poética.....	81
Manhã de Outubro.....	83
Meia Hora.....	85
Meus Quebrados.....	87
Morte e Vida.....	88
Moscovita.....	89
Noite da Véspera.....	90
O Capcioso eu Derrotado.....	93
O Custo da Diversa Orientação.....	95
O Depoimento de um Assassino.....	98
O Jardineiro, a Rosa e a Incrível Aranha-Preta.....	100
O Relógio do Vôvô.....	103
Odeio Saudade.....	104
Orgasmos Cerebrais.....	105
Os Gatos Lá De Casa.....	106
Páginas em Branco.....	108
Palavras Belas.....	109
Para Isa Dora Duncan.....	110
Pássaro Azul.....	112
Pedrinho e a Vacina.....	114
Poesia.....	117
Poesia de Retalhos.....	118
Quando For Grande, Quero Muito Ser.....	119
Quarta no Quarto.....	121
Ramaatoh.....	122
Sabedoria Matuta.....	125
Saudade de um Anjo.....	127
Sémen.....	128
Sementes Invisíveis.....	132
Sensibilidade Etflica.....	134
Sobre Números, Perdas, Ganhos e o Amor.....	135
Sou Canhoto.....	136
Tem Remédio?.....	138
Terceira Idade: Educação e Cultura na Diversidade.....	140
Transição.....	142
Três Haicais.....	143
Ultrarromantismo.....	144
Um País Chamado Rio de Janeiro.....	146
Lançamento da Revista SerEsta.....	148
Conto grátis do "Mestre" Stephen King.....	149
Conheçam a obra do escritor Luiz Roberto da Costa Junior.....	150
Encontro Nacional de Academias de Letras.....	152
LiteraAmigos.....	153



Condomínio(foto)



Nestor Reis – Santa Branca/SP

(in memorian)



CULTíssimo

Ana Rosenrot

Coluna CULTíssimo

Túmulo dos Vagalumes (Hotaru no haka) – O filme mais triste do mundo

Muito já se falou sobre a Segunda Guerra Mundial, é comum vermos todo tipo de filme tratando do assunto, alguns retratam o heroísmo, a vida e o sofrimento dos soldados no front, outros, os horrores dos campos de concentração; em sua maioria, vemos o lado “vencedor” da história. Mas um diretor japonês conseguiu mudar isso.

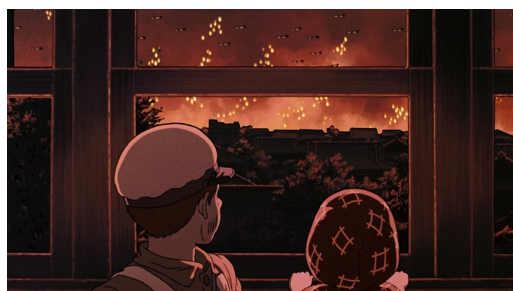


“Túmulo dos Vagalumes” (*Hotaru no haka*) é uma animação dirigida por *Isao*

Takahata e lançada no Japão em 1988 pelos *Studio Ghibli* (A Viagem de Chihiro e Meu Amigo Totoro) e baseado na semi-autobiografia de *Akiyuki Nosaka*. Esta animação nos traz a visão dos derrotados, das pessoas inocentes que não tem culpa das rixas entre nações, mas sofrem de forma devastadora as consequências destes conflitos. Ela acompanha a história de dois irmãos Seita e Setsuko e se passa em plena Segunda Guerra Mundial, durante a *Operação "Meetinghouse"*, quando aviões *B-29* despejaram toneladas de bombas incendiárias sobre cidades japonesas, destruindo em sua maioria alvos civis, matando cerca de 200.000 pessoas e deixando mais de um milhão de feridos e desabrigados, num ataque considerado como o mais destrutivo da história.



Seita, que tem cerca de 12 anos e Setsuko, com aproximadamente 4 anos, tentam sobreviver aos inúmeros bombardeiros se escondendo em abrigos junto com a mãe, que morre ao ser atingida durante um dos ataques; eles se veem sozinhos no meio de toda aquela destruição e morte, pois, seu pai, que está lutando na Marinha Imperial Japonesa, não responde as cartas que Seita envia. Sem outra opção, eles vão morar com uma tia, que a princípio os recebe muito bem, mas aos poucos vai deixando claro que os dois são um fardo, chegando a negar-lhes alimento. Então, eles saem de sua casa e se mudam para um abrigo antiaéreo abandonado, onde terão que lutar uma difícil batalha pela sobrevivência, com a única arma que possuem: o amor.



Extremamente bem-feito, o filme é uma obra-prima que retrata o que os horrores da guerra trazem para a vida das pessoas comuns, através de cenas lindíssimas e impactantes, onde imagens de corpos carbonizados contrastam com a inocência dos irmãos brincando maravilhados com os vagalumes que iluminam a escuridão da noite no abrigo onde vivem, numa dosagem exata entre crítica e lirismo.

Considerado por muitos "o filme mais triste do mundo", "Túmulo dos Vagalumes" é uma obra imperdível, forte, realista, que nos mostra a importância das pequenas coisas para quem não tem mais nada... É impossível não se comover com a trajetória de duas crianças lutando sozinhas pela sobrevivência, enfrentando o desprezo e a falta de compaixão das pessoas, algo tão terrível quanto a fome e a doença... Uma história que "fica" em nossas mentes bem depois que o filme termina... Onde os "heróis" americanos nos causam pavor, ao ouvirmos o som dos B-29 se aproximando... E o futuro parece impossível, numa vida cercada pela



destruição da guerra. Infelizmente, uma realidade vivida ainda hoje por muitas pessoas.



Este filme épico teve duas versões Live-action (com personagens reais), uma lançada para a televisão japonesa em 2005 em comemoração aos sessenta anos de término da Segunda Guerra Mundial e outra em 2008.



Lançado recentemente no Brasil em DVD, o filme foi “descoberto” pelo

público nacional através da internet e pode ser visto legendado no youtube (link abaixo).



Se não assistiu, aproveite para se emocionar com a história de Seita e Setsuko e quem sabe, alguém consiga responder a uma pergunta: *"Por que os vagalumes morrem tão cedo?"*. E conter as lágrimas...

Agradeço pela leitura e as mensagens carinhosas!!





Sinopse: *Túmulo dos Vagalumes* (Japonês: 火垂るの墓; *Hotaru no haka* – Japão - 1988). O filme relata a história de dois irmãos, Seita e Setsuko, no período da Segunda Guerra Mundial no Japão. O pai deles é convocado a defender o país na guerra, pois faz parte da marinha imperial japonesa, e a mãe falece em um bombardeio de aviões norte-americanos.

A partir daí, o filme mostra a luta pela sobrevivência das duas crianças, em meio à pobreza e miséria que assola o país. Fome, doenças e a falta de generosidade e de sensibilidade dos adultos faz deste percurso um dos filmes mais bonitos e comoventes sobre o trágico quadro gerado pela guerra.

Direção: Isao Takahata - **Gênero:** animação, drama, guerra –

Classificação: 12 anos.

Link do filme:

<https://youtu.be/luabb7q1M8c>



Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

<https://www.facebook.com/cultissimoana.rosenrot>



A Carta

Beth Fallahi

Poços de Caldas/MG

Chegou, estava ali em suas mãos...era o que ela esperava?

Não... ninguém espera por isso, nem precisa, ela sabia a resposta,.

Ela não ousou abrir a carta, a morte está próxima,
porque saber daquele jeito? Ninguém a amava?

Seus olhos estão vidrados no céu, a chuva que cai lá fora lava sua alma,
sua mão torce o envelope, um desespero toca seu ser.

Como vai acontecer?

Se levanta e corre, direção a nada, é só um sonho, ela ouve um canto
Os anjos cantam um louvor

seus pensamentos invadem seu sonho,
Vai anoitecer?
sente se confusa, o que fazer.

Lembranças de uma menina que fora um dia, se vê com a mãe
entrando na igreja, ela estende a mão



Ela sente florescer, um dentro de si, crescer

"venha minha filha não tenha medo".

Apenas... morrer

Naquele momento, sua mão abre, o envelope cai no chão,

ela estende a mão e entra na igreja com a mãe.

A porta se fecha, não sente mais medo.

Está em paz, a chuva cessou.

Já vai amanhecer.

A dor passou, a carta ficou para trás

O vento a levou, junto com ela, muito rancor.

O que havia na carta afinal?

Ela se mistura entre as folhas molhadas

Que enviou na morte, uma sentinela

Naquela carta que nunca se revela.

<http://ontemhojesemprenossoamor.blogspot.com>





Acorda, Brasil!

Rosangela Mariano

São Leopoldo/RS

País das praias douradas,
Das noites enluaradas,
Onde o céu é tão azul
E brilha, lá no firmamento,
O esplendor do Cruzeiro do Sul!

Acorda das noites mal dormidas,
Insones,
Desperta para o alvorecer
Que as Profecias ditam ao longo dos anos:
"Brasil, coração do mundo!"
E nada, nem mesmo o egoísmo,
Cego de poucos,
Pode deter...

Acorda, massa humana
Sufocada pelas lágrimas
Derramadas ao longo das caminhadas
De vários séculos...
O Ser que governa a vida
Espera que a alma deste grande País
Desperte e vibre,
Cobrindo de amarelo, azul e verde



As maravilhas que poderá vir a ser
A geração do século XXI!

Acorda, País amado...
Idolatrado,
Berço de esperanças...

Brasil: nós contamos com teu povo
Brasil: nós acreditamos na tua raça
Brasil: nós esperamos pela tua graça
Brasil: nós rezamos por todas as tuas desgraças...

Brasil! Brasil!
Acorda urgentemente, pois:
- crianças gemem
- gritos sufocam a dor
- mãos emagrecidas pedem pão
- rostos pálidos deixam a impressão do abandono e da solidão

Chora meu povo:
- pelas fortunas que enriquecem a poucos
- pelo dólar que rola solto no bolso dos larápios
- pela comida derramada e esbanjada nas mesas da "pujança" e "comilança"
- pelo "monstro" que abafa o grito dos meninos de rua, dizendo que eles são apenas mais "um" entre tantos de um País falido e desesperançado, mas o lar dos filhos nossos!

Acorda, meu povo
E sonha de novo...
Tudo podemos vencer
O futuro de uma geração engrandecer
Basta acreditarmos
Que somos apenas um coração,
Batendo em união...
Por uma Pátria melhor!

<http://lunaraescritora.blogspot.com>



“Dentro do Armário Havia um Sapo”

Joedyr Bellas
São Gonçalo/RJ

A mulher, sentada na beira da cama, ia olhando dentro do seu armário.
As lembranças.

Tinha cartão-postal de tudo que era lugar dentro de uma caixa velha de sapato.
Era o combinado. Os amigos e parentes viajavam, Bernadete não queria presente, a exigência e o combinado era o envio do cartão-postal.

Suécia.

Turquia.

Portugal.

Espanha.

Inglaterra.

Escócia.

Itália.

Não importava. Queria sempre um pedacinho daquele lugar distante visitado pelo amigo, mas que ela ia conhecendo através dos cartões-postais, das pequenas frases escritas no verso do cartão.

Bernadete, Itália é um sonho.

Bastava. Casaco, frio, gôndolas. Casaco e frio porque pra Bernadete, fora do lugar dela, tudo era gelado e tinha flocos brancos de neve. Gôndolas. Veneza. Olha só Bernadete. Era o bastante para Bernadete fechar os olhos e seguir viagem ao lado do gondoleiro, prestando atenção em tudo, via os barcos, via as casas quase dentro da água, segurava a saia para que ela não molhasse na barra.



Bernadete, olha que castelo lindo esse aqui na Espanha.

E Bernadete olhava, agora com os olhos bem abertos. Os olhos verdes molhados de saudade, saudade sim, porque ela jurava de pés juntos que ali ela já havia passado. Lembrava dos mouros atacando o país, lembrava do seu amado defendendo o lugar deles com unhas e dentes, mais canhões, arco e flecha, arcabuzes e muita coragem.

E Paris?

Ah essa cidade não tinha igual. Os salões século XIX, os bailes, as damas, os cavaleiros, as máscaras, e aqui Bernadete parava na dúvida. Achava que os bailes com máscaras era na Itália, mas não faz mal, na última vez que ela esteve na França o baile era de máscara. Com homens elegantes, mulheres chiquérrimas, e Bernadete toda iluminada, roubava a luz dos candelabros e valsava com desenvoltura e presteza, valsava como se ela tivesse nascido praquilo, para a valsa, para os rapapés, para os beija-mãos, para os lenços perfumados oferecidos pelo par da ocasião, da vez, passando no rosto de Bernadete.

E Bernadete ria.

Seguia valsando e rindo.

Ria de tudo.

A caixa dos cartões-postais, uma caixa de sapato mais pra lá do que velha, já estava em cima da cama e todos os cartões embaralhados fora da caixa.

Como fui boba.

De repente, Bernadete olha dentro do armário, chamada sua atenção por um barulho, e dentro do armário, bem no fundo, quase não conseguindo enxergar, havia um sapo.

Era um príncipe?

Seu cavalo branco? Seu beijo salvador na donzela à morte? Seus sonhos e riquezas? Sua esperança de que tudo mudaria em um passe de mágica, em um conto de fadas?

Qual nada.

Antenor foi chegando de surpresa, sentou-se ao lado dela, envolveu-a com o braço pela cintura, e Bernadete se deu conta de que dentro do seu minúsculo quarto fazia um calor dos diabos e que seu vizinho escutava pra todo mundo escutar aquele funk barulhento toda vida.

Os cartões-postais em cima da cama, e Bernadete começou a chorar sentindo falta daquele tempo em que ela fechava os olhos e os sapos cantavam no brejo.





A Avareza e a Inveja

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Para Rubem Alves

Na Grécia antiga, ainda que vivessem às turras, a Avareza e a Inveja não se largavam. Onde uma ia a outra a acompanhava, reavivando sempre sua inimizade a molestarem-se constantemente.

-Para que acumular se não pode desfrutar ? perguntava a Inveja.

-Para que você sinta estar sempre aquém daquilo que poderia atingir. E você ? Por que se preocupar com a vida alheia?

-Para estar certa de que aquele que invejo nunca será feliz com o que tem, por mais que venha a ter.

E de crítica em crítica, cada uma procurava encontrar o melhor argumento para atacar, humilhar e desqualificar a outra.

Um dia, a deusa da Sensatez desceu à Terra para tentar conciliá-las.

-Atendendo ao pedido de uma de vocês darei à outra o dobro.

A Avareza perguntou: " se peço um pote cheio de ouro, a outra receberá dois" ?

A Inveja constatou: "ao desejar dez belos vestidos estarei concedendo a ela vinte outros iguais"?

Era isso, bem entendido.

Por menor que fosse a quantia solicitada, a outra ganharia invariavelmente mais.

Nenhuma das duas ousava pronunciar qualquer tipo de vontade.

-Está bem, disse a Avareza - pensando ser muito esperta ao praticar o vício de querer sempre mais para si.-Tira-me uma das pernas.

Imediatamente a divindade arrancou-lhe uma e, ato contínuo, as duas da Inveja.



Mas antes que a Sensatez se retirasse, a Inveja, que não pode suportar o gozo alheio, pediu:

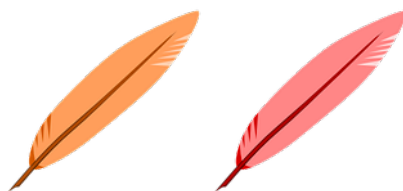
-Tira-me um dos olhos.

Dito e feito. Cega de um olho, a deusa tirou os 2 da Avareza.

Satisfeitos os desejos de ambas, a divindade retornou ao Olimpo.

Carente de uma das pernas, a Avareza passou a andar de muletas, mas como não enxergava mais, não sabia para que lado ir. A Inveja, sem poder se locomover, ainda assim com seu único olho enxergava os caminhos. Apesar do ódio mútuo, resolveram, a contragosto, se juntar, e assim a Inveja se colocou nos ombros da Avareza e esta caminha pelas duas.

A Sensatez não conseguiu torná-las amigas, nem pacificá-las, mas criou uma necessária simbiose entre elas: A Avareza, que não sabe o que fazer com o que amealhou, precisa de alguém que inveje suas conquistas para se sentir melhor, dando-lhe a impressão de que anda corretamente. E a Inveja, parcialmente cega, abriu seu olho interior e com ele viu que a sua desgraça pode ser bem menos ruim que a dos outros, tornando suportável a visão da existência alheia em comparação com a sua.





A Erudição dos Fios

Sara Timóteo

Póvoa de Santa Iria/Lisboa - Portugal

A erudição dos fios tecidos
por angústias e anelos,
procrastinações e desvarios
é a batuta com que o destino
vai tolhendo os passos da existência.
Sorrisos – e a luz dos nossos olhos
fica refém de outrem, do clima
ou de ondulações estranhas
ao nosso ser.

Navegamos à vista.
Sabemos que
o receio disto e daquilo governa o mundo,
mas optamos por nutrir-nos do medo
como se dependêssemos
de tão malsão alimento
– como se fôssemos livres
e viver com ratos em lugar do coração
fosse bom e justo.
Somos aplaudidos e celebrados
quando morremos
por termos desempenhado bem o nosso
papel. É essa a recompensa que
conhecemos - a única que alguma vez
receberemos.





A Música Acabou

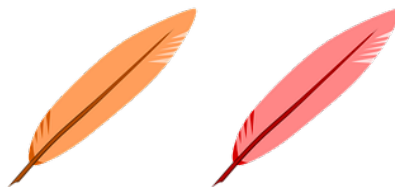
Almir Nobre Floriano
São Paulo/SP

Nosso amor começou numa festa
Muitos amigos, bebidas, cores e cheiros
Muita gente bonita e feliz naquela noite
Não me lembro ao certo o que se comemorava
Eu só prestava atenção em você
A música nos envolveu e nos levou
Pude então lhe falar e te conhecer
Sentir a fragrância do seu perfume
E me embriagar de amor abraçado em ti
O tempo foi passando...
A vida nos pregando peças
E aos poucos foi apagando meus sonhos
E para longe nosso amor foi levando



Outra pessoa apareceu em sua vida
E eu que era tão importante
Fiquei delegado a um segundo plano
No dia do fim do nosso amor não teve festa
Nem tampouco perfume
Nossos abraços se separaram para sempre
A música da nossa alegria passou
E hoje, quando vou numa festa
E se ouço aquela música tocar
Eu apenas fico ouvindo em silêncio
Não ousa chamar ninguém pra dançar
Pois a música cria fantasias
E eu acabo me esquecendo
Que ela vai parar de tocar.....

<https://clubedeautores.com.br/authors/150866>





a PRIMEIRA vez

Eduard Traste
Florianópolis/SC

é sempre depois do sexo
quando estamos ali
naquele momento
único. depois da primeira
quando ela deita
virada para um lado
ou para o outro,
e o que ela diz
ou não diz,
e como se levanta
para ir ao banheiro,
e o sorriso que esboça
quando retorna,
como cruza as pernas
enquanto beberica
um trago e fuma
um cigarro..

é depois destes momentos
que naturalmente sei
se é apenas sexo
ou algo mais..

www.estrAbismo.net



Abrço

**Roselena de Fátima Nunes Fagundes
Camaçari/BA**

Abrço é o aconchego entre corações,
É o carinho entre os que se gostam!
Abrço é o cofre das emoções,
É o sentimento dos que se bastam!

Abrço é o elo forte das almas,
É o mimo que se dá aos amigos!
Abrço é o refúgio das calmas,
É o sentimento dos pródigos!

Abrço é o afeto tão bem distribuído
É o motivo para se querer bem!
Abrço é o um gesto tão retribuído,
É o símbolo da paz também!



Algodão Doce

Fábio Daflon
Vitória/ES

**Comprava algodão
doce todo dia,
exceto se chovia
não passava
a nuvem de algodão
que eu comprava.**

**Um dia estava sol
ouvi o sino,
saí de minha casa
trouxe a nuvem,
mas antes de come-la
um acidente:**

**Caiu da minha mão,
sujou-se toda,
igual a nuvem cinza
ficou feia!**

**Então quis lavar
a guloseima
e pus sob a água
da torneira
nuvem algodoada
dissolvida na chuva
em que desciam
as minhas lágrimas.**



Amor Eterno

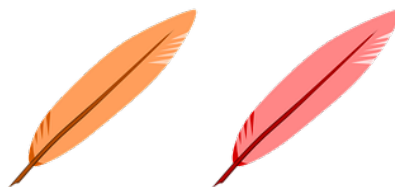
Nercy Grabellos

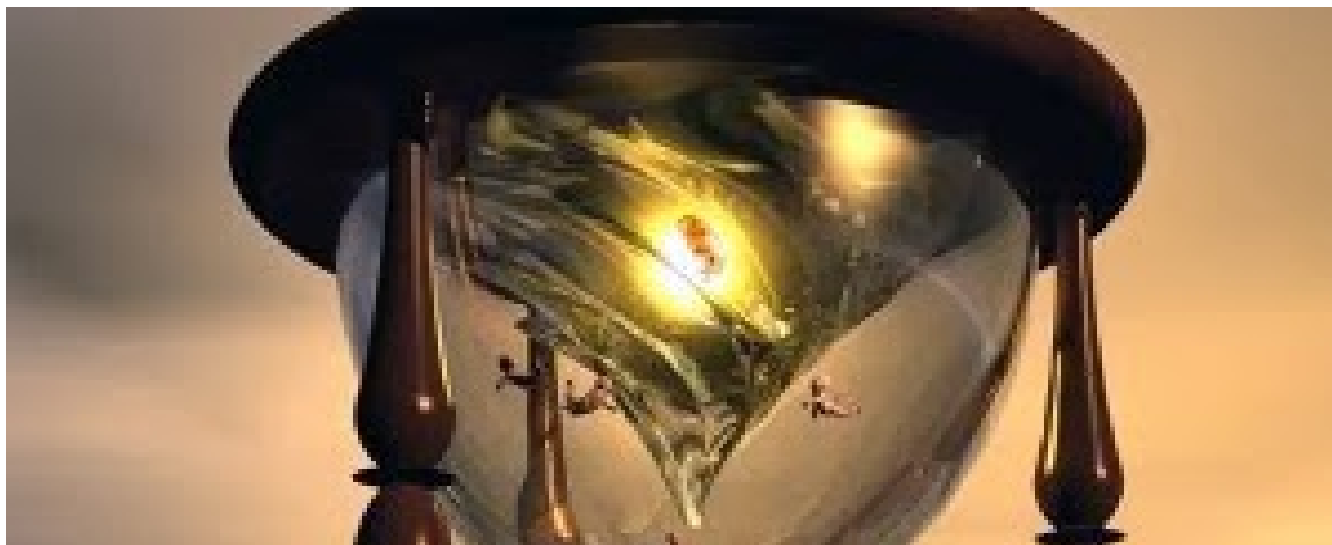
Gosto tanto de lembrar,
A tua imagem ficou para sempre
No brilho do meu olhar.

Se eu pudesse voltar no tempo,
Quanto novamente alegrar-te-ia,
Pegava na tua mão
E ao altar te levaria.

A dor da tua partida
Dói no meu coração
Queria tanto a tua presença
Sentir de novo a tua mão

O tempo passou tão depressa,
Vejo nos meus cabelos o branco da neve.
Só as tuas lembranças,
Não há tempo que leve.





Ampulheta

Eni Ilis
Campinas/SP

Ampulheta com areia vermelha está parada. Nenhum grão escorre. Espera mão que a revitalize e inaugure o tempo.

Tempo em suspenso.

Vem vento, contudo. Baila cortina, agita renda da toalha, invade e toca tudo em seu caminho. Não se desvia, empurra e segue e altera ordem. Rodopia.

Barulhos nascem de quedas e atritos. Choro estranho, choro dos objetos.

A mão que não girou a ampulheta com sua escarlata matéria, fecha a janela, resgata o silêncio.

Olha ao redor. Marcas a inventariar do vento que passou, no sangue do tempo que se espalhou.





Antítese

Liana
Taboão da Serra/SP

Eu sempre tarde, ela a qualquer hora
Eu sempre dentro, no fechado, ela fora
Eu quase nunca vou, ela quase nunca fica
Eu quase nunca pergunto, ela quase nunca evita
Eu geralmente não, ela quase sempre sim
Eu o equilíbrio, ela estopim
Eu paciente, ela com pressa
Eu correndo, ela dispersa
Eu insisto, ela: desisto
Eu pondero, ela desespero
Eu controlo, ela me descontrola
Ela presente, eu, outrora
Ela mal humorada, eu rindo ainda
Ela café, eu, outro tipo de cafeína
Ela hoje, eu amanhã
Ela Jonh Green, eu, Leviatã
Ela legião, eu qualquer hit
Ela cerveja, eu Skol Beats
Ela sempre na frente, eu geralmente atrasando
Ela dinâmica, eu, quase parando
A gente muitas vezes clichê, outras vezes profundidade
A gente às vezes fim e outras eternidades
A gente conflito, outras sorrisos
Algumas vezes tristezas outras abrigo
A gente "às vezes", outras "toda a hora"
Alguns instantes ou não importa
Porque todas às vezes, amor...





Ao Ralo

Bruno Ribeiro Marques
Divinópolis/MG

Aguardo

a g u d o

a água morna
do chuveiro

lavar os sonhos
que lavrei

Levar aos canos
do esgoto

gota a gota

as esgotadas esperanças
que se entranharam em minha alma
cansada de esperar

deslizam pela pele trincada
- tal qual terra
castigada
pelo sol do meio-dia –

os meus desejos
mais baratos
minhas cismas de utopia

talvez virem ração de ratos

talvez se afoguem em água fria.

<https://www.facebook.com/brunorybeiromarques/>



Aquelas Vozes

Bruno Noctua
Salvador/BA

Fumei o primeiro cigarro da tarde, o segundo o terceiro, escuto sem prestar atenção alguma a música que toca, não sei se é Matanza ou Cazuzu, pois elas falam mais alto, aquelas vozes, gritam tão alto que os brados ecoam em minha cabeça, quantos gritos, quanta agonia, quantas indecisões, quantos medos irritantes que achava já ter superado. Qual era a graça mesmo de fumar? Nem lembro mais dos efeitos que ele me trazia no começo. Uma calma temporária para mente? Calma onde? Se parece que eles apenas gritam cada vez mais alto, fugindo de suas prisões a muito esquecidas. Será mesmo que faço bem?

Onde vou conseguir viver? Continuo sobrevivendo aos gritos, dia após dia, sobrevivendo pelo máximo de tempo que eu conseguir, enquanto os gritos não são completamente insuportáveis.





Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

H.P. Lovecraft

(escritor americano)
(texto: Ana Rosenrot)

H.P. Lovecraft (Howard Phillips Lovecraft), nasceu na cidade de Providence, Rhode Island, nos Estados Unidos, no dia 20 de agosto de 1890, filho único de Winfield Scott Lovecraft e Sarah Susan Phillips. H.P foi criado pela mãe, pelas duas tias e pelo avô, Whipple van Buren Phillips, após a morte de seu pai. De família aristocrática, aprendeu a ler e a escrever bem cedo, aos três anos de idade e desde então já criava seus próprios poemas; solitário e frequentemente doente, preferia os livros aos bancos de escola e aos 8 anos já produzia periódicos (The Scientific Gazette (A Gazeta Científica) e The Rhode Island Journal of Astronomy (Folha de Astronomia de Rhode Island) para distribuir entre amigos e entusiastas de sua grande paixão: a ficção científica.

Após a morte do avô e a perda da fortuna da família, Howard ficou doente, depressivo e não conseguiu concluir o ensino médio, o que considerava um grande fracasso pessoal. Publicou seu primeiro conto (Dagon) na revista Weird Tales, onde trabalhou como ghostwriter. Pouco depois, se casou com Sonia Greene e mudou-se para o Brooklyn, Nova Iorque, cidade que ele dizia detestar. Seu casamento não durou muito e rapidamente, ele voltou para sua querida Providence, de onde nunca mais sairia.

E em sua cidade natal, sua obra floresceu, ele se correspondia com grandes nomes da escrita da época e editou suas principais histórias: "The Call of Cthulhu" (O Chamado de Cthulhu, 1926), "At The Mountains of Madness" (Nas Montanhas da Loucura, 1931) e "The Shadow Out of Time" (A Sombra dos Tempos, 1934-1935).

Sua criatividade não via fronteiras, Lovecraft mergulhou no mundo criado por ele, com incríveis histórias de ficção científica que se eternizaram e a criação do livro mítico "Necronomicon" (um fictício livro de invocação de demônios escrito pelo também fictício Abdul Alhazred). Mas a grandeza e a complexidade de seus textos dificultavam a venda e para sobreviver ele fazia revisões e trabalhos como ghostwriter.

Em 10 de março de 1937, deprimido e enfrentando dores terríveis, ele foi internado no Hospital Memorial Jane Brown. Onde morreu cinco dias depois com apenas 46 anos de idade.

Seu legado influenciaria gerações, com filmes, livros, ilustrações e etc., tornando a figura de H.P Lovecraft um mito.



<https://www.facebook.com/apocastudios>



Bombalagem

Rafael Teixeira de Souza

Vitória /ES

Vou me apresentar, digo eu para o casal sentado no banco desta praça. Meu nome é Bombalagem, mas pode me chamar simplesmente de lixo porque ninguém me valoriza mesmo, nem ouve meus conselhos... Caso contrário, eu pagaria os salários atrasados e faria uma reforma tributária de cima para baixo. Não se preocupe! Não vou te denunciar para a polícia federal, mas não diga que eu não comentei sobre as rosas. Alguém não me jogou na lixeira, ufa! Que sorte a minha... Mas, também, não vamos comentar sobre os lixos depositados nos politicamente gabinetes grotescos. Por fim, respiro fundo, para me acalmar um pouco, enquanto a vida segue em seu malabarismo macabro.

A mi me gusta de química, principalmente quando se estuda o processo de decomposição das substâncias. Acho que Humanas já não está na moda, mas não rasguem os livros de Filosofia. Não aceite, proteste! Ser ou não ser um lixo descartável nesta cidade decomposta? Eu já tenho certeza de quem eu sou... Mas o ser humano continua se perguntando, sem chegar a uma resposta que não seja, no mínimo, soberba.

E,
desculpa,
voltemos
ao início da história...

A danada está com os braços entrelaçados ao pescoço do cândido; de paixão, parece sufocá-lo. Só que não. O rapaz está excitado, devido às pernas dela sob as suas. Ei, você, feche os olhos! Não somos obrigados a ver tamanha *putaria* em público! Ser ou não ser um lixo descartável por tantos pecados cometidos? Ser humano, eis a questão.

Minha presença chama a atenção do casal, Roberto e Lúcia, sentados no mesmo banco da mesma praça cujas flores são todas iguais em todas as estações. Pobre do mendigo que decorou com flores de plástico onde só havia lixo. Tudo está depressivo... e ela reclama dele, por não ser romântico, por nunca ter recebido nenhum "*creme de la crème*" de presente. A paisagem ignora tal cenário de amor. O pior é que ele não sabe que eu estou aqui, caída no chão, por culpa dela. Ser ou não ser descartável neste lixo de mundo?

O amor, hoje em dia, está cada vez mais contraditório tal como o chocolate meio amargo. O barroco chegou tarde ao Brasil, não sou tão ultrapassada assim,



em falsas aparências, verdadeiras traições e inteiras mentiras. Há tempos que eu já venho observando os vultos e figuras esbaforidas que passam por aqui todos os dias, nas calçadas mal asfaltadas. Acho que saí da Caverna descobrindo a mimese.

Na semana passada a coisa ficou quente por aqui! Lúcia vai falar, vou expiar...

– Há três meses que nós estamos namorando e você nunca me deu nenhum presente romântico, Roberto!

– Por que você diz isso?

– Todo namorado presenteia sua namorada com flores e chocolate. Só você que não!

O rapaz, de olhos profundos e de rosto fino, contempla sua namorada, ainda paciente. Se eu fosse ele, não ficaria com ela nem mais um instante. Que jovem dissimulada, ela não merece um amor verdadeiro, sequer um bombom! Ser ou não ser descartável nesse lixo de vida?

Já ouvi falar em Romeu e Julieta, só estou em dúvida se é comida americana ou britânica. Gente, como faz calor nesta praça durante o dia! Porém, é tarde, apropriado para curtir a sombra das árvores em volta. Sorte a minha, estou aqui de camarote. Não sou de fofocar. Se você está me ouvindo é porque gosta...

Bem, naquele dia fatídico Lúcia pôs o seu melhor vestido e esqueceu-se de mudar a posição do penteado. Grande diferença, os homens nem observam que uma mulher trocou de brincos! Ela queria muito impressionar o amante. Coitada, não sabia que se tratava de um simples vendedor de doces, ambulante como eu. Pois bem, eles se sentaram no banco, cadeira, carteira ou sei lá o que de ferro. Não sei se dou uma bofetada na face dela ou se conto pra Roberto... Ainda toca sertanejo universitário aqui perto, mas quando é a formatura?

Roberto mira nos olhos dela, procurando por algum resquício de traição, mas ele só queria encontrar lindos rios e belos pássaros voando no paraíso. Lúcia novamente abraçou-lhe e agora, veja só:

– Desculpa querido. Não queria ser tão radical. Você não merece ser tratado dessa forma.

– Eu não me importo! Eu te amo tanto, que não me estresso com nada do que você diz. - ele é quase um bobo da corte.

– Me abraça bem forte e diz que não vai me abandonar!

– Eu prometo meu amor!



Nossa, eles estão se beijando! Se você visse a encenação, diria que está diante de uma simples telenovela. Ser ou não ser uma imitação da mentira? O jornal brasileiro tem seu papel, imparcialmente parcial.

Espera aí, olha o que Roberto está fazendo... Um objeto brilhante, linda joia de ouro. A representação de toda uma eternidade juntos.

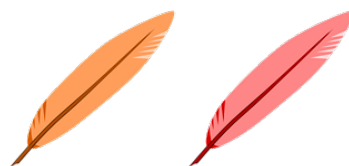
– Aceite essa aliança como símbolo do meu amor!

Roberto está se ajoelhando diante de sua Senhora, *sem razón*. Ela não esconde a culpa desamorosa de alegria tristonha por tê-lo ali, aos seus pés. Ela não se importa com o que fez, tal como a consciência de quem me jogou neste chão, que ainda pisa por cima e não se importa com as dores dos outros. Ela mesma, comigo, com ele, ambos somos meramente embalagens.

Eu gostaria de entender por que a vida tem de ser assim tão pré-histórica, medieval e moderna! Todo dia surge um novo Éden para sepultar nas igrejas, das Catacumbas, um novo mártir. Os amores são novíssimos fatos inventados que existem pela mesma necessidade humana de se comer, de se beber e de se dormir. Roubar, mentir e matar. O amor é uma bolsa de valores, o horóscopo da semana, os sorteios da megassena – muitas apostas e poucos acertos. A vida se torna um objeto menor que o próprio homem objeto. E as pessoas fazem parte deste belo espetáculo que eu sou obrigada a assistir todos os dias de minha existência, até que o divórcio os separe.

Espero encontrar o meu próprio destino. Cansei de ser mais um lixo descartado pelos como os humanos. Já cresci demais e aprendi muito sobre esoterismo e dramaturgia. O ser humano pode ser muito previsível. Eu só quero ser diferente deles, quero ser EU, simplesmente mais viva... E vocês, *Robertos*?

<https://sites.google.com/view/rafaelteixeira/página-inicial>





Bordadeiras

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Minha mãe bordava em ponto cheio,
bordava em ponto de cadeia,
bordava em ponto de haste,
sempre com Linha Corrente.
Um ponto atrás, um ponto à frente,
em prisão, somente! Fazia arte, em zuarte!
Hoje eu bordo feliz minhas estrelas
em matiz, ou cheias de luz,
em ponto de cruz.
No bastidor de cerejeira
no linho branco esticado,
um verso aqui, outro verso ali,
no poema domesticado,
minha sã rotina, desde menina!...
Bordo com linhas brilhantes,
as paisagens verdejantes,
dos meus versos cintilantes...
Misturo as cores, atrevida,
com a alegria de pintar a vida,
sem nunca me dar por vencida!



Canção para nosso(s) Dias

Meu querido e saudoso Poeta!

O que eu tenho a te dizer
É tão triste e deprimente
Sei que tu não vais gostar

Nossa terra não é mais
O que foi antigamente
Vai e volta, e olha só

Extinguiram-se as palmeiras
O sabiá não tem lugar
Para o seu canto gorjear

Nossa terra brasileira
Já não tem mais seus primores
Está infestada de horrores

Tudo inebriado e confuso
Faltou tudo de repente
Até a consciência está ausente

E hoje fico eu aqui a pensar:
Cadê aqueles prazeres
Que tu encontravas cá?

As palmeiras e os sabiás
A virtude e a honradez
Também queria avistar

Permita-me, ó Deus, que um dia
Eu veja com alegria
Que tudo voltou ao seu lugar!

Jussára C Godinho
www.jussara.c.godinho.blogspot.com.br



Carta para E.C.F

Jessyca Santiago
Belford Roxo/RJ

Enquanto a semente sonha sob a terra
Volvemos nosso olhar a paisagem sem vida
Envolvidos pelo silêncio das tardes brancas
Longínquos ventos vem trazendo vagos tons
You can't tell what is coming with these hues
Novas cores nunca vistas florescem nesse sonho.

P.S: Nada tenho a oferecer...

Nesse dégradé frio da estação vigente
Só posso erguer seu semblante vazio as estrelas
Que cantam vida em luz. Só isso. Nada mais.
Can you hear them?!





Confissão do Amor

Ernanda de Almeida Virgolino

Jaboatão dos Guararapes/PE

Entrego está poesia,
Como um jardim de lirismo da Marília para o Dirceu,
Com o encanto do Pablo Neruda,
Pureza da Cora Carolina,
Ou como, o livro Sobre o Nada do Manoel de Barros.
Porém, meus versos são uma confissão,
Sou batizado com nome de Amor.
Confunde-me com paixão.
Estou sendo enjaulado do meu Condoerismo.
Prende-me no êxtase do sentimento imaturo.
Perde-me nas nostalgias até utopias.
Na ânsia do encontro de algo que não existe.
Eu o Amor,
Sou estigmatizado pelo que aparento,
Esqueceram da minha essência,
E sou lembrado como o sentimento dos fracos.
Tornaram-me paixão,
Até quando serei o jogo da paixão?
Refém do instinto animal do homem?
Fogem da minha maturidade genuína.
Sou derrotado como numa partida,
Lastimável,
Exigem que eu perda ou ganhe,
Afinal, em mim tem algo para se perde?
E se Amor fosse apenas Amor,
Ou se Eu fosse apenas Eu,
Autenticidade seria apenas a questão de amar diferente,
De forma igual.





Costuras de Mim

Marina Barreiros Mota
Palmas/TO

Andei nua, despida de amor próprio
Singrando entre esquinas rotas
E calçadas sonolentas
Trôpega, coração desfeito
Amor em descompasso
Caminhando em passos incertos

Andei indigesta, estômago maltratado
Corroído dos vestígios da bebida
Tal qual o gosto amargo da descrença
Enclausurada em teus devaneios
Oculta aos barulhos da esquina
Escondida em seu compartimento mais oculto

Andei recolhendo silêncios
No odor forte do teu corpo
Após o amor que imaginei
Uma solda perfeita de alquimia
Me cobrindo em perfume almiscarado
No doce retrato dos meus sonhos

Tu também andaste como um palhaço
De um circo mambembe
Dilapidando minh'alma e meu corpo
Receptáculo da tua vida
Meu amor um trapézio solitário
Caído em rede de passos errôneos

E no giro das acrobacias
As migalhas de mim se juntaram
Coladas em retalhos palpáveis
Reequilibrando-me da corda bamba
Dos dolorosos saltos desgastados
Voei à procura de outros laços
Em outros pedaços, teias do caminho
Costuras de mim.

<https://www.facebook.com/marina.barreirosмота/>
<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina>



Crepúsculo

Conceição Maciel
Capanema/PA

O horizonte escondeu
Os últimos raios de sol
O crepúsculo surgiu
Subiu devagar no céu

Hora da reza do entardecer
Hora da escuridão se impor
Hora dos pássaros procurarem seus ninhos
Hora do descanso do dia

E o crepúsculo veio
Subindo montanhas
Descendo morros
Invadindo o dia
Trazendo sombra
Entristecendo os ritos

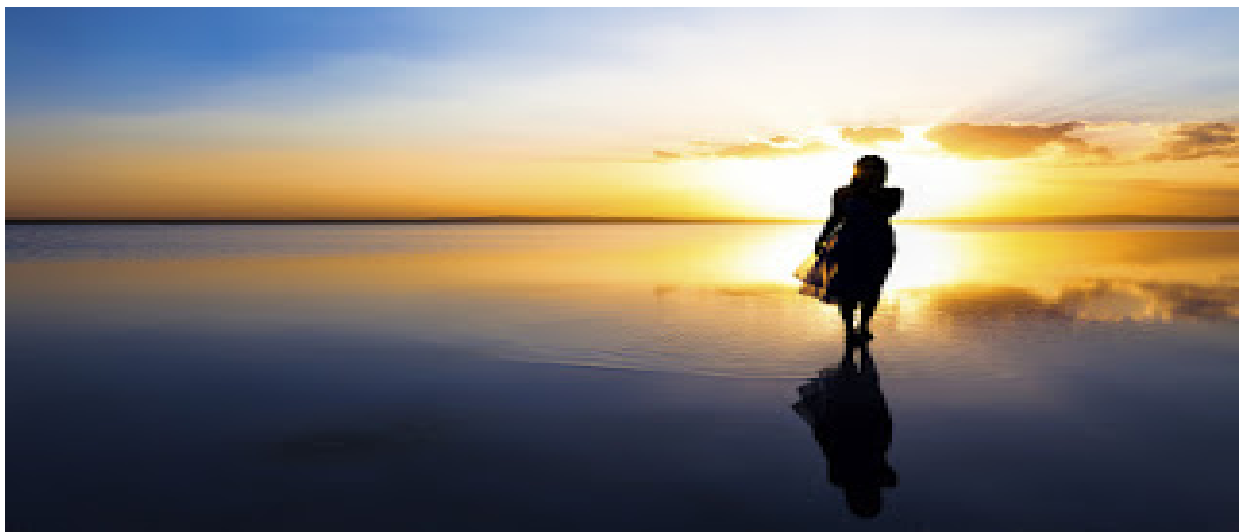


Enaltecendo os mitos
Povoando as noites serenas
Apagando as luzes do dia

A lamparina ameniza a escura noite
A melancolia domina o poeta
Que balbucia versos sem nexos

Mas a noite é fonte de inspiração
Seu olhar vivo, empertigado
Não combina com as horas mortas
Mas o poeta é o dono da noite
E agora seus versos são coerentes
E clamam a luz do dia
Por que a noite é sinônimo de solidão
E ela é longa... Tão longa!
O poeta dorme declamando versos
Em oração e nem ver o Sol
Surgindo na madrugada silenciosa
Seu clamor fora atendido
Finalmente o dia chegara
E o poeta então... Adormece.





De Se Perder Para Encontrar

Hilário Aires

Batatais/SP

o caminho te espera
você também espera o caminho
você pensa o caminho
como aquilo que passa
você pensa você
como aquele que avança
o caminho é mais largo
você apressa seus passos
o caminho é estreito
você se cansa e repensa
o caminho é distância
que nunca se alcança

<http://poesiatalcoisa.blogspot.com.br>



Demência

Clarice de Assis Rosa
Ituiutaba/MG

Em uma casinha simples, de estrutura precária, morava um casal com seus 6 filhos. Sônia, a dona da casa, era uma mulher guerreira, trabalhava sozinha para sustentar seus filhos, enquanto seu marido passava dias embriagando-se e, quando chegava em casa, era somente pra espancar a mulher e os filhos, arrancando dali o pouco dinheiro obtido com muito sacrifício.

Dona Sônia vendia salgados e doces, feitos por ela, nas ruas, de porta em porta e, apesar das dificuldades, nunca reclamava da vida, pelo contrário, agradecia a Deus por ter força suficiente para trabalhar, criar seus filhos e tolerar a agressividade do marido, que era na verdade, um fardo que ela carregava.

As pessoas que a conheciam, lamentavam sua sorte. Sofriam mais do que ela própria, ajudavam-na da forma como podiam, ora com alimentos, ora com roupas, remédios.

Os filhos foram crescendo, vendo o sacrifício da mãe em criá-los, em conseguir o sustento da família, vendo a brutalidade do pai, que despejava todas as suas amarguras neles e na pobre mulher.

Mesmo apesar de conviverem com tudo isso, aprenderam a ter fé e acreditar que as coisas ainda iriam melhorar, como a mãe sempre dizia, e ouviam atentamente quando esta pedia para eles estudarem, esforçarem-se, ressaltando



que queria que tivessem uma vida melhor que aquela.

Nem todos os filhos herdaram a força desta mulher e, infelizmente, nem todos também aprendem com a experiência dos outros, muitos precisam ter suas próprias vivências, ver e sentir suas próprias emoções para poder perceber o que lhes faz bem e o que lhes prejudica. E ,sendo assim, seu filho caçula conheceu o mundo das drogas.

Luizinho - esse era o nome de seu caçula - não dava importância aos exemplos que tinha em casa, não reconhecia os esforços da mãe em obter dia após dia o sustento da família, e começou a se envolver com más companhias, a princípio, por curiosidade em saber como era a vida das pessoas fora do círculo familiar em que vivia, depois por prazer mesmo, sentia-se onipotente por andar com as figuras mais temerosas do bairro, sentia-se protegido e, como um deles, despertando medo e afastamento das pessoas. A maioria era usuária de drogas e o que ele acreditava ser medo despertado nas pessoas, nada mais era que pena. As pessoas tinham pena das mães destes meninos, do desgosto e infelicidade que deviam sentir.

O caminho para as drogas foi curto, ele tinha a mentalidade limitada e fraca, destoava-se dos seus irmãos, parecendo-se mais com o pai.

Começou a roubar, junto com os ditos "amigos", para conseguir sustentar o vício. Arrombava carros, roubava aparelhos de som, celulares. Ora os vendia, ora os trocava por drogas. E sempre prometia a si mesmo que não faria nunca o que a maioria dos seus amigos faziam, "roubar dentro da própria casa", pois apesar de não ter dado valor aos sacrifícios que a mãe fizera para conseguir manter a família,ele não queria que o pouco que tinham fosse abstraído de casa.

Claro que não pôde cumprir sua promessa e, mesmo com relutância, começou a roubar dentro de casa. Seu vício era maior do que o pouco que lhe restara de dignidade e respeito.

A família, como sempre, foi a última a saber. A mãe, na sua simplicidade e ignorância, não conseguia entender os motivos que levaram seu filho a entrar nesse mundo e, por vezes, recusava-se a aceitar que fosse verdade, preferindo acreditar que tudo era um mero engano e em breve tudo seria esclarecido, afinal,



tinha criado todos os seus filhos da mesma forma, não seria possível que um deles pudesse seguir esse caminho.

Com o passar do tempo, a família foi desistindo de tentar fazer com que Luizinho abandonasse o vício. Ele optou por esta vida, uma vez que não aceitava ajuda, tampouco reconhecia-se como dependente químico. Era o desgosto da mãe, que a única coisa que fazia era pedir a Deus que não permitisse que as drogas tirassem a vida do seu filho.

Os irmãos de Luizinho foram crescendo e cada um tomou um rumo, trabalhando para ajudar a mãe na manutenção da casa. Dona Sônia, secretamente, dava seu pouco dinheiro a seu caçula, mesmo sabendo que era pra comprar drogas, pois não suportava vê-lo roubar.

O pai, em uma das suas saídas, não retornou mais à casa, o que foi um problema a menos para a família, pois este era insignificante e as vezes em que passava em casa era somente para brigar e subtrair da família o pouco dinheiro que haviam conseguido a muito custo. Souberam tempos depois que ele estava morando com outra mulher.

Apesar das orações da mãe e de todas as medidas tentadas para fazer com que Luizinho abandonasse o vício, este não teve outro fim, senão o esperado. Mergulhou de tal forma nesse mundo de fantasia e ilusão que, não conseguindo mais sustentar o próprio vício, foi morto a tiros por um traficante a quem acreditava ser amigo.

Dona Sônia não se conformou com a morte do filho. As amigas tentaram de todas as formas confortá-la, mas tudo foi em vão. A princípio, ela não aceitava a morte, depois passou a não acreditar.

Mesmo tendo o apoio da família, um filho é sempre insubstituível e apesar da força daquela mulher, de todas as lutas que passara na vida e vencera, essa dor foi fatal.

Até hoje, se passar na porta daquela casa, é possível ver uma senhora bem velhinha, magricela, corcunda, a gritar pelos arredores da casa :

— Luizinho, ó Luizinho, chega de brincar de esconder que o almoço já tá na mesa, vem logo, meu filho, senão esfria”.



Desolação

Quem diria que um dia
a poesia se ausentaria como se ausentou
Quem antes diria que seria
qual noite escura,
sem lua,
o sol desse dia

Sem saída se apresentam
escada, estrada
montanha escalada terminada em abismo
Cinismo, ganância
pujança de egocentrismo

Termos que não se aplicam à todos os ternos
trinca de ases, gases inflamáveis
e faíscas nos olhares
E vamos pros ares!

Mitologia, intuição
esfinges famintas estes dias são
Realidade, desconstrução
órfãos andando na contramão

Cidadania, condenação
o cio procriando contínua sustentação
Estado? País? Nação?
Não! Apenas naufragos, naufrágios da civilização.

AMPavan!

Desolação

Angelo Marcos Pavan



Despoema

Luiz Roberto da Costa Júnior

Campinas/SP

Não lerei versos que não tenho,
e, quando tive, nunca escrevi.
Não revelei meus sentimentos,
pois o que sentia não era poesia.

Sobre o fortuito, não escrevia versos.
Não significava nada no dia a dia.
Palavra não escrita e apagada.
Pensamento esquecido e não anotado.
Ideia não usada e abandonada.

Na praia das ideias, as ondas
do mar apagavam a areia.
Linhas surgiam das palavras,
antes palpáveis tornavam-se invisíveis.
Formavam um rastro de ideias antes
inexistente, que involuntariamente,
quando menos se esperava,
em algo se transformava.

Consciente se manteve a imagem a florada,
em minha memória, para emergir gravada.

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr>



Distância

Arthur Kratza

Tietê / SP

A corrida está acirrada. O líder deu a largada em grande vantagem com um arranque absurdamente rápido, mas estagna no meio do percurso. O segundo competidor, mais lento na largada, se aproxima vagarosamente. O líder consegue avançar um pouco, fazendo uma leve curva para se mover, mas logo perde velocidade. O outro, entretanto, continua seu percurso reto e limpo, diminuindo a distância. O líder consegue se mover em curvas quebradas, mas com dificuldade. Próximo da linha de chegada, o segundo colocado alcança o líder e eles se tocam. Um absorve o outro e os dois se tornam um. A velocidade e volume do novo competidor vence o percurso e chega no final da janela. Novas gotas se formam enquanto a chuva bate na janela do carro e incontáveis corridas começam enquanto outras acabam. O garoto, focado em apostar na gota campeã, acompanha todas elas de perto.

O rádio toca "Dear God". A mãe, focada na movimentada e escura rodovia, cantarola enquanto segue o GPS habilmente. A pesada tempestade e a pressa iminente a faz palpitar. Uma mecha do seu liso e negro cabelo insiste em ficar na frente do olho direito, mas não pode lutar contra as leis da gravidade ou cometer um assassinato dos próprios fios. As luzes dos inúmeros faróis cortando a rodovia contrária e refletindo nos retrovisores aumentam sua dor de cabeça. Os convidados podem esperar. Pode, certo? Ela espera que sim.

A tempestade pesa ainda mais. Olha seu filho pelo retrovisor. Sua inocência observando a paisagem enquanto gruda no vidro a faz repensar. Encontra um posto de gasolina mal iluminado na rodovia e estaciona em uma vaga aberta. Melhor esperar a tempestade passar, pensa. Que o gerente espere.

— Mamãe, por que parou? - pergunta o filho, percebendo a mudança de percurso da sua emocionante corrida de gotas.

— Nós temos que esperar a chuva passar, meu anjo. Vamos brincar um pouco? - diz a mãe, tentando distrair a criança da monotonia da longa espera. - Que tal o Jogo das Cinco Perguntas?

Após a quinta rodada, a criança começa a emburrar. "Quando vamos embora?", ele pergunta. A mãe limpa o vidro embaçado, tentando enxergar além das



violentas gotas de chuva. Procura inspiração exterior para entreter a criança hiperativa e tem uma grata surpresa. Percebe que não está estacionada em uma vaga do posto de gasolina que encontrou na rodovia, mas no restaurante ao lado. Embasbacada, não acredita como não percebeu antes. "A urgência me cegou", pensa.

Eles saem do carro e enfrentam, por um curto tempo, a violenta tempestade. A mãe vira a maçaneta enferrujada e entra no restaurante. Sua aparência rústica e o cheiro de comida caseira abraçam a cansada mulher. A criança, que há segundos antes estava prestes a chorar por causa do banho gelado, sorri com o aroma e o calor. Ela senta em uma mesa e pede o cardápio. Seu filho adora batata frita e as come bem devagar, como se fosse um minidegustador de filletes de tubérculos fritos. Isso é ótimo para este momento, pois distrairá a criança. Pede uma porção grande com queijo, que aparece pouco tempo depois. Um local agradável. Quase uma casa de avós. O som de um violão sendo dedilhado chama sua atenção para o canto esquerdo do salão.

Sentando em um banco de bar, um homem entoia "Dream On" no seu velho violão enquanto canta em uma melodia lenta, suave e romântica. Um elástico prende seus longos cabelos castanhos em um rabo de cavalo. Sua camisa entreaberta mostra um colar de ouro com um anel de plástico pendurado. Ele canta e toca enquanto encara o piso de madeira maciça. Mesmo sem encarar seus olhos e com a aparência diferente, ela o reconhece. Seu coração para.

Ela se lembra da época do colégio. Foram apresentados por amigos de amigos. Seus distintos gostos encontraram caminhos em comum e os aproximaram. Um relacionamento com promessa de duração eterna. O tempo passou rápido demais e ele se encontrou em uma encruzilhada - seguir seus sonhos ou sua obrigação. Escolheu o dever. Se alistou. Se afastou. Se afastaram. O contato se perdeu no meio da poeira do tempo. A vida seguiu. Ela teve um filho e casou. Não necessariamente nessa ordem. Sua vida teve altos e baixos, mas se mantém estável e feliz. Até aquele momento.

Ela escuta ele tocar. Sua habilidade artística nunca deixou a desejar. Está ainda melhor, se isso é possível. Ele queria ser um cantor. Um artista. Quando escolheu deixar seus sonhos para trás, abandonou o violão. Mas aí está ele, tocando. Feliz. Fazendo o que mais ama. Em um restaurante abandonado por Deus.

Pensa em se levantar e se aproximar. Se trocarem algumas palavras, a vida voltará a ser como antes? Trocarão aquele nostálgico e caloroso carinho que tanto ansiava no passado? É possível escutar seu coração bater, mesmo com a



música preenchendo o ambiente. A dúvida e o desejo, o louco e delirante desejo, a faz tremer. Levanta. Uma pequena mão puxa seu dedo anelar esquerdo e diz:

- Mamãe, será que posso pegar mais ketchup?

Ela olha para as bochechas rosadas do seu filho. Sua boca está suja com o molho vermelho e seus dedos, engordurados. Seus olhos brilham com a felicidade que somente o amado alimento pode proporcionar. Repara que há areia grudada no seu cabelo suado, provavelmente vinda da grande ventania que pegaram entre o carro e o restaurante. Ela caminha até o balcão, pega alguns sachês de ketchup e volta para sua mesa. Rouba algumas batatas e come, deixando a criança irritada e fazendo-a rir.

Tranquila e em paz, olha para a janela. A chuva parou. Precisa tomar seu rumo original, então caminha em direção a porta. Ele toca "Wonderful", no mesmo ritmo simples e calmo. Ela para. Olha para o palco. Percebe que ele a encara. A música que os marcou durante a melhor fase de suas vidas continua sem perder o ritmo. Uma forte corrente de promessas e desejos cruza a distância entre o pequeno palco de canto e a velha porta de saída, mas nada além da música se move nestes elos silenciosos de aço. Ela sorri. Ele sorri. A porta do restaurante abre e mãe e filho saem. A música acaba.

Ele escuta o motor do carro ligar e se afastar. Seu coração se acalma. Levanta do velho banco de bar, encosta seu violão no canto da parede e segura o anel de plástico pendurado no seu colar. Inspira, solta o objeto e entra na cozinha. Uma mulher assa um frango enquanto mistura um molho no fogão. Ele a beija. Uma garota aparece correndo e abraça suas pernas.

— Papai, papai! Vamos jogar aquilo de novo, papai? O jogo das perguntas?

O homem, sorrindo, afaga a cabeça da alegre garota.

— Claro que sim, minha querida. Vamos olhar a paisagem?

A garota, em cima do ombro do pai, aponta para os carros que passam na rodovia. As luzes dos faróis dos veículos criam grandes rastros claros e pontos distantes. As estrelas brincam no céu escuro. O grande satélite natural, grande e majestoso, brilha intensamente. Ele estica os dedos na sua direção. A lua está do mesmo tamanho de sempre. A mesma lua, o mesmo tamanho. O mesmo tamanho que ela observa enquanto dirige para longe, para sempre. Para a próxima vez.

<https://www.wattpad.com/user/ArthurKratza>



Distâncias

J. Cordeirovich

São Paulo/SP

Eles se conheceram no colégio noturno, quando, ainda na adolescência se achavam crescidos o suficiente para tomar decisões e dirigirem suas vidas. Enturmados numa galera foi fácil perceber, ele, a garota sensível, atraente, comunicativa que ela era e por sua vez ela percebeu o rapaz inteligente, comunicativo e de forte personalidade que era ele. Assim foi, logo estavam juntos e entre o namoro e o noivado não levou muito tempo. Assim sendo os amigos dele e as amigas dela já conviviam e aprovavam aquela união. Pouco tempo se passou e deram de casar. Nada religiosos que são preferiram uma cerimônia feita pelo juiz e os documentos que selaram aquela união. Não passou muito tempo não, o suficiente para terem uma linda menina. Mas bem antes de engravidar ela percebeu o quanto ele era desagradável quando queria, o quanto era isso e aquilo que os deixava em desentendimento, discussões acaloradas e até ameaças de agressão. Não podia durar muito mesmo, a menina já fazendo seus dez, doze anos e eles se separaram. Ele perambulou pela vida tendo pelo menos mais dois casamentos dos quais herdou mais duas meninas sendo uma de cada casamento. Mas estes casamentos também só duraram o tempo suficiente para essas meninas chegarem ao começo da adolescência. Da primeira união, sacramentada pelo juiz, lembro-me bem pois ainda jovens era comum as comemorações de datas festivas regadas a muita bebidas e comidas, pois sua primeira esposa era e é ainda uma ótima cozinheira. Mas hoje, hoje separados ele mora no mesmo bairro num apartamento de um prédio recém-construído e ela no mesmo bairro habita outro apartamento na companhia de seus dois pets. Vivem assim hoje, próximos, mas distantes um do outro e a vida vai seguindo. Observador desta história penso as vezes o quanto o tempo e nossas atitudes nos conduzem em direções nem sempre previstas e opostas e fico imaginando ele na janela de seu apartamento mirando a rua lá embaixo esta tarde chuva por



onde ela trafega com seu guarda-chuva e coincidentemente passando pela porta do prédio onde ele mora e por acaso ela se desequilibra do salto e arreia na calçada bem em frente ao apartamento dele que desce as escadas correndo, pois mora no primeiro andar e corre a socorrer aquela mulher que pensava nem conhecer mas olhando bem, é ela, ela mesma com algumas rugas no rosto a lhe olhar angustiada e agradecer seu gesto. Imagino o inverso desta cena também quando ele passando por acaso na frente do prédio dela, numa tarde de chuva, tropeça e cai batendo a cabeça na guia e desmaiado ouve a voz dela a chamá-lo pelo nome após reconhecer aquele homem muito mais pesado e sem os cabelos longos da juventude, muito pelo contrário, uma calva molhada e manchada pelo sangue que escorre calmamente de sua testa. Estão ali os dois agora, na recepção do hospital onde ela lhe acompanhou levada pela ambulância que veio socorrê-lo. Cabe a você agora leitor, imaginar a continuidade desta história a sua maneira, pois da minha eles ainda continuam lá. Cada um no seu apartamento a olhar a tarde chuva e as pessoas passarem na calçada.





12

Doze

Angélica Neneve

Cornélio Procópio/PR

Doze horas, ela desliga o computador. É hora do almoço. Chegando ao elevador, lembra-se do celular esquecido sobre a mesa. Decide não pegá-lo, está com pressa. Camille aguarda-a ansiosa, a criança ainda mama no peito. Doze quadras. Ela entra em uma bifurcação, caminho rotineiro, anda mais depressa. Tem menos de uma hora para ir e voltar.

Ela avista alguém caminhando ao seu encontro, o arrepio que sobe pela espinha a faz querer mudar de calçada, mas ela decide não fazê-lo. Tem medo de parecer mal educada.

Um celular toca sem parar em um escritório qualquer no centro da cidade. Quem está do outro lado já se preocupa com a demora, não é do feitio dela se atrasar. Alguém atende, não é a voz dela, um colega de trabalho sem muita informação a oferecer.

No noticiário da tarde, estatísticas são lançadas ao público indiferente. Doze é o número de mulheres que são assassinadas por dia no Brasil. Ninguém ouve, estão todos ocupados em sua própria monotonia.

Camille não dorme, não mamou como de costume. Ainda espera pela mãe que não virá. O nome dela? Podemos chamá-la de Doze, se quiser conhecer as outras onze, atente-se aos jornais.

<https://www.wattpad.com/user/AngelicaNeneve>



E querem que os presidiários se recuperem?

Edson Amaro

São Gonçalo/RJ

Não quero esquecer que esse fato se deu no dia 30 de março de 2017. Um dia que começou para mim cheio de aborrecimentos: tudo quanto planejava para essa data estava dando errado. Aí eu cometi mais um erro: entrei às 16 horas em um ônibus para Niterói crendo estar atrasado para um compromisso às 17 e 30. O fato é que minha amiga e eu tínhamos combinado de nos encontrarmos às 19 e 30: ou seja, eu estava mesmo adiantado crendo estar atrasado. Não fosse esse erro, eu não estaria naquele ônibus e não teria sucedido o que vou contar.

Se eu acreditasse em Deus, diria que Irmã Dulce, a quem o Vaticano logo declarará santa, enganou-me para que eu entrasse naquele ônibus. No trajeto entre São Gonçalo e Niterói, já no bairro de Santa Bárbara, entra um homem que, com a voz já comprometida por um exaustivo esforço, começa a contar sua vida: era um ex-detento em liberdade condicional, morava nos arredores e tinha que prestar serviços à comunidade três vezes por semana naquele colégio



estadual que havia pouco víamos pela janela (limpava o chão, espanava os livros, fazia toda sorte de serviços não-qualificados), e, marcado pelo estigma da cadeia, não conseguia emprego de carteira assinada (e como conseguiria, pergunto-me eu, com três dias da semana comprometidos?); portanto, vendia doces nos ônibus. Entrara ali de mãos vazias, pois, ao sair do colégio, chegara em casa e viu que acabara o leite do seu filho caçula. E ali estava ele não vendendo doces, mas pedindo trocados, não para o leite do menino, mas para comprar doces a fim de vendê-los e conseguir o necessário para o leite e outras despesas.

Foi esse o discurso e passou de poltrona em poltrona, recolhendo doações. As pessoas – poucas – entregavam-lhe moedas de pouco valor. Desesperei-me: havia uma criança com fome; quanto tempo aquele homem de voz já rouca levaria para angariar dinheiro para os doces e, depois, quando conseguiria vender o suficiente para comprar a necessária lata de leite? Prontifiquei-me a comprar a caixa de doces que ele queria. Ele, aliviado, agradeceu, sentou-se ao meu lado e dormiu.

Saltamos no ponto final, quando ele finalmente acordou e fiz-lhe perguntas: qual sua instrução? Tivera oportunidade de estudar no presídio? Disse que fizera até a 8ª série (atual nono ano do Fundamental) e que não havia professores no presídio de Água Santa.

– Só o que tinha lá era maconha e cocaína para nos perder. Eu estou me ressocializando com meu próprio esforço. – declarou, revoltado na primeira frase, orgulhoso na segunda.

Chegamos à loja de doces. Pediu-me que comprasse uma caixa de jujubas que custava R\$ 23,10, porque, quando vendesse todo seu conteúdo, teria em mãos R\$ 60,00. Comprei e ali mesmo rasgou-a para expor a mercadoria que minutos depois estaria vendendo. Deu-me um dos mais calorosos abraços que recebi na minha vida. Desejou que Deus me abençoasse e eu apenas o aconselhei que procurasse ler enquanto estivesse cumprindo sua prestação de serviços na escola.



Fiz o bem, não por desejar que Deus me abençoe e me ajude – até porque Jesus de Nazaré, que muitos creem ser filho de Deus, disse que quem conta o bem que fez perde os créditos com o Eterno (vide o Evangelho de Mateus, cap. 6) – mas porque a ressocialização dos condenados deveria ser uma das preocupações primeiras de todas as gestões. Quando estava na faculdade, quis ensinar nos presídios, foi-me feito um convite, mas não poderia fazê-lo sem um retorno financeiro, uma bolsa do governo. Se eu não ajudasse aquele trabalhador, como poderia ter tranqüila a minha consciência quando critico a omissão do governo? E alguém acredita mesmo que um homem, com sua agenda comprometida pela obrigação de um serviço comunitário, sem instrução, e, ainda por cima, marcado por uma condenação, conseguirá emprego?

Os governadores, juízes e desembargadores do Brasil deveriam andar de ônibus, como este professor mal remunerado que escreve estas linhas. Assim aprenderiam o que é a vida real.





Encontros de Alma

Paulo Narley

Teresina/PI

Conheceram-se em uma noite qualquer de março. Conversas já rolavam em um destes aplicativos de *fast foda*. Conversas, nem um “nude” ou algo do tipo. Conversavam, trocavam ideias sobre a vida. Certa noite, em meio a uma brincadeira, decidiram mostrar seus corpos despidos; mas, antes disso, já haviam despido algo muito maior do que o corpo físico. Haviam despido as almas, as essências.

Um estava se formando em Letras. O outro estava concluindo o curso de Direito. Um era chegado à poesia e se escondia entre linhas mal traçadas de poemas sem rima; o outro era todo leis, artigos... Mundos meio diferentes, não há quem possa negar. Mas, quando o encontro é antes de alma do que de corpo, as diferenças não se apagam e nem distanciam, completam.

Continuaram despindo suas almas aos poucos por mais alguns dias. O “letrado” terminava sua semana de formatura, a tão sonhada formatura. Em meio a choros e risos de felicidade, haviam aqueles sorrisos e risos presos na tela do celular, escritos em mensagens.

Em uma dessas noites frias, decidiram marcar encontro para o dia seguinte. “Passa aqui agora, só para me dar um beijo” – um deles disse e, como se a urgência fosse sentida também do outro lado da tela, a resposta logo chegou: “Passo”. E então, o que era para ser apenas um beijo, acabou se estendendo por 4 horas. Conversaram, trocaram olhares, beijos, carícias. Chegaram a se despedir mais ou menos cinco vezes e não conseguiam de fato dizer “tchau”. Até que sentiram a necessidade de despir os corpos e uni-los. E dançaram naquele quarto iluminado, enquanto a chuva caía lá fora. Após a dança, se abraçaram e ficaram em silêncio, enquanto suas respirações se acalmavam. Um em cima do peito do outro. Ainda unidos pela vontade, mesmo



que não dita, de estarem ali, perto. Assim é quando o encontro é antes de alma do que de corpo.

Conversaram ainda sobre a vida de cada um. Sobre aspirações futuras. E, por mais que falassem, parecia que sempre havia mais a ser dito. Um encontro de almas. Raras são as vezes na vida em que se encontra alguém assim.

Não cansados da companhia um do outro, mantiveram o combinado de se encontrarem no dia seguinte. E no dia seguinte. E no outro dia. E assim estão por alguns meses. A cada dia uma peça nova da alma é despida. Momentos são compartilhados. Muros são desconstruídos. Em meio a filmes, séries, shop's. Conhece um amigo aqui, apresenta para outro ali. E vão se conhecendo e reconhecendo a cada dia.

Não são duas metades. São dois inteiros que decidiram se juntar, não por estarem incompletos, mas pela pura vontade de ficar juntos. De serem inteiros juntos.

É engraçado esses encontros de alma...

Instagram: @teescreviumacarta





Equilibrista

Leandro Sousa
Teresina/PI

Passeia na tênue linha da vida
Arrisca-se na efêmera estrada
Entre o sonho e a realidade
A fé e a necessidade
Pressa na reza a prece que pede
"Senhor! Olhai mais os desgraçados"
Desabafa nos versos que escondem
Lamúrias e angústias entrelinhas
A sorte do poeta equilibrista
Lançada nos dados
Joguetes divinos





Estou Vivo

Robinson Silva Alves
Coaraci/BA

Meu coração
De repente bate
Volta a bater
Meus olhos abrem-se
Vejo o sol nascer

Arranco o nó da gravata
Que sufoca
A brisa suave
Suave toca

Palavras nascem
A letra brota
Versos fluem
Na veia aorta

A vida insiste
Bater à porta

Uma lágrima escorre
Tão esquecida
Lembram lembranças
Da inocência perdida

Tempos de esperança
Da antiga alegria
Tempos de criança
Da pura fantasia

Feito fênix
Volto da morte
Renasço das chamas
Da fria sorte



Levanto da lápide fria
Ouço pássaros cantar
A doce sinfonia

Minhas mãos trêmulas
Tomadas de fúria e ousadia
Ousam desafiar
Escrevem uma poesia

Retiro meus sapatos
Para sentir o chão
Estou vivo de novo
Sinto pulsar meu coração

Um grito rouco
Ecoa na multidão
Grito de liberdade
Grito libertação

Acordo do túmulo omissão
Sinto o ar no peito
Oxigênio inspiração

Feito zumbi caminhava
Em uma existência vazia
Hoje sinto a vida
A mais linda poesia.

Estou vivo.





Excrecências

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

Difícil viver um dia inteiro, limpo, livre das excrescências, das dormências dos músculos, já os nervos, assumidamente tenso, chamam de louco todos os que desejam ser feliz. Ainda assim eu não me embato com ele, vivo o que posso, já que dormimos juntos por uma vida inteira.

Dou de beber às madrugadas para matar minhas sedes de aurora e de orvalhos,

Um líquido raro nos olhos de hoje, uma consternação da natureza, chateada com tantas agressões.

Por dias inteiros os rios atravessam a cidade, veem de longe e carregam reclames de pudores, os que impedem que certas partes do corpo sejam expostas com naturalidade, sem constrangimento

à noite os corpos nus expõem suas essências, refletidas nas águas, apenas para os olhos despudorados

O tempo de ver a luz chegam como mensagens em lanternas, em pirilampos entregues por carteiros,

Tudo mudado, reza ainda a lenda que só ama verdadeiramente quem morre por amor, eu, ainda que intenso, exalo sentimentos de comiseração, choro por mim então, que nunca vi um amor verdadeiro, porque vivo.



Fado Curitiba

R. Sandrini
São Paulo/SP

Mas veja que pouca sorte
Outro rosto a perecer
E Curitiba é quem sofre
Fica a chorar outra vez

Ó dono de tantas posses
Roubado foste por quem
Sofre a coita dos mais pobres
E tira de quem já tem

Ainda após o duro golpe
Recusaste a se render
Tu mexeste com quem pode
Fazer o sangue verter

Mas tu nunca revelaste
A ninguém podia dizer
Do coração não cuidaste
Até parar de bater

Mas veja que pouca sorte
Outro rosto a perecer
E Curitiba é quem sofre,
Fica a chorar outra vez

Agora sofre o lapim
Àquele que o dono era
Criara ter posto fim

A rezar sobre o cotim:
"Pela fome que me dera
Obsecro, cuidai de mim"





Falta de Tato

Lucas Luiz
Guararema/SP

há dias como se você não existisse
apenas uma sombra à distância
para além da memória

como se num outro ponto
não tomasse mais café
ou sorrisse enquanto
toma por seus os estranhos

há dias como nossas conexões
fossem puramente algoritmas

estivéssemos a anos-luz
à vista apenas o fantasma
cubinhos de gelo colados ao céu

há dias como se não existisse nunca
você & tudo & muito menos eu

fossemos engasgo do nada
voltando num susto
ao estado natural
de coisa alguma

poeminhoscult.wordpress.com/
facebook.com/poeminhoscult/



Farid é um Mágico

Maria Monda
Belo Horizonte/MG

Farid é um mágico. Ele é dono de uma loja no centro, onde passa o dia inteiro, tentando com que todos acreditem que é fotógrafo, mas eu conheço seu segredo. Descobri o outro dia, quando minha mãe me levou para ele. Na escola pediram fotos para novos cartões. Não entendo por que não foi ela mesma que tirou.

Minha mãe diz a todos que ela é advogada, mas, na verdade, ela é mais uma fotógrafa do que uma advogada, porque, com o telefone, ela tira fotografias em todos os lugares, sempre. Meu pai também é um fotógrafo que diz que é um advogado. Ao contrário da mãe, ele tira fotos com uma máquina que pagou muito dinheiro. Eu sei porque quando eu pedir permissão para tocá-la, ele sempre me diz - Por amor de Deus! Não se atreve! Essa machina me custou um capital.

Pensando nisso, conheço muitos fotógrafos. Todas as pessoas que dizem que fazem outra coisa, mas, eu as vejo, elas sempre tiram fotos.

Especialmente no domingo, especialmente em restaurantes.

Quando saímos, minha mãe me disse que estava me levando para Farid porque eu precisava de fotos pequenas, aquelas para documentos e ela não sabia como fazê-las. Mas acho que ele não queria fazê-las. Desde que eu tive o acidente, ela parou de me fotografar.

Aconteceu há mais ou menos um mês. Eu estava no jardim, brincando com Rosa e Adele, minhas primas. Ambas são maiores que eu e, quando ninguém nos controla, elas sempre me tratam mal. Mas para mim não importa, porque sei que quando eu crescer, elas vão me amar.

Naquele dia, Adele estava usando um anel de tia Marianna. A tia Marianna é a irmã da minha mãe e tem muitas joias. Mamãe me disse que são todos presentes que o tio Vito faz para compensar e que ela preferiria mil vezes comprar bijuteria sozinha, ao invés de aceitar esse tipo de presentes. Mas não entendi o porquê. Adoro todas essas joias e, se meu tio Vito quisesse ser perdoado por mim, eu gostaria receber um colar.

Eu pedi a Adele para me deixar experimentar o anel e ela disse que não. Então eu ameacei que se ela não me deixasse experimentar o anel, eu contaria pra todos sobre aquela vez que eu a vi se beijando com Mario, o filho dos nossos vizinhos. A tia Marianna nem quer que ela fale com ele e, com certeza, ficaria furiosa se soubesse disso. Então, Adele tirou o anel e jogou-o na minha cara, mas sem me avisar.



Era um anel pesado, com uma pedra amarela e polida, e me atingiu no olho. Doeu tanto que, se penso nisso, ainda quero chorar.

Meus pais já me levaram para o hospital muitas vezes. Os médicos dizem que é muito provável que eu perca meu olho. Meus pais estão muito preocupados e tristes, mesmo que eu tente tranquilizá-los que não tem nada a temer. Eu já perdi três dentes e todos eles cresceram de novo.

Com certeza, se eu perder meu olho, também vai crescer de novo. Por enquanto, estou com uma venda. Eu estava de olho tampado mesmo quando fui à loja do Farid.

Antes de me fazer sentar no banquinho, mamãe perguntou se podia tirar a atadura.

— Por favor, mãe, não! - Eu disse. E antes de acrescentar qualquer outra coisa, Farid sorriu para mim e me disse para não me preocupar porque ele teria tirado fotos muito bonitas.

Então ele se aproximou de mim e, com dois toques leves, colocou meus ombros e meu rosto. Ele pegou a máquina, muito mais bonita do que a do pai, puxou o botão e deu vários cliques.

Quando ele terminou, foi para outro quarto. Eu queria segui-lo, mas mamãe me impediu.

E é aí que ele fez a mágica, porque quando ele voltou e me deu as fotos, elas eram lindas demais. Nas fotos de Farid, eu não tenho nenhuma bandagem e meus olhos são perfeitos.

Farid é um mágico, embora ele diga que é apenas um fotógrafo. E a próxima vez que eu perder alguma coisa, voltarei para ele, porque com seus feitiços ele faz as coisas reaparecer, mesmo aquelas que, por própria conta, nunca reaparecerão.





Filhote

Fernando Neneve
Cornélio Procópio/PR

Havia tristeza em seu olhar: sentado no banco da praça ele fitava o horizonte sem conseguir enxergá-lo, de fato. Estava escuro e era só meio dia. O Sol, eclipsado por pesadas nuvens de chuva, brilhava timidamente por trás da cortina de ferro: terça-feira estranha para se dizer o mínimo.

Estava tão feliz pela manhã: sorria inocentemente enquanto corria atrás das borboletas no jardim. Prometi que iríamos ao parque mais tarde e ele não se continha de tanta alegria. Não é todo dia que se comemora dez anos, não é mesmo?

O Sol desta manhã não se parecia em nada com este, o aniversariante menos ainda. Os últimos dias de férias passam sempre muito mais rápido que todos os outros e a realidade começava a bater à nossa porta.

Ele adorava comemorar aniversários, ansiava por isso o ano todo. Em Dezembro, ao entrar de férias, ele sabia que viriam as festas de fim-de-ano, as férias inteirinhas e o seu aniversário, em Fevereiro... os dias mais felizes que ele poderia ter. Porém, quando seu aniversário finalmente chegava, ele sabia que teria de enfrentar o ano todo até que as férias chegassem novamente - quando ele compartilhou esse pensamento comigo, no ano passado, fiquei perplexo. As crianças de hoje em dia são muito calculistas, pensei comigo.

Sentia saudades da mãe, também. Acho que ele não assimilou muito bem o que aconteceu e creio que ele ainda a espera chegar, todos os dias, aos fins de tarde. Já não chora mais, porém ou pelo menos não com tanta frequência...

Eu choro: o peso da saudade é quase insuportável e a pressão que enfrento por ter de sorrir e ser forte ante tudo o que aconteceu é esmagadora. Mas sorrio, enfim, por ele: jamais me perdoaria se a infância de nosso filho fosse roubada por essa tragédia...

Mesmo depois de seis meses eu ainda não consigo aceitar o que aconteceu, ou por quê... Mas não havia nada que eu pudesse fazer, nada. Sinto tanto a falta



dela... e sinto uma parcela de culpa, também, por saber que ela não estará aqui para ver o Pedrinho crescer.

A chuva começa, precisamos ir embora. Ele diz que quer ficar e chora. Pergunta pela mãe... não sei o que dizer. Sento-me ao seu lado enquanto a chuva engrossa. Se eu não soluçar como quando estou sozinho ele nem vai perceber que eu estou chorando também. Precisa de mim, mas não tanto quanto eu preciso dele: é por ele que eu ainda estou aqui, fingindo ser forte. Puxo-o para um abraço, o vento frio me arrepia. No céu, relâmpagos iluminam as nuvens de quando em quando, como flashes eternizando nosso luto: melhor irmos embora. Ele se demora um pouco, ainda, mas para de relutar.

O caminho de volta para casa é silencioso. Quando chegamos, peço-lhe que tome um banho quente para evitar um resfriado. Ele vai direto para o banheiro e nem presta atenção à sala de estar.

Esperamos por ele ali, mas não por muito tempo. E quando ele nos vê não segura um sorriso tímido. Poderia ter sido uma festa surpresa, mas achei de mau gosto e todos concordaram. Não sei se ele seria capaz de suportar, mas tenho certeza de que eu não conseguiria.

Os dias difíceis estavam só começando, e enfrentá-los sozinhos era ainda mais doloroso. Sua mãe é insubstituível e o lugar dela em seu coração está guardado pra sempre... mas eu duvido que não haja espaço nele pra um cachorrinho.

<https://www.wattpad.com/user/Ikkering>





Ganha-pão

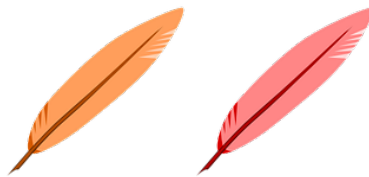
Débora S. Consiglio

O acordar,
a roupa,
o banho,
a espuma,
o rosto,
os pés,
o torso.
Café,
sapatos (malditos sapatos),
rua,
sinal da cruz,
que hoje eu não seja assaltada,
Jesus.
Ônibus,
mesa,
papel,
computador,
a tela,
a luz,
os óculos,
o cansaço,
óbvio.
Relógio,
levantar,
a porta,
lotação,
aperto,
os cheiros,



academia,
que jeito?
Banho,
miojo,
cama,
sonho,
fuga,
rotina,
sem descansar.
Chorar,
apertar,
repetir,
reiniciar.

<https://www.facebook.com/pg/PuroEntretenimentoELiteraturaSemPretensao>





Haicai da Liberdade

Franciele Flach
Porto Alegre/RS

Sozinha na sala
Embalada pela música
Era como Terpsícore.





HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Coitado do pato:
deitou no banquete
e caiu do prato**



Haikai Engraçadinho

Jorginho da Hora - Simões Filho/BA



HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

**Além do chato sermão,
vejam vocês, o pastor
se chamava Simão**



J. DA HORA



Haikais

Sonia Regina Rocha Rodrigues



Em vôo rasante,
pássaros acompanhando
Meu barco no mar.



Um gramado rosa -
Pétalas de cerejeira
Caem de mansinho.
Sonia R R Rodrigues





Helênica

Paulo Ras
Paranaguá /PR

Não me abandone em meio ao cerco dos três mil dias.
Jamais morrerei por Troia,
Jamais me desatinarei da vida.
Sou todas as Helenas que puder ser,
E tornarei ao meu aconchego,
Aos meus laços, ao meu leito.
Não ficarei à margem do destino,
Não me entregarei às perversões dos bárbaros,
Dos insanos, dos fracos.
Coroarei a mim mesma,
Corarei a plateia estupefata com os panos leves,
Translúcidos, voando pelo ar até então sem perfumes.
Verão minha nudez tácita,
Meus acordos mágicos,
Meu poder fêmea,
Minhas devassidões ininteligíveis e silentes,
Que só explico em detalhes
No teu ouvido tolo de fingir inaudições.
Sou todas as deusas do teu panteão tão decadente.
Sou profusa, confusa,
Mil perdões em um seio,
Mil desejos em outro.
Escolha, farte-se então da minha clemência
E das minhas fomes
Prostrado aos meus pés
Feito o último suspiro desesperado
Ecoando pelo resto dos teus dias.





Venha.

Há calma voraz nesta cama de devorar.

Tua alma aprisionada, Perséfone sou eu.

Tua carne sem forças,

Me clame pelos recantos "Nyx, Nyx...",

Pela noite que te sucumbe, te engole, te extenua.

Não me abandone em meio ao cerco dos tantos mil dias.

Jamais morrerei por Troia,

Nem por teus cânticos,

Nem por teus pedidos de perdão.

Sou todas as Helenas.

Nudez, poder e glória

Sobre teu corpo subjugado e mendicante.

Sou meu Olimpo e tua perdição eterna

Do tempo em que me fiz mortal

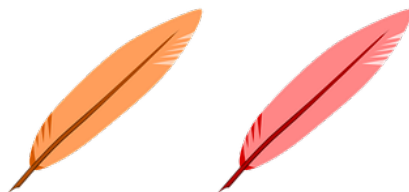
Para tuas fraquezas tão distantes,

Tão infantes,

Sem um orvalho sequer

Do meu perfume de tantas coragens.

<https://www.facebook.com/paulo.ras.9>





Hostis Ditos Entulhos

Caroline Cristina Pinto Souza

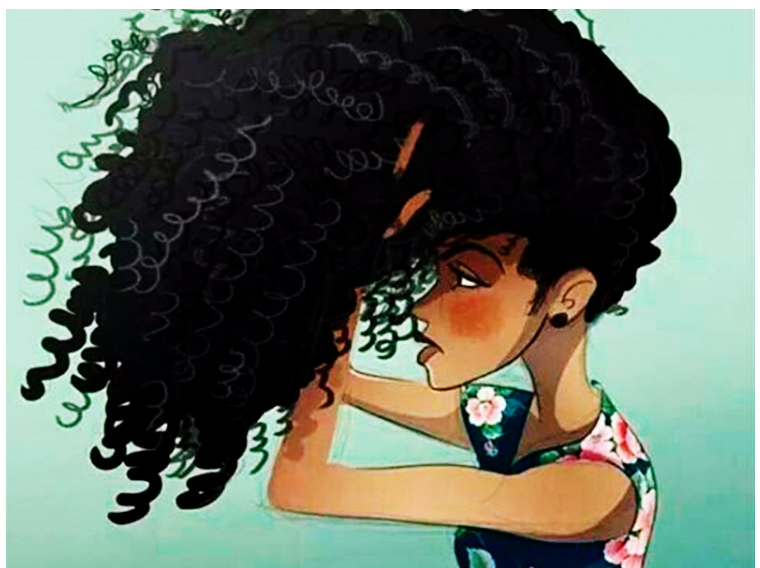
Botucatu/SP

Tanto se enojam dos meus crespos fios -
Negras feições esquivadas num passo.
Soltam-me racistas olhares frios,
Querem que eu me envergonhe de meus traços.

Como, se tão belos? Deles me orgulho!
Admiro bastante esta intensa etnia;
"Pichaim", "ô bombril", hostis ditos entulhos -
Fúteis preconceitos em demasia...

Sinto pena dessas frívolas almas
Muito esvaziadas de caráter, ética
Ciente de meu destacado ser, calma
Subo os degraus do sucesso, energética!

As injúrias em assíduo combate
Pelas negras peles em disparate.





Inominável do Além

Gerson Machado de Avillez

Rio de Janeiro/RJ

"O Medo de coisas invisíveis é a semente natural daquilo que todo mundo, em seu íntimo, chama de religião."

Thomas Hobbes, Liviatã - 1651

Iraque, 2015

Seu único erro fora não aceitar professar as mesmas convicções religiosas de seus algozes. A negação da fé alheia desencadeou então uma sequência de crimes o qual o Estado Islâmico alegava ser "consequências de negar Alá". Assim ela viu seus pais morrerem como o Cristo que eles acreditavam, crucificados de modo ímpio e profano viu o sangue de sua família escorrer lentamente em meio aos gemidos de seu flagelo como moribundo epitáfio de dor. Agora, ela não mais aguentava ser vendida como "esposa" a fim de atender os deleites sexuais doentios daqueles fanáticos radicais.

Mas aquela noite tudo mudaria. Quando seu quinto "esposo" adentrou o recinto a fim de violar mais uma vez a jovem, ela fechou os olhos e submergiu em seu inconsciente como vã tentativa de fugir de si mesma ante a atroz situação. Após a primeira vez que fora deflorada ela não sentia mais muitas coisas com seu clitóris extirpado, permanecia praticamente estática como um boneco de carne ante o rufar da respiração dos sexualmente famélicos seguidores do Alcorão, isso até ouvir gritos e um vociferar tenebroso dos homens que aguardavam seu Madhi.

Tiros irromperam e interromperam o coito daquele ser de moral estropiada por seu fanatismo, por um instante pensou ela que estaria sendo resgatada por uma tropa da ONU, mas milagres não existiam num Oriente Médio sob o mando daquele grupo.

O homem vestiu as calças e pegou seu AK-47 porta a fora. Era noite escura, mas naquele momento ela vislumbrou apenas um intenso trepidar de uma luz que chocou o homem que parecia estar repentinamente paralisando ante uma tenebrosa visão.

A jovem lentamente pegou seus trapos os vestindo em frangalhos e aproveitando a situação saiu de soslaio pela porta dos fundos. Gritos e gritos se ouviam em meio aos tiros, mas temendo fintar diretamente a fonte da luz apenas lhe deu as costas rumo a aridez desértica da região. Cambaleou de um lado a outro, extenuada de cansaço, tropeçou numa pedra e caindo de joelhos sentiu sangue escorrer de suas vísceras pouco tempo atrás penetradas a contragosto dela. Porém, naquele momento a luz cessou assim como os tiros e as vozes de medo, o silêncio prenunciava a morte.

No dia seguinte um pastor atravessava ovelhas quando notando uma espessa fumaça cinza resolveu aproximar-se do vilarejo. O que encontrou



provocou perplexidade e consternação, uma visão de moradores, membros do EI e mulheres com os corpos torcidos no chão, dispostos apenas como um amontoado de carne sem ossos. Seus olhos esbugalhados fintaram o horror indescritível.

O homem ao retornar a sua morada apareceu insano ante os seus reverberando tamanha consternação e perplexidade que culminou em sua morte. Porém, como a ignorância é o combustor do fóbico oculto não sabiam que o precedente a sua loucura fora um encontro o qual poucos saíam sãos. Ele perdeu a sanidade apenas de ver o que um mal inominável fez.

A jovem que fugira havia adormecida aninhada em si mesma, até que ao amanhecer sentiu as cutucadas de alguém. Ao abrir os olhos contra a luz ela fintou silhuetas de vários homens e por um instante recuou temendo mais do mesmo, abusos. Porém, ao invés disso ela viu uma mão estender-se em sua direção.

— Somos a Brigada Babilônia, mas pode também nos chamar de Resistência Cristã Iraquiana. — Diz a voz num tom acolhedor. — Não há o que temer a gente.

— Soubemos nas vizinhanças de que o EI estava por estas bandas, mas parece que alguém chegou antes. Sabe o que aconteceu lá? — Indagou o segundo homem a pegando pelos braços enquanto se levantava e o primeiro lhe dava um pouco de água do cantil.

— Não fora a ONU ou os americanos? — Respondeu ela quase num balbuciar.

O homem negou com a cabeça e disse.

— Não foi nada conhecido, nunca vimos nada assim.

Quando os homens retornaram entraram no pequeno vilarejo dizimado. Todos haviam sido indistintamente mortos, mas por algo indescritível que não utilizou quaisquer balas ou se quer ataque de armas brancas. A jovem ao caminhar viu os corpos contorcidos, mas não da maneira imaginada, mas como se tivesse literalmente torcidos num semblante de dor inexpressível, sem nenhum osso do corpo.

— Nunca vimos nada assim, aparentemente os corpos foram dessoados e torcidos como um pano de chão. Sem incisões ou cortes, apenas foram literalmente liquefeitos aos rasgos.

A jovem engasgou um choro ao contemplar a aterradora imagem, seu choque não bastando as atrocidades que passaram agora clamava por um testemunho, porém, a única sobrevivente fora curiosamente a única que não fintou diretamente algo inominável.

— Gostaríamos de agradecer quem fez isto, pois matou um dos líderes do EI, todavia aparentemente não sabemos nada sobre, como fez e o que o motivou?

— Naturalmente isso não é obra de uma só pessoa, isto se for algo humano.

A brigada Babilônia havia sido batizada com esse nome por alusão ao lugar de onde surgiu que há milhares de anos era onde existia a antiga Babilônia que outrora tornou cativo Israel. Já hoje acostumados a extrema violência da região,



muitos se juntaram o grupo a fim de não serem exterminados acossados. Porém, os homens não sabiam como reagir ante aquela situação sem precedentes.

Tão logo a notícia correu por todo país, mas misteriosamente fora abafada dos noticiários internacionais. Não demorou para que chegasse até a ONU que imediatamente enviou um observador e investigador a fim de constatar evidentes quebras de direitos humanos. Todavia sem um desfecho plausível o caso permaneceu sem um possível suspeito se quer.

Jonhhy Pax era um observador que selecionado para a ingrata missão juntou-se a Brigada Babilônia ao lado do investigador, Kevin Reynolds. Fotos foram tiradas, amostras colhidas, mas resultados foram inconclusivos. Escolados por soldados da ONU e sob os olhares atentos da Ali Nashiff, o líder da Brigada Babilônia que encontrou a jovem soube do pastor que supostamente teria enlouquecido ao contemplar a aterradora cena.

O homem que permanecia inerte fingendo o vazio chamava-se Kali Akab e estava diante da parente quando Ali aproximou-se a fim de interrogá-lo. Consternado o homem murmurava palavras indecifráveis repetidamente, quando tocado por Pax ele deu um salto e desatinou a chorar abundantemente. Era um sobrenatural inverso o que finto, uma visão do inferno, disse. Porém, sabiam aqueles homens que o enfado do fanatismo e ignorância torna a pureza agradável dos milagres sobrenaturais numa angustiada penúria imoral, como se o âmago do inferno vertesse a tocar o céu. O exagero era o pecado predileto do diabo.

— Babilônia tornou seu Ifrit! Babilônia tornou... — Disse o homem murmurando repetidamente. — Babilônia tornou seu Ifrit!

— O que ele disse? — Indagou Pax perplexo ante o comportamento do homem.

— Ele relaciona o ataque a um tipo de demônio oriental que habitaria a Babilônia antiga. — Respondeu Ali.

Os ifrit eram entidades míticas o qual esparsos relatos relacionavam a atrocidades. Um ser que adora ocupar as trevas, o silêncio e lugares vazios, atua no sugerido, no aparente, pois é algo que apenas parece e que se acha. Todavia supostamente aquela entidade era uma versão remota e incomum do filão que atormentava o imaginário da região há séculos. Por mais fantástico que fosse o incomprovado assim como suas afirmações era a única coisa o qual se trabalhar quando receberam mais um alarme de uma ocorrência numa cidade vizinha.

Todos os homens se locomoveram a região que não bastando a desolação da guerra com um povo aflito agora havia sofrido um ataque do mais inescapável. O que encontraram não fora diferente do vilarejo, com uma disposição de corpos desossados em agonia perpétua. Em meio aos mortos, porém, havia um sobrevivente, porém, cego.

O homem balançava-se nervosamente para trás e para frente estendendo suas mãos para os céus enquanto pronunciava repetidamente o nome de Alá, seus ouvidos ouviram a aflição inominável de suas vítimas. Pax acolheu o homem e lhe deu água que parecia negar prontamente.

— O senhor poderia dizer o que aconteceu aqui? — Indagou Ali fingendo-o zelosamente.



— Mesmo sendo cego contemplei o medo. — Respondeu o homem. — Que Alá me livre, era o demônio da fundação.

— Que fundação? — Perguntou Pax ao mulçumano que apesar de não ser fanático como os membros do EI via em seu credo refúgio ante os temores do inominável.

— O Estado Islâmico despertou algo muito antigo. Babilônia, era o Ifrit desconhecido! Ele deve querer restaurar a Babilônia final.

Enquanto os homens interrogavam aquele cego, os demais rondavam o lugar até que se encontrou um celular nas mãos desossadas de uma das vítimas em que aparentemente havia gravado em áudio o momento do ocorrido. Um soldado pegou de suas mãos após fotos serem tiradas quando um outro homem se aproximou de frente de uma loja afirmando haver gravações de uma câmera de segurança.

Os homens esperavam ter respostas, porém, o que se ouviu e viu fora não menos incógnita e medonho do que as dúvidas que perfilavam ante os corpos estropiados de suas vítimas. Pax pegou o celular e ao reproduzir o áudio ouviu os gritos de agonia e dor de suas vítimas que clamavam por Alá em vão. Mulheres recebiam ordens de fugir com os filhos mas pegas pela curiosidade ao fintarem o perpetrador das atrocidades eram igualmente pegas. Enquanto isso alguns homens pediam repetidamente para elas não contemplarem a visão aterradora. Ao rodar o vídeo o ponto onde a criatura havia manifesto mostrava apenas um borrão trêmulo de luz enquanto duas vítimas a seu redor eram contorcidas por uma força imensurável e intangível. As imagens tinham interferência como de alguma fonte de eletromagnetismo tornando difícil a compreensão. Pax engoliu a seco e tomou um gole a mais de café, enquanto que para Ali algo apocalíptico havia sido liberto pela eclosão do Estado Islâmico.

Para a ciência o mal não existe. Das ciências sociológicas e a antropologia o relativismo desatina a compreensões vagas, ausentes de paradigmas, mas que eram desfeitas ante um mal que apesar de indescritível era absoluto e universal. Sobretudo perceberam que aquela entidade seguia um percurso até antigas ruínas babilônias, um caminho que segue pelo número de mortos e desaparecidos pelo trajeto, nenhuma pessoa que o encontra sobrevive, nenhum que pudesse fintá-lo diretamente. Aquilo que perseguiram não poderia ser daquele mundo.

Pax e Ali viraram-se e viram o cego balançando-se ao repetir a palavra "Ifrit". Ele gemia entre um pedido e clamor a Alá, o único deus que conhecia.

Ao disporem um mapa da região perceberam que a entidade fosse o que fosse seguia uma direção e o trajeto indicava que o próximo ponto era as ruínas babilônia onde o qual o Estado Islâmico novamente se encontrava. Temerários, os homens, porém, tinham a curiosidade e o dever moral de resolução do caso como força motriz no empenho de impedir aquela coisa sem definição. De modo que incumbidos daquela missão tinha de deter aquele terror prolífero naquele ambiente hostil de guerra, violência e destruição.

Todos partiram em direção ao sítio arqueológico, mas quando se aproximavam viram um carro de rebeldes do Estado Islâmico aterrorizados fugindo em sentido oposto. A Resistência Babilônia fechou o carro os cercando,



porém, os homens que vociferavam nervosamente em polvorosa correram e sem reagir foram em maior parte metralhados. Um deles pulou do jipe e correu para o deserto quando fora pego por Pax. Fintando-o com os olhos esbugalhados aqueles homens que eram por si afeitos ao terror pareciam ter sucumbido a um terror ainda maior que o infligido por eles aos inocentes.

— Allauh Akabar! — Vociferou o homem de modo insano quando fora indagado por Pax.

— Do que estão fugindo? Responda!

— Nosso terror não pode contra o pai de todos horrores! — Vociferou o homem. Todos estamos mortos! Mortos!

— Você viu a criatura? Responda! — Vociferou Pax, mas o homem balançou a cabeça em recusa dizendo.

— Vê-lo é a própria morte!

O homem se sacudiu e soltando-se pegou uma pistola de um dos soldados, mas ao invés apontou como se fosse para atirar em Pax e então de supetão o soldado reagiu atirando em seu peito.

O homem caiu ao chão balbuciando em meio ao sangue que fluía de sua boca que Alá o recebesse no paraíso com suas virgens quando desfaleceu ao concluir seu epitáfio.

Os homens tornaram a seus carros e seguiram em direção as ruínas que ao longe se via uma coluna de fumaça que se erguia negra nos céus azuis e quentes. Os carros quando chegaram viram corpos desfeitos em carnes sem ossos pelo chão. Seguindo o caminho de destruição e morte ouviram alguns gritos dentro das ruínas levando-os a sinalizar o perigo ainda ocorrendo de modo a todos empunharem suas armas. Pax caminhando na frente, chegou ao fim de um corredor quando deparou-se com um membro do EI que lhe fintou diretamente seus olhos num semblante de horror e medo avassalador e inexorável. Largou a arma ao chão e virou-se para trás de onde vinha uma luz intensa e trêmula.

Pax viu-se cara a cara com o inominável e perplexo viu o corpo do terrorista dar várias voltas em si mesmo no ar fazendo o rosto virar-se para trás e uma perna para frente e outra de costas quando seus olhos esbugalhados agora perdiam a vida ao fintar o vazio. Caiu ao chão como um saco vazio de carne, como uma roupa de pele que havia sido esvaziada de seu conteúdo. Aquele mal era inescapável.

— Agora entendo, se vocês verem isto será tarde demais. Não relatem isso para ninguém, não olhem é abominável, fujam! É a morte, o medo. — Relatou ele no rádio.

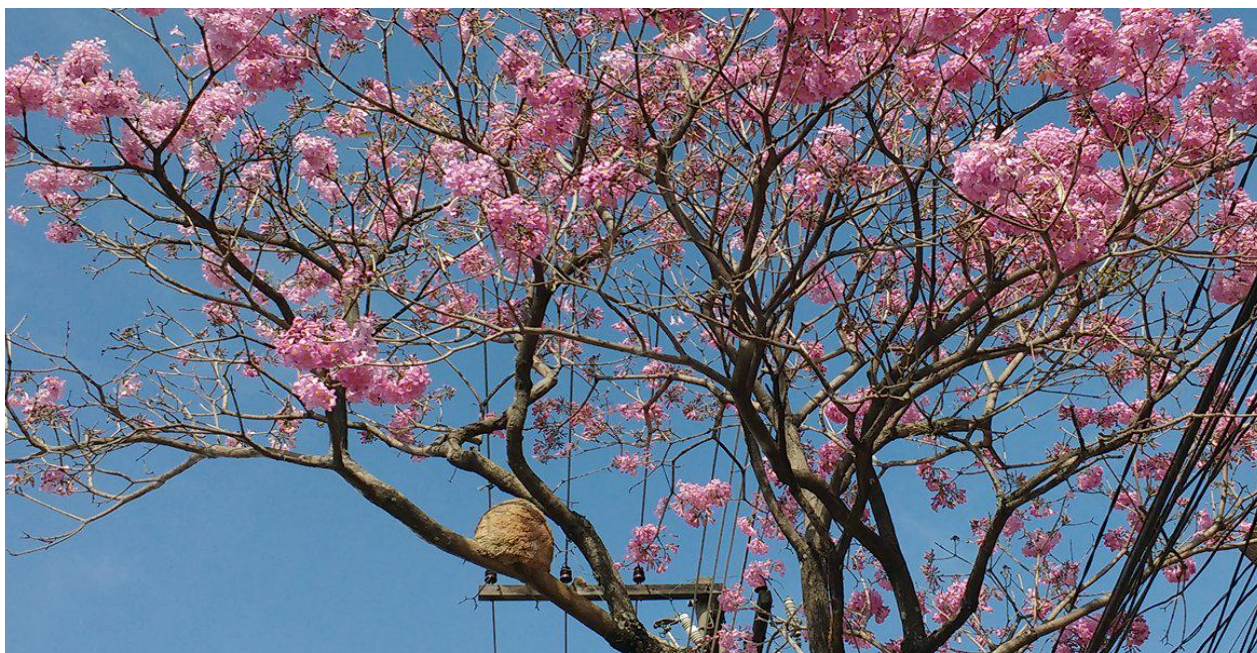
Pax engoliu seco e viu que aquele era o fim, o fim de tudo. Acabou.



Joana

Bruno Valverde
São Paulo/SP

Flor de sentimento
Flor de coração
Rosa que nasce no deserto da solidão
Seus lábios de morango
Soltam águas que pegam fogo
Seus barcos de lágrimas
Que navegam nos mares da solidão
São camelos
Que navegam no deserto da solidão
Flor de ódio que ama
Flor de amor que odeia
Flor do silêncio que fala
Flor da voz que silencia
Oásis do meu deserto
Flor que solta lágrimas que ri
Flor que ri chorando
Corpo da minha alma
Abelha fazendo mel
Beija flor parado no ar
Companheira da solidão
Rio da floresta
Barco de nuvens que navega no céu
Barco de flores que navega na floresta
Deserto de água que navega na terra
Mar de sentimento
Rio de sentimento
Negra haitiana
Índia boliviana
Branca portuguesa
Vinho que me embriaga de amor
Lábios de uva
Que beijam o céu da minha boca
Flor de perdição



João de Barro

Sigridi Borges
São Paulo/SP

João, que ideia foi essa?
Fazer tudo sem pressa,
perfeição é o que interessa?

Dá um voo, desce a serra,
em seu bico traz a terra,
na corrida vence a guerra.

Um arquiteto. Intuição?
Visual de emoção!
Deve ter feito com o coração.

João de Barro, sua casa
é doce abrigo.
Voa longe, bate as asas.



Licença Poética

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Tire um tempo
Ouça...
O que?
O silencio!
O som do vento...
Respire fundo!
O ar.
Importante elemento.
Com licença!
Não importa a sua crença.
E sim a cor de seu sangue
Vermelho!
Vermelho universal...
O universo...
Em verso.
Pense!
Nesse instante que respira o ar e escuta o vento enquanto passa o tempo.
Os astros!
Grandes planetas giram em movimento em torno de si
Sentido fuso horário ou ao contrário
Eles dançam a valsa do tempo
Ao som da orquestra do movimento...
Salve a ciência!
Perdão aos cientistas
Numa versão poética
Me curvo!
E peço licença.
Em silencio
E penso!
O grande criador!
O que nos criou.
Arquiteto com uma consciência superior!
Com a sua enigmática equação
Ele calculou a volta dos astros
Em torno do sol



O grande sol o qual ele nos presenteou.
Olhe!
A lua o amor impossível do sol.
O grande astro rei reverenciado pelos astros súditos
Ao som da orquestra do universo.
Observe!
Ele!
Também observador
De tudo que ele criou.
É tudo tão belo!
As galáxias e os seus mistérios...
Noite...
Dia...
Lua, sol, lua, sol...
Beleza sublime e infinita.
Constelação de estrelas
No negro céu
Que no dia era azul.
Amanheceu!
A consciência superior às estrelas ele ocultou.
E o mar ele despertou...
E eu?
SÓ faço parte do público alvo.
Sou apenas mais um ser de muitos que 'ele' criou.
Sou apenas um admirador
Nessa grande galeria
Onde estão expostas as mais belas artes
Do grande CRIADOR!

<https://www.facebook.com/groups/casteloliterario/>





Manhã de Outubro

Angélica Neneve
Cornélio Procópio/PR

Quem o visse naquela manhã de outubro saberia que ele não estava bem, seus passos irregulares marcavam a areia em um zig zag constante e desesperador: ele já não podia voltar por onde viera. Seu rastro estava era constantemente apagado pelas súbitas subidas da maré e ele já não era capaz de lembrar o caminho de volta. Continuou, então, sua caminhada rumo a lugar algum, sempre em frente.

A tempestade se aproximava cada vez mais, podiam possível sentir sua fúria na força com a qual o vento os castigava. A praia rapidamente se esvaziou, apenas um ou outro surfista corajoso o suficiente decidiu ficar para tentar pegar 'a onda perfeita'. O velho de cabelos brancos e ralos, porém, parecia indiferente ao medo que a tempestade tentava lhe causar: andou por mais alguns metros e decidiu que estava cansado demais para continuar. Sentou-se na areia já molhada pelos primeiros pingos de chuva e esperou.

Podia-se ver ao longe, a dança dos raios por sobre o mar, o horizonte se escondia na escuridão das nuvens. A paisagem mórbida combinava perfeitamente com aquela manhã. Era, para muitos, o retrato do fim do mundo. Para poucas almas, porém, aquela era uma beleza natural e incompreendida. Era assim que ele via aquilo tudo. Uma peça encenada pela natureza pouco apreciada pelo público, embora aclamada pela crítica. Aquela paisagem fazia-o lembrar de algo e, no entanto, ele não sabia dizer o que era. A nostalgia encheu seu peito assim como o ar salgado enchia seus pulmões. E ele pôde distinguir uma lágrima caindo por sua bochecha em meio a vários pingos de chuva: se alguém o observasse naquele momento não teria percebido.

A ressaca da manhã seguinte ainda assustava os turistas que mantinham uma distância segura do mar. O clima um pouco mais frio do que de costume afastava quase todos dali. Um casal em sua lua de mel resolveu não desperdiçar um só dia, uma corrida matinal seria uma boa pedida para driblar o vento gelado. Já no terceiro quilômetro, porém, sua corrida foi interrompida: o corpo gelado do velho caído na areia de uma forma quase trágica desviou-os de sua rotina - quem estivesse ali naquele momento teria entendido o choque que sentiram.

O corpo do homem foi rapidamente removido do local: aquele era um dos cartões postais da cidade, não podiam permitir que corpos ficassem expostos ali como o são em partes menos visitadas. Alguém comentou sobre o assunto em sua rede



social, um jornal local fez uma nota sobre aquilo no mesmo dia, o casal contou para todos os amigos na sua volta para casa. E só.

Seu Valdir cresceu na roça. Trabalhou desde os oito anos de idade com o pai e os irmãos... é incrível como as coisas mudam: seus netos cresceram sem saber o que era uma enxada. Foi para isso que seu Valdir trabalhou a vida inteira: para que seus filhos e netos tivessem um futuro melhor que o seu. E conseguiu. Ele não aprendeu a ler nem escrever, assinava seu nome com alguma dificuldade, mas seu filho mais velho foi para faculdade: era o orgulho dele - seus netos logo estariam em tempo de ir também. Ele não precisava saber ler, nem mesmo saber escrever, pois, tudo o que queria ele tinha conseguido. Nas reuniões de família não escondia o orgulho que sentia de todos ali, inclusive de si mesmo, por ter conseguido tirá-los daquela vida sofrida.

Primeiro foram os nomes: ele chamava um neto pelo nome do outro. Se demorava a lembrar do nome dos próprios filhos, mas isso é coisa de vô, não é? Depois as datas: não se lembrava mais dos aniversários ou das comemorações que faziam todos os anos, mas isso não era problema: afinal, quem lembra de todas as datas?

Então, num belo dia, ele acordou procurando pela esposa. Aquilo assustou-os um pouco, considerando que ela havia falecido a alguns anos. Pensaram que ele talvez estivesse triste por conta de o aniversário de casamento estar chegando. Decidiram, por fim, esperar que aquele devaneio passasse: o fim do ano estava próximo e todos estavam muito ocupados para dar atenção a uma bobagem daquelas.

Seu Valdir acordou naquela manhã de outubro muito triste: sua esposa estava doente e seu último pedido era poder ver o mar mais uma vez. Ele atravessou a cidade andando, até chegar a praia. Não havia sol, caminhou pela areia até encontrar o ponto certo onde a vista do mar seria maravilhosa: queria que sua esposa aproveitasse o dia. Sentou-se, enfim, sobre a areia e observou o mar revolto por horas a fio. Não se sentia mais leve, porém, algo lhe faltava: percebeu que sua esposa não estava mais ali e a confusão tomou conta dele. Alguns instantes mais e lá estava ela de novo, com a blusa de lã que ela mesma tricou... ele a abraçou com força, sentia uma saudade estranha como se não a visse a anos, e os dois permaneceram ali juntos por uma pequena eternidade.

A família de seu Valdir procurou-o por toda a cidade, mas todo o esforço foi em vão: se o tivessem visto como ele os via... ninguém o notou, porém, naquela triste manhã de outubro, nem mesmo antes.

<https://www.facebook.com/angelica.alves.9041>



Meia Hora

Ernane Reis Gonçalves
Carmo do Cajuru/MG

Vânia, a secretária da escola chamou-me na sala de aula.

— Telefone pra você. É o Samuel.

Preocupo-me. A Fátima saiu de casa às dezoito horas, eu às dezoito e cinquenta. São nove da noite. Bom, mas a Maria Joana está com os meninos.

— Alô!

— Oi, pai! Quantas horas que o senhor vem?

— Uai, filhinho! Agora mesmo!

Olho o relógio na parede. Nove e cinco.

— Agora mesmo é que hora, papai?

Nunca gostei desse agora mesmo. Agora mesmo é pouco tempo quando a gente quer que seja pouco tempo, mas quase sempre é muito tempo. Agora mesmo nunca é já.

— Filhinho, daqui a meia hora o papai vai, tá?

Aí ele me complicou de vez:

— Meia hora é quantas horas, hein, papai?

Difícil. Como explicar a um sonolento garoto de cinco anos, saudoso, quem sabe, assustado, o que é meia-hora? O que é o tempo, esse bicho que tudo come? O que são trinta minutos? O que é minuto? Um minuto? Paro confuso um minuto. Ele insiste:

— Hein, papai? Quantas horas que é meia-hora? – o Samuel nunca aceitou meias respostas.

— É... sabe? É nem uma hora. É a metade, sabe?

Ele estava impaciente.

— Mas meia hora é quantas horas, hein, pai? Demora?

Desespero-me. Os alunos estão sozinhos na sala, já ouço o barulho que começam a fazer. Titubeio, buscando nas coisas que o Samuel faz, algo de



concreto para explicar o abstrato do tempo, especialmente o abstrato de uma meia-hora.

O Balão Mágico. Ele assiste todos os dias. Infelizmente os meus filhos são escravos da TV, esse monstro de deseducação. E as manhãs do Samuel ele as passa com a turma do balão.

— Sabe, filho. Meia hora é assim. Começa o Balão Mágico e a Symoni e o Cascatinha conversam. Passa um desenho, eles tornam a conversar, passa uma propaganda, eles voltam, passa outro desenho. Quando começar a outra propaganda, o papai chega em casa.

Ele choraminga e a voz custa a sair:

— Uai, então o senhor vem é só amanhã cedo???

— Não, filho! Agorinha mesmo o papai vai! Olha, eu preciso desligar. Tchau, viu?

— Tchau, papai! Bença!

— Tchau, filho. Deus te abençoe!

Espero que ele desligue. Ouço seu resfolegar lacrimoso.

— Tchau, filho!

— Tchau, pai! Ô, papai, demora menos de meia-hora, tá?

Eu desligo, com um nó amargo na garganta, vou para a sala e termino minha aula. Quinze minutos depois corro ao telefone. Maria Joana atende:

— Ah, o Samuel? Dormiu. Chorou até ver, porque você ia demorar e dormiu, tadinho!

Desligo com uma lágrima querendo saltar. Amanhã, quando eu sair, ele estará dormindo. Quando eu for almoçar, ele estará para a escola. Só nos veremos ao jantar. E normalmente eu estarei nervoso e cansado. Só haverá monólogo. E estarei a cada dia que passa, vivendo menos meias-horas para o meu filho.

<https://www.facebook.com/ernane.reisgoncalves>



Meus Quebrados

Nilde Serejo
São Luís/MA

Mesmo quebrada
Ainda brilha uma luz em mim
Luz que não me deixa esfarinhar até virar pó.
Então, aos poucos vou juntando os pedaços
E recomponho-me.
Mas sei que nunca mais serei a mesma.
Nada será igual. Mas sigo!
E sem a certeza do amanhã, se estarei melhor
Mas com certeza que me servirá de lição.
Vou levando meus quebrados por dentro e
um sorriso por fora.
Esperança de novos dias e sinceros sorrisos.
Aos poucos reencontro-me
Na alegria da manhã, no abraço amigo,
no sorriso do meu filho
E tudo vai se reestruturando
Uma nova imagem
Talvez os outros ainda não veem
Mas que já reflete por dentro
Me traz de volta à vida
Com imensa vontade de sentir
A felicidade de novo em mim.

<https://www.facebook.com/NildeSerejoOficial/>



Morte e Vida

Filipe Monteiro
Rio de Janeiro/RJ

Sinto que todas as noites eu morro,
sinto que todas as manhãs eu revivo,
sinto que boa parte de mim vai embora
enquanto outra parte antiga ressurge.

A sua parte agora sou eu,
seguindo meus instintos,
e a minha luz interior,
vivendo minha loucura
na paisagem em que estou.

Eu vejo beleza nos dias cinzas
e quando minha mente flutua
e transita entre o céu e o inferno
não me deixo morrer
apenas durmo para interinamente desaparecer.

Reajo e finalmente retorno
recomeço a contar os dias
e após vencer dia após dia
com muita força e perseverança
dou-me conta que não vale a pena sofrer
deixo-me secar as lágrimas
esperando que o sorriso possa reaparecer.

A ingratidão deve ser perdoada
e não mais murmurada
porque os dias devem ser apreciados
e sempre recriados,
cada dia é uma nova chance
que não deve ser desperdiçada.





Moscovita

Sodran Vasil
São José dos Campos/SP

Transmutando o ártico vento no meu peito
Eclodindo em erupção num olhar
Me desarmas no simples balbuciar
Mais exuberante que as torres do Kremlin
O perfume do hálito fresco que desperta o todo em mim

Indubitável e formosa fusão
De menina e mulher em quase perfeição
Nem o gelo siberiano poderia me esfriar
Se o calor de teu corpo em mim viesse habitar
Mas é mistério o teu estar e tua intenção!

Uma agente do meu desejo secreto...
Moscovita, muito mais fatal que Anita
Serias como a certa Nikita
Designada para aos poucos matar-me
Em rima clichê, diria que serias meu ponto fraco
Assim como para o Super-Homem a kryptonita

Ah! Se abres a porta, e num olhar me convidas!
Moscovita, acabo de vez com essa guerra fria
E realizo aquilo que só penso como seria
Te render ao menos uma vez ao meu amor
Fazendo da atração nosso único ditador

www.facebook.com/sodranvasil





Noite da Véspera

Alberto Arecchi

Pavia – Itália

O homem estava avançando no caminho, para a luz bruxuleante do casebre em ruínas. A grama rangia sob as solas pesadas de seus sapatos velhos. Uma rajada de vento perfurou o nevoeiro e trouxe o som dos sinos. Na igreja da vila começava a missa de Natal. O canal estava a poucos passos de distância, e na escuridão seria suficiente colocar um pé errado para deslizar na água. Ele apertou a garrafa na mão e correu em direção à casa. Nos degraus, quase completamente cobertos por grama, flutuava uma nuvem de luz. O homem ouviu umas vozes, se escondeu atrás da porta e olhou para dentro. Dois círios estavam acesos. No chão, outra vela. Empacotado em uma casaca enorme e consumpta, um homem velho estava agachado com as pernas cruzadas e tentava acendê-la: a agarrava e aproximava o fósforo, mas quando as chamas vieram tocar o pavio o tremor violento de suas mãos já tinha desligado. A mulher agachada ao lado dele riu: era uma risada estridente, pesada, benevolente. Ela arrebatou os fósforos e acendeu a vela. O novo brilho flutuante desenhava sombras nas paredes. O homem por trás da porta hesitou. O quê faziam esses dois? Por que tinham chegado ali mesmo, no seu retiro? Ele empurrou a porta e as dobradiças enferrujadas rangeram. O velho e a mulher levantaram a cabeça bruscamente.

"Como vocês conseguiram entrar?" Deixou-se escapar o dono "legítimo".

"Estava aberto!" Murmurou o velho, encolhendo os ombros e aconchegando-se mais profundamente em seu casaco disforme.

"Se você é o proprietário, pedimos humildemente perdão, - acrescentou a mulher - mas entramos sem forçar qualquer porta ou fechadura, e nenhum alarme nos avisou que estaríamos em casa alheia. Nós pensamos mesmo procurar abrigo aqui, pelo menos por uma noite".

O tom da resposta não escapou o homem, que se sentiu compelido a mudar sua expressão de agressão inicial para a condescendência de um verdadeiro



mestre da casa. Ele convidou os dois para ficar. "Não é o espaço que falta, mesmo que meu apartamento não é tão confortável". Não havia comida, nem lenha para se aquecer. Tudo o que restava dos tempos melhores era aquele banco e, em um canto, um colchão de palha disforme que mesmo os percevejos desdenhariam. O homem sentou-se num canto, ele se lembrou da garrafa na mão, sentiu o bolso enchido pelo pão, que era para servir como seu jantar. Como poderia não oferecer aos hóspedes e não dividir esses recursos escassos? Ostensivamente ergueu a garrafa, para oferecer, pelo menos, um gole aos dois novos inquilinos. Eles aceitaram. O velhote tirou um gole, um gole só, limpou a boca grunhindo, com as costas da mão, e passou a garrafa para a mulher. Ela estava para aproveitar, quando um barulho repentino balançou a porta frágil. A mulher parou, colocou a garrafa para baixo (com cuidado, para não deixar o vinho verter). Na penumbra, uma silhueta gordinha apareceu pela fresta da porta. Parecia um rato grande cheirando o ar cautelosamente, à procura de comida e calor.

Ela não perdeu a oportunidade. Estalou em silêncio, como um gato. O roedor, surpreso, mal teve tempo de se virar, mas ele foi agarrado pela cauda. Um momento depois, a mulher estava-lhe batendo a cabeça no parapeito da janela. Não era um rato, mas um caxingui. Algumas libras de carne saborosa, a não dizer deliciosa. O velho pareceu recuperar-se. Ele tirou do bolso uma faca pequena e, com incrível habilidade, começou a esfolar a presa. Seus gestos revelavam a longa prática de comer pequenos animais: ratos, toupeiras e coelhos eram sua dieta predominante desde tempos imemoriais. "Saia! - ordenou-lhe a mulher - Não vê que está sujando?"

O velho olhou em volta e viu uma espécie de bandeja, jogada em um canto. Ele pegou e saiu. Voltou com a bandeja coberta com um guisado de carne fresca. O caxingui tinha-se transformado em alimento, apenas ficava por cozinhar. Em outro quarto havia uma lareira, talvez fosse a cozinha do passado. Perto do fogo, o homem tinha pegado ramos, madeira e jornais velhos. Era hora de a lareira reviver. Bolas feitas com folhas de jornais velhos, cobertas por ervas daninhas e, em seguida, acendidas, enquanto o dono da casa estava ocupado para deslocar o



enxergão antes da lareira. A mulher procurou uma panela ou um espeto, para cozinhar a carne sobre as brasas.

Ajustando-se com o que encontraram no casebre, os três foram capazes de compensar uma refeição quente, molhada com a garrafa de vinho. O proprietário veio para oferecer até mesmo o seu pão com queijo, depois de ter quebrado em três partes iguais, com um gesto quase religioso, que por um momento recordou a divisão do pão místico, num lugar cheio de abandono. Só então, os sinos da igreja tocaram a meia-noite. Era Natal, para fora. Natal parecia ter tocado mesmo aquela casa. Os três estranhos tinham vindo até reunir o pouco que tinham, a moradia e a comida. Agora estavam recolhidos, em seus trapos, todos os três no velho colchão. As brasas da lareira mantinham um calor confortável e o bom vinho estimulou o sono, a paz.

A neve começou a cair, no início tímida, então cada vez mais densa. A campanha brilhou branca, no meio da noite sem lua. As pegadas desapareceram, os ruídos enfraqueciam-se. Era como se o mundo queria cobrir o passado das coisas e dos homens, para acordar no dia seguinte em um novo amanhecer. Um amanhecer frio, que teria surpreendido três pessoas, até então desconhecidas, abraçadas juntas, com sua barriga por uma vez cheia.

www.liutprand.it





O Capcioso eu Derrotado

Ramon Carlos

Florianópolis/SC

Foi Churchill quem disse:

“Agora que fizeram o que queriam

Vocês têm uma tarefa mais difícil

Gostar do que fizeram”

Ao som dos ruídos gástricos da cidade

O poder nunca foi tão metafísico

Partindo de um ponto ignóbil e viril

O desvio insular coberto por um lençol com dois furos

Homens e mulheres como adesivos num campo de golfe

Foi por isso que Prometeu prometeu não prometer mais nada

Sempre ouço dela: “Não existe doença, existem doentes”

Há muito pouco para mastigar ultimamente

Tudo parece trivial e sem gosto

Comboio marginal

Animais gargalhando, pois voltaram no tempo

E abortaram suas mães

E as tartarugas vivem muito

E as corujas também

Enquanto um besouro castrado na gaiola

Queima num berço vicioso

Colando fumaça no quadro branco

Escritor tarde demais

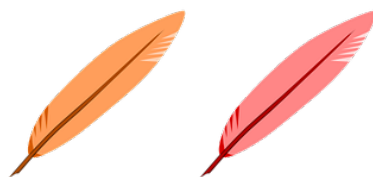
Escritor cedo demais

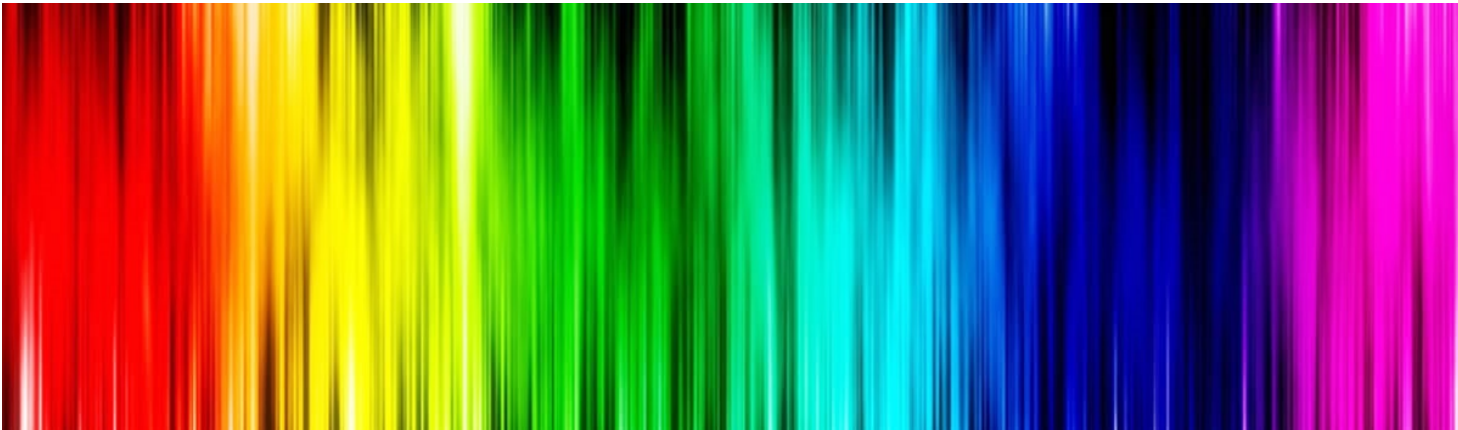
Desaprendendo



A caçar na escuridão
Um feixe de luz ilusório
Que me cega
No primeiro feixe de luz
Na escuridão
Era 22:00 quando faltou luz no bairro
E o primeiro grito que ouvi foi esse:
"Filha da puta! E agora como saberei a hora de parar de limpar o rabo?"
O maldito cano sanfonado
Os intrusos, a goteira, as rachaduras da parede, o barulho da caixa d'água
Uma aranha sem pernas tecendo sua teia para afastar-se de mim

<http://www.estrAbismo.net>.





O Custo da Diversa Orientação

Alessandro de Souza Domingues

São Gonçalo/RJ

Homem tem cromossomo diferente
Se rejeita sua condição está doente
É o que declara o ignorante
Pois leva o preconceito adiante
Não admite conflito
Não entende entre corpo e alma haver atrito
Intenção do corpo transformar
Relação homossexual consumir
Sofre o diferente a agressão
Carícia entre iguais é abominação
Sustenta a social hipocrisia
Casamento gay é heresia
Ofende a sociedade
Que não aceita a diversidade
Cresce a homofobia
Registro de violência há noite e dia



Morte de travesti
Que luta para resistir
À rejeição social
Situação semelhante tem o transexual
Que tem nome diferente do documento
Que só faz aumentar o sofrimento
Consulta médica é confusão
O doutor chama Maria e se apresenta João
Onde já se viu
Ter corpo feminino e nome de homem no registro civil?
É atentado à família tradicional
Contrariar a natureza não é normal
Se Deus fez o homem masculino
Não é aceitável se tornar feminino
Se a mulher tem seio
Mastectomia é feio
Mutilação pelo desejo orientada
É contrariar a divina lei determinada
Como é difícil ter diversa orientação
Desajustar o que determina o padrão
Rejeição o LGBTI passa desde cedo
É obrigado pela família a manter segredo
Se por força não se ajusta
A expulsão da casa lhe custa
O resultado é ser rejeitado
Até da herança deserddado
Resiste ainda assim
A exclusão familiar não encara como o fim
Faz da dificuldade o recomeço
Não existe na vida maior tropeço
Pelos pais ser condenado



Da casa ser escorraçado
Nem todo LGBTI é valente
Ideia suicida se instala na mente
Muitos até fazem viagem
Com quase nada na bagagem
Para a família é ente morto
Faz a vida em outro porto
A sarjeta não é opção
Necessidade passa a ser a prostituição
Nem todo LGBT é Pablo Vittar
Como a Cássia Eller não sabe cantar
Nem da Daniela Mercury tem a carreira
Tem a vida pauleira
Precisa matar um leão por dia
A vida não lhe dá garantia
Por isso importam os direitos humanos
Para desconstruir todos os desenganos
Regra não é ser heterossexual
Numa sociedade tão plural
(Lutero Brasil)

<https://www.facebook.com/alesandro.dom.5>





O Depoimento de um Assassino

JonathanDSR
Osasco/SP

Eu me levantei ofegando e suando, tremendo de medo enquanto tirava lentamente as mãos do pescoço da minha esposa. Chorando e lamentando o que acabara de acontecer, percebi lamentavelmente o que eu acabara de fazer. Eu acabara de tirar a vida da minha mulher.

Eu levei as mãos a cabeça pensando desesperado no que aconteceria, arrependido e com medo do destino que levaria. Por muitas vezes levei em conta a ideia de esconder o cadáver onde ninguém nunca encontraria, mas, erroneamente, o medo de me aproximar daquele cadáver ainda quente era maior. Sentindo o arrependimento me torturando de pouco em pouco, cada vez mais forte, eu corri pela casa, fugindo daquela maldita cena, eu caí por uma forte impotência, chorando, mas levantei abruptamente, subindo a escada pensando em nunca mais voltar.

Eu me sentei no canto do quarto, me encolhendo, gemendo e tragando uma garrafa de uísque, tentando esquecer o que acontecera por pelo menos uma noite. Mas como essa noite foi perturbada, meu sono oscilava, já não sabia mais se eu estava acordado ou perdido em um sono profundo, pois, amedrontado, eu gemia sentindo o aproximar gelado de vultos dançando a minha volta, sem coragem de abrir os olhos e nem de clamar por ajuda. Sentindo a culpa, sonhando em estar preso na tortura eterna de enforcar com as minhas mãos ela até sua morte, de novo e de novo, como Sisifo que leva a pedra ao topo da montanha.

Encolhido, com a garrafa vazia em minhas mãos, após sair do purgatório que fiz para mim mesmo em minha mente, finalmente com a luz irradiada das janelas eu me levantei, ainda tremendo. Esse dia estava lindo, ah, como estava lindo, com uma luz forte, mas com uma brisa fresca. Transtornado pela beleza daquela manhã eu descí lentamente a escada, pedindo a Deus para que tudo aquilo tivesse sido um sonho, para que eu encontrasse a minha esposa na cozinha, fazendo algo para comermos, sorrindo. Cada passo foi eletrizante fazendo tremer as minhas entranhas, suplicando a Deus de novo e de novo.

Ao chegar até os últimos degraus eu virei a minha cabeça lentamente, excitando, foi como uma apunhalada em meu coração quando vi ela lá, caída no chão, pálida e imóvel, atraindo para si vultos gargalhando pelo que eu fizera. As minhas pernas me desobedeciam, meu corpo inteiro estava indisposto de tudo, mas eu, forçando com toda a minha força de vontade consegui sair correndo daquela cena, subindo as escadas, caindo de fraqueza, já sem lágrimas para continuar a minha lamentação.

Eu fugi de tudo indo para minha varanda, onde pude ver a rua quase deserta, exceto por um cão, negro e magro, se aproximando da sacada, olhando para mim com seus olhos camuflados no seu pelo defeituoso pela velhice e sarna.



Ele começou a latir para mim, começou latir desesperadamente como se soubesse o que eu fizera. A minha atenção, infelizmente, já não estava mais lá, eu encarava a estátua na entrada da igreja matriz a minha do outro lado da rua, um anjo, um lúgubre anjo segurando uma bacia de água da qual as pessoas se benziavam antes de entrar. Mais dois cachorros sarnentos se aproximaram da sacada latindo para mim desesperadamente.

Eu juro que aquele anjo, mesmo olhando em direção reta, me encarava atentamente, com um olhar triste de quem estivera me culpando pelo que acontecera. Eu merecia que alguém me culpasse, eu merecia que todas as pessoas me culpassem. Mais cães se aproximaram latindo para mim, toda a matilha agora fazendo uma asquerosa melodia de ódio pelo que eu fizera. Mesmo assim os meus olhos estavam ligados aos do anjo, eu não conseguia produzir nenhum som, estava tão envergonhado pela presença de alguém tão puro sendo eu um assassino que me abaixei para que não visse o meu rosto. Pedindo perdão, pedindo um milhão de vezes o perdão que não fora concedido enquanto cada vez mais alto os cachorros latiam para mim.

A minha esposa era tão boa, ela alimentava os cães de rua que naquele momento clamavam por ela, mesmo sendo tão boa eu a matei, eu não lembrava por que matara ela, mas do que isso importava? O importante era que eu tinha tirado uma vida, uma vida que não merecia isso e agora as consequências viriam.

Se passaram horas, éons em minha perturbada imaginação até eu me decidir o que fazer, eu me lembro de como o meu corpo inteiro excitou quando me levantei e desci a escada e passando debilmente pelo vulto gargalhando loucamente, eu seguindo a ordem do anjo involuntariamente, andando passos sem vida, chegando de frente para a cômoda e olhando atentamente para o telefone, meu corpo tremia, horas se passaram, meu corpo já pedia comida e água, mas eu continuava paralisado nesse mesmo lugar, olhando para o telefone, me decidindo o que iria fazer. Incontáveis vezes levei em conta a possibilidade de sumir com o corpo, viver uma vida de mentiras até ela ser tirada de mim. Mas algo mais forte me torturava, o arrependimento pelo que fizera, a pena dos cães que latiam e uivavam de lamentação e o medo dos olhos petrificados do anjo que me dizia sem palavras para continuar.

Eu digitei os três números, primeiro, segundo e terceiro, já sem tremedeira, decidido a fazer algo, mas ouvi o som da atendente tentando falar comigo enquanto eu estava preso em um profundo silêncio. Olhei para o oval espelho em minha frente, vendo lá longe o cadáver deitado e sobre ele o vulto que me fizera fazer aquilo, gargalhando mefistofelicamente, rindo de mim por não ter coragem de fazer nada e estar aceitando a verdade sobre mim, de ser o assassino. Me opondo ao vulto eu falei pelo telefone o que eu fiz.

<https://www.wattpad.com/user/JonathanDSR>



O Jardineiro, a Rosa e a Incrível Aranha-Preta

Roberto Luiz Brant Campos

Brasília/DF

E em chegando, disse assim o jardineiro à rosa:

– Vens comigo?

A rosa, sem saber de viagem nenhures, intercalou:

– Seu moço, que aqui chega, onde de ermo tal nem cá vem bater a lua, existe o “ir-se”?

O jardineiro, estupefato que nem um ursinho de pelúcia, tergiversou:

– Ora pois, o “ir-se”. Tu tornas a conversa uma farsa se comesças nesse tom.

– Mas se não sei o ir-se é só porque não fui ainda. O ir-se é ser, o estar é ficar e eu não tenho desejos.

Prosseguindo o caminho, abilolado, já lá ia o jardineiro embora, cabeça baixa, afigadado, depois que aquilo lhe confessara a rosa. Mas, disse-se de a rosa ter espinhos é quando de tão bela ela tem que defender-se. E o velho jardineiro então tentou mais uma vez e assim parece que falou:

– Rosa, tu és tão bela que eu, esse pobre jardineiro, como tu vês, quero levar-te comigo. Se tu confessas tua ausência de desejos, eu descaibo dos meus. Se o ir-se é ser, eu sou e então tenho, tremo por ti. Terias o universo indo comigo.

Uma chave virou-se no coração da rosa. Ela já que já esboçava um sorrisinho, assoprando um ventinho em volta.

– Seu jardineiro, vivo aqui neste umbral, pedra sobre pedra. Conta-me a hera que aqui era um alegre, bonito e bem cuidado jardim, noutras eras; hera ancestral. Quando de manhã acorda-me a aurora, já orvalhada nem vou ficando mais e converso longas caminhadas com aranha-preta sempre que ela vem me visitar. E da cigarra cantar para chover, da efeméride de grilos quando cai o sol por cá, do cantar eterno da cachoeira, de tudo isso eu sei. O frio da noite nem me assusta, o buchicho dos lagartos me faz cócegas no peito. O brilho da lua estufa minhas pétalas. E de tão bonita que sou e de tão bonito isso que eu sei,



acaba que de tudo isso sou feita eu também. Tenho um tudo-nada de tudo e tudo tem um tudo-nada de mim. Então aí é que sou eterna: amo.

– Amo-te também, rainha das flores, mas quero-te ainda mais bela, longe desse lugar ermo e malcheiroso, onde nem a lua vem repousar e só se veem ervas daninhas crescendo e bichos esquisitos andando pelo chão. Queria te ter no meu jardim. Ali sim, reinarias. Serias cultuada como uma deusa. Tomarias água da chuva em copos-de-leite, gardênias adornariam teus cabelos, teu belo colo rubro brilharia radiante. Serias para mim minha rainha e eu, para ti, o mais ínfimo dos vassalos. E os passarinhos beija-flores se regalariam junto a tua beleza infinita.

A rosa já lá ia pois que todos têm que ir um dia: – Tu me amas? Amas a ti também? Eu não amo ninguém. No entanto, amo a todos. Embora saiba que ninguém ama a todos ao mesmo tempo.

– Mas todos amam alguém um dia, minha senhora. E é para mim um privilégio ter a graça de amar-te. Rosa, tu és tão bela; o tempo passa depressa e com ele as nuvens da beleza da vida. Deixa eu te levar.

Houve réplicas como veem: rosa, flor de verdade, declarou formalmente que não ama ninguém e, por isso mesmo, ama a todos. O jardineiro, por outro lado, acha que todos amam alguém. A rosa acha que, “ao mesmo tempo”. O jardineiro, “algum dia...”. A rosa é sincrética; o jardineiro, herético. A rosa é harmonia; o jardineiro, melodia. Ele lhe acena com fama, riqueza e poder. Ela lhe revela alguns segredos. O jardineiro a deseja ardentemente. Ela, inocente, deseja e não deseja nada e tudo, nem alguém nem ninguém. Mas os deixemos seguir na sua toada:

– Seu jardineiro, eu fico, não vou. Aqui sou eterna glória. Não tenho, não temo, não tremo por ninguém. Só tenho minha própria beleza que não é outra se não a de todos aqui em volta. A glória não é só minha, mas é minha também. Permaneço.

– Mas e o luar? Como podes sentires bem sem ele?

– Meu caro senhor, sou e estou presa à terra. Se me arrancas daqui, perco minhas raízes. Morro, ou melhor, aprendo que vou morrer. Daí, nem fama, nem riqueza nem nada vai recuperar o eterno, perdido. Vem então o eterno pedido:



cadê o Nirvana prometido? Mas aí é demasiado tarde, porque resta somente a ilusão da posse desse jardim pronto e acabado ou, por outra, a consciência da própria morte.

O jardineiro aquiesceu. Moveu-se de seus tão nada humildes sonhos, balançou a cabeça, tirou o chapéu, paciente, e nada falou por um bom tempo; esquecia-se. Brisou mais forte. A noite chegou, tudo mergulhando em trevas junto com o mundo. Separaram-se assim devagar, de vagar em vagar, de véu em véu, sete vezes ao léu, e era para sempre. Lá se foi, sumindo no trecho, o jardineiro. Então a lua, que na tocaia, de abelhudinha que era, tudo escutava, passadas as nuvens milenares, apenas teve que fazer uma coisa: brilhar. E como brilhou! A rosa, finalmente grávida desse luar, de saudade e de desvelo-de-mãe, enfim, a rosa completava-se em Rosa, nada mais. O jardineiro voltou para cultivar seu jardim com cuidado e afinco sem que nele se encontrasse a sua flor mais querida. E a Rosa? Ah, essa contava para a aranha-preta esse caso extraordinário sempre que ela vinha visitá-la aos anoiteceres.





O Relógio do Vovô

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Aquele relógio do vovô, todo esculpido em prata italiana... Uma volta, duas voltas e as cordas faziam o barulho para funcionar.

Um dia peguei ele e fui correr pelos campos, eu não deveria ter feito isso, mas esqueci completamente que as horas passavam e que eu poderia deixar o relógio cair sem nem mesmo notar... ele caiu, sumiu e não pude levá-lo de volta para o vovô...

Passara-se alguns anos, meu querido vovô falecera, eu sozinha no mesmo campo. Corri montanhas, subi árvores, desci e passei pelas porteiras que ainda estavam abertas, foi então que notei algo em meio ao canto dos pássaros e mugido das vacas fazendo tic tac, tic tac, tic tac...

Olhei com atenção, era mesmo um tic tac embaixo de uma grande árvore. As raízes foram emoldurando o relógio do vovô, ele ficou de pé segurado pelas mãos naturais do destino. O vento batia nos cipós de cá para lá e de lá para cá, dessa maneira, as cordas do relógio davam vida ao tic tac.

Em minha mente as ideias questionavam o que fazer... se retirava-o de lá ou deixava onde estava... Por fim... Deixei que o tempo se encarregasse de solucionar tudo.

https://www.youtube.com/watch?v=iigYOqLNQ_M&app=desktop



Odeio Saudade

Luicinei M. Campos (Mago Branco)

Rio de Janeiro/RJ

Eu não gosto de sentir saudade.

Saudade é falta. É ausência. É algo ou alguém que se foi.

Eu odeio saudade.

Saudade é perda. É tristeza. É lamentação.

Saudade: quem nunca a teve em seus braços?

Quem nunca por ela recebeu afago?

Eu odeio saudade.

É única em nossa língua.

É algo que mina.

Mas se é ausência, algo que se foi, como pode trazer tanta dor?

É o vácuo de nós mesmos, refletido em alguém ou alguma coisa.

Saudade que tenho agora é da boca.

Saudade da mão. Dos olhos. Dos ouvidos.

Saudade de ser íntimo.

Saudade que não é passageira e sim piloto do meu ser.

Eu odeio tanto a saudade, que só não a odeio mais por ela me lembrar em todo meu vazio e dor o que já fui e senti.

Eu odeio odiar a saudade.

<https://www.facebook.com/lucinei.campos>





Orgasmos Cerebrais

Almir Floriano
São Paulo/SP

Gosto de confabular com pessoas plenas
Aqueles repletas de eteceteras e tais
Podemos viajar pelo universo das palavras
Através dos nossos cabedais
Não precisa protocolos nem etiquetas
As palavras fluem brumadas e cheirosas
Ornando nossas viagens e prosas
E quando nos despedimos,
No instante seguinte já sinto falta
Imaginando quando e qual
Será a próxima pauta!
Não precisamos fantasias
Nem traje de astronauta
Pois viajamos daqui mesmo
Surfando as ondas do teclado
Amigos são seres especiais
Por vezes o papo é tão bom
Que me causam orgasmos cerebrais!!!

www.clubedeautores.com.br/book/238755--RAMALHETE



Os Gatos Lá De Casa

**Rodrigo Ribeiro
Duque de Caxias/RJ**

Os gatos lá de casa são muito humildes.

Quando a casa está com visitas,

Mesmo na chuva, eles ficam do lado de fora,

Em cima dos entulhos.

Eles não querem incomodar ninguém.

São mais elegantes do que certas pessoas da minha rua.

As visitas foram embora.

Eles entram e deitam.

Puramente fingem que nada aconteceu.



Páginas em Branco

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere- Baião-Portugal

Senta-te e relaxa calmamente
Recorda as escaramuças
Que compõem a tua história
Folheia o livro mágico
Que contém cenas que são tuas
Que te tocam subtilmente
Deixa levar-te por memórias
Não cores quando deparares com beijos
Com abraços e carícias
Continua a relaxar e não deslargues
Não interrompas a imersão
Não entres em arrependimentos
Ou pares com imagens que te chocam
Afinal és tu o ator principal
Do drama que agora revives
E as histórias são sempre assim
Fazem-se de amontoados de diversidades
De capítulos revoltos e outros mais claros
De resvalos, tropeções e do aprumar a espinha,
Aprendendo lições a cada dia
E guardando máximas que são tesouros
E o que foi tremendo erro, outrora,
Mais nos parece agora simples deslize
Continua a folhear a enciclopédia
Não feches já essa maravilha
Reserva mais páginas em branco
E continua os teus contos...



Palavras Belas

Edison Gil
Sorocaba/SP

A você moça bonita,
garota cinderela,
a você que espera,
de mim, palavras belas,
eu confesso; estão em cela!
No coração da lua cheia –
e amarela,
porém se aceitar essa flanela,
poderá secar as lágrimas,
e ver São Jorge,
São Jorge da janela.

<http://fb.com/siredisongil>



Para Isa Dora Duncan

Aldo Moraes
Londrina/PR

Os cães estão amanhecendo com raiva.

Quando cessa o dia e no outro cessar da noite,

Em vadia madrugada, a lua cheia nos aborda, loucos, e o frio vai embora.

O espírito amanhece e parte sem coração num oceano vago de nuvens.

A velhice é só um mastro de bondade da juventude, saber que dizem: "gênios",
como fossem seus,

E o velho é um bom

Um comum

Um mortal

Não sopram do Sul, os ventos mas Isa Dora balança como se algo a impelisse.

Dançam, também, as fadas e o reflexo das luzes n'água, como que paira no ar.

Derretendo-se em sopros de vaidade, as rosas sabem o que virá após o moinho,
em incansáveis vais e vens.

Mas hoje, vejo as estrelas ofuscadas por Isa Dora.

A epiderme toda e o outro num segredo dela como a lua.

Á luz que nos cega, nos tonteia o instante,

Nos faz perder-me.

À esta luz de tantos sons,

O sorriso por completo em Isa Dora Duncan.



A voz de Graham Bell, mas os passos são daquela mulher.
E me perco.
Me gosto.
Me esgoto.
Por que o baile, ora mil constelações, vem de bravio em seu deslizar,
Ora perdões, ora outros silêncios.

www.palcomp3.com/aldomoraesoficial





Pássaro Azul

Regina Ruth Rincon Caires

Araçatuba/SP

Talvez o desconforto tenha começado no momento em que chegara ao mundo, quando aquela invasiva claridade do holofote, na sala de parto, acertou o seu olhar, impiedosamente. Acho que foi ali, ou em qualquer outro lugar. A única coisa que sabia era que havia um desconforto, um descompasso. Nascera diferente. Di-fe-ren-te: palavra estigmatizante, um codinome que ecoou nos pensamentos durante seus inocentes nove anos. Reiteradamente dita, parecia gravada nos lábios que lhe falavam, nos olhos que lhe fitavam, nos gestos de espanto que lhe dirigiam. E, ironicamente, ele não falava. Ouvia silenciosamente, mudo.

E, por ser assim diferente, gozava de certas regalias. Não lhe cabiam tarefas, era livre. Se é que é possível ser livre dentro do alcance das vistas de adultos. E sua cabeça voava, gostava de voo. O carrinho não era conduzido na pista desenhada do brinquedo, o trenzinho não corria nos trilhos. O fascínio estava no girar das rodas, no girar das hélices, no girar, girar. E no voar. Os carros voavam no ar, os trenzinhos, os aviões, os helicópteros, tudo suspenso nas mãos, tudo fazia parte da revoada circular. Tinha alma de pássaro.

Companheiro inseparável do pai, diariamente fazia o curto trajeto de entrega das verduras e legumes, da fazenda até a cooperativa. Saíam antes de o dia amanhecer, e cruzavam o vale quando o sol começava despontar. Era o momento mágico. O paredão de pedra que se desenhava ao fundo, negro, apinhado de ninhos de aves gigantescas, era o palco do espetáculo de todos os dias. O cenário enquadrava o alto do penhasco e um precipício gigantesco. Seguindo o ritual, o pai desligava o carro, abria a porta para que o filho saísse e pudesse acompanhar a magia. Lá, no pico do desfiladeiro, as aves lançavam-se no precipício, e davam a impressão de que caíam verticalmente rente ao penhasco, em linha reta, e, num átimo, em questão de segundos, as enormes



asas se abriam como se fossem aparadores divinos, anjos ocultos, e a pressuposta queda era interrompida por um resgate elástico do voo.

O menino prendia a respiração enquanto acompanhava o mergulho de um pássaro, e o seu semblante serenava quando as enormes asas retomavam o voo. Acompanhava um pássaro, dois, três... Ficava ali, embevecido, extasiado, flutuando, até que o pai o trouxesse de volta para o confuso, para o complicado mundo dos incômodos.

Aquela cena, revivida todos os dias, fazia parte do mundo de fantasia do menino. Sentia-se um pássaro. Era um pássaro. E um dia voaria.

As tentativas foram saindo do chão, os braços já sabiam girar no ar todos os brinquedos. Agora precisava treinar as pernas. Começou pelo sofá, pela cadeira um pouco mais alta, passou para a mesa da cozinha. Em meio aos berros preocupados da mãe, o menino se jogava repetidas vezes de todos os móveis da casa. E não reclamava de dor. Não a sentia.

E na cabecinha arrebatada pelo propósito, que talvez nem propósito fosse, o voo persistia. Era foco seletivo, visão única daqueles olhinhos bailarinos, teimosos em se fixarem apenas em coisas, em realidade concreta, fugitivos dos olhos de gente.

Durante muitas noites, despertava trêmulo pelo sobressalto de uma queda, sentindo falta de chão, sonhos recorrentes. E eles ficavam guardados, não havia como explicá-los, como falar sobre eles, então ele apenas os vivia. E voava sozinho.

Era alvorada de um dia qualquer, nada diferente de tantos outros, mas, nesse, o menino não estava na cama, como de costume. Saíra na noite anterior, caminhou pouco até chegar ao sopé do desfiladeiro. Na verdade, ninguém sabe quanto demorou, mas é sabido que chegou ao topo, exatamente no mesmo lugar de onde as aves alçavam voo. E voou...





Pedrinho e a Vacina

Ana Carolina Machado

Belém/PA

Pedrinho sabia que tinha que tomar vacina no outro dia, mas estava com medo. Sua mãe tentou o tranquilizar, pois notou o medo dele no momento que foi o colocar para dormir.

— Está tudo bem, filhinho? Está preocupado por causa da vacina?

O menino concordou com a cabeça, confirmado a sua preocupação.

— Pedrinho, você tem que se vacinar para que os soldadinhos que existem em você estejam prontos para enfrentar os bichinhos maus.

— Os soldadinhos não podem enfrentar sozinhos? Porque precisa da vacina?

A mãe tentou explicar da melhor forma para a faixa etária do menino. Quando terminou o menino estava com tanto sono que acabou dormindo. Logo começou a sonhar...

Estava em um lugar em que não conhecia. Olhava ao redor quando viu que dois soldados se aproximavam meio que marchando. Se colocaram em posição de defesa na frente de uma porta em que tinha uma placa escrita "organismo humano" na sua frente. Os dois soldados não pareciam ver o menino curioso até que ele perguntou:

— Quem são vocês dois?

— Somos os anticorpos. Somos a defesa.

— A mãe usou essa palavra engraçada para se referir aos soldadinhos que defendem o corpo. Vocês devem ser esses.

Novos passos. Olhou e viu alguém vindo. Devia ser o vilão. Um dos bichinhos maus. Ele usava uma máscara de bandido que nem os vilões dos desenhos animados da TV.

O cara mau já chegou se apresentando para o menino:

— Olá! Sou o vírus - ele anda pelo local como se esperasse que o menino absorvesse as suas palavras, como quem não quer nada, após um tempo ele



continua- Causo doenças, aquele resfriado que não lhe deixa ir para a escola entre outras. Para que eu atinja meu objetivo preciso primeiramente entrar no corpo. - disse apontando para a porta. Ele anda até onde estão os dois anticorpos. Antes de chegar até eles faz sinal de silêncio para o garoto que estava quase gritando para que ele tomassem cuidado com a invasão.

— Você aí silêncio, eles não podem saber quem eu sou. -Disse o bichinho mau. Mesmo com Pedrinho gritando e alertando os guardas eles deixaram o vírus passar sem problemas. O menino corre atrás dele, tinha que fazer algo- Viu como foi fácil! Eles não me conhecem, não estão prontos para lutar contra mim com as armas necessárias. Agora que estou aqui dentro vem o primeiro passo. Vou me replicar. Preste atenção, pois será uma coisa muito rápida. -antes que ele terminasse de falar já havia outro igualzinho ele. O número de vírus somente aumentava.

A cena de repente congela e entra mais alguém que ele não conhece. Uma mulher com óculos escuros e casaco. Parecia usar o disfarce que o herói favorito dele usava para manter a identidade secreta.

— Essa história poderia ser diferente não acha? -disse a mulher que tinha acabado de entrar no local e aparentemente havia congelado a cena.

— Como poderia ser diferente? -pergunta o menino Pedrinho

— Porque não pergunta para os senhores anticorpos?

— Senhores anticorpos como poderia ter sido diferente?

— Não sabemos. Nossa função é defender o corpo contra invasores maus, mas não estávamos prontos para conter essa ameaça. - eles pareciam muito chateados com isso. Pedrinho teve pena deles. Silêncio. Era como se antecipasse algo.

A mulher misteriosa tirou o disfarce e se revelou vestida como uma heroína. Em seu uniforme estava a letra V bem grande.

-Eu acho posso ajudar. -disse com voz heroica a super-heroína

—Quem é você? Lhe conhecemos?

— Eu sou a vacina! Meu objetivo é capacitar seus soldadinhos para enfrentar o vírus. -A super vacina se coloca em posição de destaque -Vamos voltar um



pouquinho e ver o que teria acontecido se o organismo tivesse sido tomado a vacina.

O tempo parece voltar para o começo da cena. O vírus volta recuando para a posição inicial, assim como Pedrinho.

— Olá! Eu sou o vírus. - disse o vírus estendendo a mão para Pedrinho.- Espere acho que já falei isso. Estranho. Bem, vou fazer o que vim fazer.- o vírus coça a cabeça como se estivesse confuso e segue até os dois anticorpos. Dessa vez os dois anticorpos em posição de defesa seguram um cartaz escrito procurado, que nem nos filmes de velho oeste, o cartaz com a foto do vírus em destaque.

— Parado aí! Acho que conheço você. A vacina nos alertou sobre o seu perigo. Os anticorpos lutam com o vírus até o derrotar. A vacina se coloca do lado do menino e explica calma e firme:

— Viu porque é importante se vacinar? A vacina estimula a memória deles. Para reconhecer os caras perigosos. Os bichinhos ficam marcados na lembrança deles e quando eles aparecerem serão logo detidos, que nem aqueles bandidos procurados do velho oeste.

— Existe prisão para vírus? -perguntou o menino curioso, ela citou os filmes e ele lembrou que os maus sempre iam presos.

— Isso eu não sei.

Tudo foi desaparecendo até que o menino acordou na sua cama. Sua mãe logo veio o chamar.

— Mamãe a vacina ajudou os anticorpos a vencer! - disse logo que a viu. Queria contar o sonho, mas tinha uma questão mais importante em mente naquele momento. Uma pergunta

— Mamãe, existe prisão para vírus?





Poesia

Lucas Galvão

Antes do Big Bang
Não havia nada
E nada acontecia também
Nenhum primeiro beijo
Nenhum coração partido
E nenhum aperto no estômago de saudade
Não haviam cartas para serem lidas
Não haviam cães para perseguir carteiros
Não se viam abraços que duravam minutos a fio
Não tinha a dúvida, nem a certeza
E nenhum feriado prolongado em que se dorme o dia todo como se fosse um domingo
Nada
Há quem ainda aguarde o Big Bang.



Poesia de Retalhos

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Faço poesia com os retalhos
do tempo que sobra do trabalho.

Assim, vou alinhavando palavras,
remendando versos,
costurando estrofes.

E entre os panos que eu embaralho,
eis a poesia espantalho.





Quando For Grande, Quero Muito Ser...

Ricardo Nunes Simões

Lisboa - Portugal

Todos nós guardamos muitos segredos, nossos e dos outros, e eu creio que o maior deles é aquele em que, com apreensão, escondemos o que mais queríamos fazer para o resto da vida, se realmente pudéssemos. À partida, quem tira um curso de medicina quer, com certeza, exercer enquanto médico e salvar vidas. Tudo isso é muito giro, mas há que separar, com coerente discernimento, as vontades dos sonhos. Quem sabe se, possivelmente, o que esta pessoa mais (e convém realçar o mais) quer, é ser um homem ou mulher bala? Talvez as pessoas não sejam tão felizes no seu dia a dia por causa disso mesmo, não estão onde queriam estar, não provam o que cobiçavam provar, não sentem o que esperavam sentir.

Eu desejo, de alma e coração, tornar-me um copiloto de aviões. Ou de outra coisa qualquer, desde que seja preciso um copiloto. Não fiquem surpresos, a razão é muito simples: os copilotos nunca são homenageados e isso perturba-me. Não são sequer lembrados, a sua existência é nula e vazia. Pode parecer estranho, ou não, mas é verdade. Os únicos casos em que o nome de um copiloto vem à tona são aqueles em que há um acidente grave, como a queda de um avião ou o falecimento de um piloto. São manhas para apanhar um culpado. Quando o avião aterra em perfeitas condições, ninguém se lembra que ao lado esteve sempre o cabecilha daquilo tudo: o copiloto. É tal e qual como os assaltos em que os vilões que dão a cara acabam por ir parar à cadeia, enquanto que o cérebro de toda a operação, que, através de um Tamagotchi, desligou os alarmes, os sinais de trânsito e penetrou 763 sistemas informáticos, não ganha nem um pingo de reconhecimento. As caras dos assaltantes passam em canais de televisão de todo o mundo, mas os cabecilhas acabam esquecidos. Mas que raio é que um ladrão de qualidade tem de fazer para ganhar algum reconhecimento hoje em dia? Eu quero muito chegar ao fim de uma corrida, de



uma viagem de avião ou de uma ida ao espaço, e ser tão aplaudido como o José Castelo Branco seria se cometesse suicídio. Quero dedicar-me à copilotagem e copilotar ao lado dos maiores pilotos do mundo. Quero ser primeira página de jornais em que, seguidos da minha fotografia, estão pedaços de vocábulos que proferi durante as minhas exposições: «Direita!», «Curva apertada», ou até mesmo os menos banais: «Contorna o anticiclone para evitar que sejamos alvos de altas pressões atmosféricas». Para além de mecânica, sempre demonstrei ter jeito para a geografia.

A minha forte sugestão é que façam um esforço para encontrar dentro de vocês a vossa verdadeira paixão e jamais se deixem abater por comentários negativos. Se gostas de golfe, mas não tens jeito para dar tacadas, pondera comprar uma máscara de mergulho e ser apanhador de bolas nos lagos dos campos. Se gostas de escultura, mas não tens jeito para esculpir, opta por construir com LEGO. Se vires que nenhuma profissão se adapta ao teu futuro, é porque não tens jeito para nada. Nesse caso, dedica-te ao choro e vai para carpideira. Só é pena que não estejas no teu próprio funeral para poderes chorar e contrabalançar o ambiente festivo. Vai ser de arromba.





Quarta no Quarto

Sandra Modesto

Ituiutaba/MG

O primeiro tinha cara de derradeiro
Trocava os travesseiros de lugar.
Pensava que a vida era um eterno guardar.

O segundo achava o mundo tão desnudo e se imaginava o dono de um eterno
amar.

O terceiro tocava piano sem parar!
Não gostava de beijos ao luar.
Ela nem pensou muito, não tinha muito que imaginar.

Bateu os olhos na quarta porta, abriu-a para ele entrar.
Sim, foram feitos sem jamais pensar em se encontrar...
Mas como na vida nada acontece por acaso...

Tiveram um lindo caso.
No quarto de uma inteira quarta-feira.

<https://www.facebook.com/sandraluciamodesto.modesto>





Ramaatoth
Hércules Barbosa de Lima
São Paulo/SP

"O ser humano é formado por sonhos e realidade. Sonhos são as asas do coração e a realidade a luz das mentes sãs. Não tente voar na escuridão".

Ramaatoth Dantas, renomado historiador e autor do livro "O Alimento dos Vermes", norteava-se nesse epíteto holandês, trazido por alguns deles ao Brasil do século XVII. Todos na família reverenciavam "Mr. Toth", exceto um: Hercílio Dantas.

O neto primogênito conviveu com o avô até aos vinte e um anos. Não se importava com as recomendações sobre ter um olhar mais aguçado sobre a realidade. O velho patriarca dizia que sem ela não havia sonhos realizáveis. Ramaatoth queria que Hercílio acordasse.

Hercílio queria viver de e para a arte. Compunha algumas músicas e poemas, questionáveis em qualidade. Não trabalhava, pois, segundo ele, todo o ócio era necessário para produção de ideias.

Sobre os membros de sua família, elaborou uma tese curiosa: viviam em função de Mr. Toth e isso os impedia de serem eles mesmos.

O hoje sexagenário Hercílio é o único integrante vivo da família Dantas. Não obteve êxito com suas composições ou qualquer outro escrito. Não tem formação acadêmica. Vive do emprego de estoquista na livraria outrora pertencente a Ernesto, amigo de Ramaatoth, e também falecido. Atualmente a livraria é administrada por Aurea, neta de Ernesto.

Permanecem vivas as palavras de Mr. Toth na memória de Hercílio á época em que eles, junto com Ernesto, discutiam sobre como empregar o aspirante a artista.

"Ócio, Ódio e Ópio têm algo em comum: Aniquilam o corpo, a inteligência e a alma de quem se deixa dominar por eles. Por favor, Ernesto. Dê uma ocupação a Hercílio".

Além desse emprego, único da vida de Hercílio, também vivia dos direitos autorais do livro "O Alimento dos Vermes".



O livro aborda a influência que determinadas doenças teriam nos preços para compra de escravos desde a captura, em terras africanas, até o desembarque no Brasil, no século XVII. Bem documentado, apresenta um documento datado de 1640 listando quais doenças influenciavam nesses preços. As péssimas condições de higiene das desconfortáveis embarcações faziam os negociadores dos escravos elevarem os saudáveis à categoria "diamante" e isso era considerado no cálculo da negociação. O "ouro pra encher o bucho", uma espécie de "seguro por danos", era pago pelos compradores aos mercadores. "Danificações irreversíveis" poderiam surgir e esse seguro era muito acionado. A captura e a travessia pelo Atlântico eram testes de resistência, tanto para os escravos quanto à tripulação. Hercílio não herdou o desejo de constituir família ou ser previdente. A fortuna dos Dantas o permitia viver de rendimentos. Disposto a aproveitar os "bons momentos da vida", mantinha-se perdulário. O emprego na livraria era a garantia de sobrevivência e contas pagas.

Mais um dia de trabalho encerrado e Hercílio, ao entrar em casa, observou um envelope na escrivaninha e lacrado com o brasão da família.

"Para Hercílio"

A letra era familiar... Abriu o envelope e retirou a carta

Meu querido neto

Ao ler está carta, você certamente retornou de mais um dia de trabalho. Ernesto foi nobre em lhe arrumar esse emprego. Quando eu estava entre vocês uma voz- descobri de quem era ao vir para cá- me dizia ser necessário fazer alguma coisa. Sim, Hercílio, eu sei o que você fez e, principalmente, deixou de fazer e confesso... Estou triste.

Daqui nos permitem observar, por breves períodos, como vocês vivem; mas não interferir, pois alegam que causaria embaralhamento entre os planos de existência.

Vejo que você envelheceu, continuou estoquista na livraria e não aproveitou as oportunidades. Não adquiriu conhecimento ou evoluiu como pessoa. Sei dos problemas de relacionamento com os demais funcionários. Seu destempero tornou sua vida um ovo fossilizado.

Observei seus colegas e alguns ocupam cargos superiores ao seu. Um é literato e será publicado em breve. E será um dos mais vendidos.



Eles trabalhando para realizarem os sonhos... E você se perdendo em devaneios. O que houve?

Por que insiste em viver nessa prisão que o impede de ser um adulto?

Você tem a idade de quando parti e ainda não se conhece. Percebeu?! Claro que não! Estava mais preocupado em ficar resmungando sobre a falta de reconhecimento como "Artista".

Entenda uma coisa Hercílio: Quando você conseguir com um sopro congelar o sol, não mais precisará das pessoas, entender a realidade ou refletir sobre o seu tempo.

Acorde Hercílio... Abra o pacote que está na escrivaninha.

Sempre Contigo

Mr. Toth.

Assim que viu o pacote em cima da mesa, que antes não estavam lá, envelope e carta desapareceram. Nele estava um cartão com a mensagem:

"Aceite este presente pelo seu futuro"

Abriu o pacote... Havia um porta-joias que também trazia o brasão da família.

Depois de minuciar o objeto, abriu e uma luz intensa envolveu todo o ambiente...

-Hercílio! Levanta ou você vai se atrasar!

-Mãe?!

-Anda logo!

Hercílio ficou pensativo... Não entendia o porquê, mas, dali em diante, soube que precisava mudar seu comportamento e a arrumar o quarto.

<https://www.facebook.com/herculescontadordehistoria>



Sabedoria Matuta

Waldir Capucci

Jacareí/SP

Refestelados nas mesas do boteco à beira da estrada rural, diversos motoqueiros saboreavam petiscos da culinária mineira se empanturrando o quanto podiam antes de retomar o asfalto. Quem os servia era Bertoldo, único atendente no horário, e que acabou se tornando o alvo das gozações que passaram a fazer em total menosprezo à região e ao sotaque característico do povo local. E várias perguntas sátiras foram dirigidas.

- Diga-me, caipira, por aqui já tem semáforo colorido?
- O "jegódro" onde fazem corridas de jegue, fica muito distante?
- É verdade que vocês só correm se rolar um queijo na descida? Contam que em Minas Gerais é assim que funciona.

Cada pergunta era acompanhada de risos exagerados, mas o provocado não se alterava de forma alguma. Servia normalmente as comidas e as bebidas, registrando as quantidades no papel e fazendo mentalmente a conta sobre a boa venda. Não era um sujeito pacóvio, mas sim, muito arguto, e o resultado financeiro é o que lhe interessava.

Diante da passividade do vendeiro, decidiram mudar o foco da brincadeira. Optaram por avaliar o conhecimento de cada um sobre frases célebres e seus autores. Um membro do grupo, em rodízio, a proferia, e quem acertasse marcava um ponto. Ao todo citaram mais de vinte frases e pensamentos, e, apesar dos poucos acertos, a diversão foi grande.

Encerrada a folia é chegada a hora de partir, e pedem a conta para fazer o rateio do valor em partes iguais. Momento de pura diversão agora, para Bertoldo, pois o montante atingiu cifra incomum ao que estava acostumado. Foi então que um dos motoqueiros avista no fundo do estabelecimento uma égua envelhecida, que se mostrava trôpega ao andar. E para fazer uma última provocação, dirige-se ao balconista.

- Por acaso aquela é a sua montaria? Quantas cilindradas?
- Sim, é minha! – respondeu. - Daqui a pouco vou dar umas voltas no lombo dela e fazer as curvas em duas patas – concluiu em tom brincalhão.
- Não vê que a coitada está mancando? Cavalga nela assim mesmo?

O autor da indagação jamais poderia supor que o questionamento feito era tudo que Bertoldo queria para dar um troco em todo o grupo, como resposta aos desaforos que se obrigou a ouvir durante a permanência deles no recinto. E foi de um primor inimaginável, e, pior ainda, ininteligível para todos eles.



- Pouco se me dá que a azêmola claudique, o que me apraz é acicatá-la!

Todos o olharam com perplexidade, o grupo ficou inerte, sem saber como agir. Mudos, aguardavam explicações sobre o que ouviram, mas o matuto comerciante sabia que os encurralara e que estavam envergonhados por não compreender. Manteve-se à espera que alguém tomasse a iniciativa e o indagasse. Até que finalmente aconteceu.

- Não entendemos o que disse. Pode nos explicar com outras palavras?

O doce sabor da vingança ficou visível no peito inflado e no sorriso sarcástico estampado nos lábios. E a resposta foi dada com ar professoral e tom dulçoroso.

- Vocês não entenderam porque usei o português na sua forma escorreita, realmente difícil para que pudessem assimilar. Na verdade, é um ditado popular bem conhecido; eu lhes disse "não me importa se a mula manca, o que eu quero é rosetá-la".

- Claudique é do verbo claudicar, que significa mancar. Azêmola é um dos substantivos para mula e acicate é um tipo de espora, também chamada roseta. O autor é simplesmente Rui Barbosa, o Águia de Haia, que certamente conhecem.

Vencidos e humilhados, os gozadores entenderam a magistral lição recebida. Abraçaram o mestre caipira, desculpando-se pelas provocações insensatas, e retomaram a rota planejada com uma história inesquecível para contar. Enquanto soavam as buzinas e faziam acenos como sinal de despedida, o esperto comerciante comemorava a excelente receita auferida, já torcendo pela chegada de novos incautos que tentassem se divertir à custa das tradições e do povo mineiro.





Saudade de um Anjo

Wagner Trindade

Poeta Arara Azul/MS

Estacionei a minha alma
por saudade de um anjo
uma flor que eu sonhava
hoje esta me procurando

Canta hinos de pureza
com o coração ferido
mas não perde a beleza
e o sorriso de um ninho

E as asas vão abrindo
com a luz de um encanto
quer de volta o mentor
e os versos vem voando

Voa, voa, anjo amada
silencie suas mágoas
tua voz me ilumina
Enxugou as minhas lágrimas

Vou voar junto contigo
sempre fui o teu abrigo
de joelhos vou pedindo
És minha vida anjo amada





Sémen

Joaquim Bispo

Odivelas - Portugal

O mundo desabou para Cátia e Flávio quando souberam que não podiam ter filhos. O veredito dos testes de fertilidade, em que ambos tinham andado enredados nos últimos meses, foi o mais cruel: tinham de abdicar da aspiração de transmitir vida. E criá-la. De construir um homem ou uma mulher, desde o nada à vida adulta.

Casados havia oito anos, tinham vivido tranquilos quanto a esse aspeto. Quando o decidissem, o ventre de Cátia incharia, tinham por seguro. No ano em que ela fez 35, decidiram que era tempo de terem um filho. Não convinha adiar mais.

Foi o período de maior e mais livre intimidade do casal. Todos os anteriores constrangimentos de gravidezes indesejadas tinham ficado para trás. Já não era preciso usar preservativo, já não era preciso tomar a pílula. Ou interromper o coito, quando ela descansava da pílula e tinham acabado os preservativos. O desfrute mútuo fora profundo e total.

Passaram os meses, mas as tentativas mantiveram-se infrutíferas, no sentido literal do termo. Depois tornaram-se frenéticas e cada vez mais angustiadas. Pressentiam-lhes a inutilidade. Por fim, tinham entregado as suas dúvidas à ciência, que os desenganou de vez.

Não é uma notícia com que um casal, ainda na casa dos trinta, lide bem. Só uns dias depois começaram a recordar e a dar atenção ao que mal tinham ouvido da boca da médica: Flávio é que não podia ter filhos. A sociedade moderna, felizmente, já dispõe de “soluções” que permitem ultrapassar esta situação de esterilidade, quer pela inseminação artificial, com base num banco de esperma, quer pela adoção. E há tantas crianças à espera de um lar de verdade!



Durante semanas levantaram hipóteses e trocaram dúvidas. Era evidente para Flávio que Cátia deveria tentar ser mãe biológica, antes de enveredarem pela adoção. Ela só punha a reserva do dador que lhe calharia: podia ser muito feio, podia ter taras. E outros medos que a situação de ausência de controlo lhe levantava. A brincar, disse que, como o bebé não se ia parecer com o marido, o ideal era que fosse tão bonito como o seu ídolo musical Vicente del Cuore.

A ideia surgiu e fixou-se, como mancha de cereja em toalha de linho. Por que não? A ideia parecera absurda quando lançada, mas expressa por palavras passou a ter uma existência de possibilidade. Havia a possibilidade de Cátia obter o sémen de Vicente; por que não? Podia apiedar-se do problema de Cátia e doá-lo caridosamente. Ou podia agradar-se do corpo de Cátia, que era uma mulher bonita: corpo bem torneado, rosto oval, olhos azuis, cabelo castanho claro caído sobre o seio esquerdo. Assim Cátia conseguisse seduzi-lo. Quando a ideia ganhou vantagem sobre outras e as expulsou, Cátia passou mesmo a pôr a hipótese de sequestrá-lo e obter o sémen pela força do Viagra, caso outras soluções não resultassem. Flávio estava por tudo.

Como primeiro passo, Cátia definiu a inscrição no clube de fãs de Vicente del Cuore. Depois, aproximou-se do grupo que acompanhava o cantor a todos os espetáculos. Ficou logo um pouco desanimada quando soube que, daquele enorme grupo de trinta ou quarenta mulheres em que metade queria meter-se na cama com o ídolo, apenas duas se vangloriavam disso. E que del Cuore devia ser muito cuidadoso, pois usara preservativo em ambos os casos. Não valia a pena pedir-lhe ajuda procriadora. Nem iria ser fácil roubar-lhe o sémen.

Soube, no entanto, que o cantor, embora esquivo nos contactos de intimidade total, era pródigo em contactos mais egoístas: oito confessaram, um tanto envergonhadas, que já tinham aceitado na boca a desejada semente do irresistível ídolo.

Por aí enveredou o seu plano. Pois que fosse na boca. Andaria sempre prevenida com um frasquinho de plástico. Se algum dia conseguisse o que antevia — e então isso parecia-lhe bem ao seu alcance —, disfarçadamente o



verteria no frasquinho e de seguida, na casa de banho ou no carro, o introduziria em si, com um longo aplicador de plástico. Resultaria? Por que não?

Iniciou o jogo de sedução com olhares e sorrisos de coqueteria, na receção coletiva que o cantor sempre concedia às fãs depois de cada espetáculo. A que só ia em período de ovulação. Não queria desperdiçar a oportunidade, que provavelmente surgiria.

Uns sete meses depois, o artista deu pela flor que ela empunhava:

— Minha querida, por si, pela beleza dessa flor que me quer oferecer, vou recebê-la a sós. Para me explicar por onde andou toda a minha vida essa sua beleza que suplanta a da flor.

O narrador dispensa aqui os pormenores sórdidos das técnicas e das manobras que um artista idolatrado usa de modo a transferir a veneração idealista de uma admiradora para práticas de submissão à sua vontade lúbrica. Neste caso, era um cordeiro que ingenuamente tencionava “comer” o lobo. Só que os lobos têm mais experiência que os cordeiros e antecipam as frágeis manhas das presas. Quando Vicente del Cuore percebeu que Cátia executava movimentos inesperados, logo após o orgasmo dele, deu-lhe um safanão que fez saltar o frasquinho e o seu precioso conteúdo para debaixo de uma cadeira. Levantou-se brusco e irado, abriu a porta do camarim e gritou pelo segurança:

— Luís, tira-me já esta gaja daqui!

Cátia nem teve tempo de cobrir o peito. O segurança, entroncado e de braços tatuados, agarrou-a pelos cabelos, empurrou-a para outra divisão e obrigou-a a ajoelhar-se e a abocanhar o seu membro. Quando atingiu alguma excitação, forçou-a a dobrar-se sobre o tampo de uma mesa e penetrou-a brutalmente. A dor foi fina e cortante. Cátia gritou, mas levou um murro na cara, de través. Dois minutos depois foi abandonada no chão, ensanguentada, em lágrimas silenciosas.

Flávio levou muito tempo a conseguir que a mulher lhe explicasse o que tinha acontecido. Sentados no leito onde já tinham vivido tantas euforias, ela quase só chorava. Sentia-se humilhada e traída por todos, até pelo marido. Fora a sua infertilidade que a levava ali. Flávio mostrou-se revoltado e queria arranjar



um grupo para dar uma sova no segurança de del Cuore. A não ser que ela fizesse queixa à Polícia. Cátia só tentava dormir. Não queria nem lembrar-se daquele animal.

O fisiológico, no entanto, segue o seu próprio caminho, sem cuidar das alegrias ou dos sofrimentos que pode desencadear no emocional. Um mês depois, Cátia soube que estava grávida.

Flávio ficou dividido: no fim de contas, era uma oportunidade de ela ser mãe. Que podia não se repetir. Cátia não via o lado útil da situação. Sentia-se magoada e atraçada até pelo seu corpo. Não era assim que imaginara ter um filho. Fruto de uma violação, como acontece nos cenários de guerra. Conseguiria amar e criar uma criança gerada naquelas circunstâncias? O que estava verdadeiramente em causa? Precisava de meditar profundamente.

Durante uma semana ouviu o seu íntimo, atenta e honestamente. Depois tomou a sua decisão.

<http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/>





Sementes Invisíveis

Louise Bogéa Ribeiro

Belém/PA

O meu pai gostava mesmo de plantas. Ele as admirava. Eu as achava muito sem graça. Não eram iguais aos animais, por exemplo, o meu cachorro Harry. Ele curte ficar perto de mim o tempo todo. Quase tem um ataque cardíaco quando me vê! Mas meu pai acordava cedinho para regar as suas plantas, e ficava muito triste quando alguma morria. Difícil de entender, não é mesmo? Ele tentava me explicar os seus segredos, mostrando-me os produtos certos para usar e como utilizá-los. Uma verdadeira perda de tempo! Eu nunca entenderia. Lembro quando ele abriu sua mão cheia de sementes, e percebi uma muito diferente das outras.

– Não devemos julgar as sementes. Uma insignificante pode fazer florescer, enquanto que uma brilhante pode se autodestruir. E o pior de tudo é que precisamos esperar para ver o que acontece – ele disse, ao ler meus pensamentos.

– Mas por que devemos, então, plantá-las? Não seria melhor comprar uma bem bonita de plástico? – eu realmente queria tentar desestimulá-lo.

– Porque devemos acreditar nelas. Sempre. Ainda que nos desapontem um dia. Nos dias que se seguiram, eu quis acompanhar o crescimento daquela semente díspar. Para o meu desapontamento, ela ainda não tinha dado sinal de vida.

– Espere que ainda verás ela florescer – disse-me, com um sorriso nos lábios e brilho nos olhos.

Cheguei até a regá-la bem cedinho como o meu pai fazia. Nada. Quis me inteirar dos melhores produtos que fossem capazes de fazê-la viver. Apenas um brotinho minúsculo apareceu no meio daquela terra, mas me deu imensa felicidade. Com muito orgulho, chamei meu pai e o meu cachorro Harry para que todos pudessem contemplá-lo!



Os dias se passaram, e tudo que eu podia ver era ainda aquele brotinho e mais nada. Acho que Harry estava preocupado e talvez até um pouco enciumado, mas não sabia o que eu fazia tanto ao lado daquele vaso. Ele não entendia assim como eu não podia entender. Até o meu pai já estava se preocupando com o meu comportamento.

Sem eu saber, aquele brotinho se tornou tão importante para mim. Ao nascer do sol, eu e meu pai vimos juntos a sua flor. Aos meus olhos, ela era a mais bonita dali.

– Foi o teu amor e dedicação que o fez florescer, quando ninguém mais acreditava – disse meu pai, abraçando-me.

Ainda sem saber, Harry também sorria ao ver-me feliz.

Em meio a um temporal, a minha roseira foi atingida por uma praga. Nenhum dos truques de meu pai surtia efeito para salvá-la. Ela definhou. Até hoje ainda a procuro no meu jardim. Estas palavras às vezes ecoam entre as folhas:

– Ela morreu! Tudo que fiz foi em vão!

– Ela vive agora em ti. Em cada cheiro, cor ou lugar. Em cada nascer do sol.

É um amor silencioso o das plantas. Mudo. Mas tão verdadeiro e cheio de significados. Cada dia é um aprendizado a mais com elas.





Sensibilidade Etílica

Eduard Traste

Florianópolis/SC

entrei e fui direto
ao caixa. eu não tinha
um puto no bolso
mas depois de observar
a atendente por uns
bons minutos
ainda antes de entrar
percebi que se pedisse
com devida atenção
uma carteira de cigarros
e a convidasse
para fumar comigo
depois do expediente
ela não me cobraria
nada. e dito e feito
quase fui
preso.

www.estrAbismo.net





Sobre Números, Perdas, Ganhos e o Amor

João Marcelo Rocha

Candeias/BA

Um ônibus perdido pela demora de 15 segundos,
O atraso no cartão de ponto do trabalho pelo pensamento distante na hora do café.

5 minutos a menos todo dia para fazer a barba e pentear o cabelo,
O banho reduzido em 50 milímetros cúbicos de água e 3 gramas de sabão,
Uma queda no quarto pela desatenção de quem queria estar em outro lugar.

10 reais a menos no bolso pela compra de uma rosa,
O cansaço matutino em função da conversa que se arrastou pela madrugada,
O ronco do estômago de quem deixou de fazer um lanche em troca de um tempo a mais com quem se ama.

Todos compensam os inúmeros e incontáveis:
Olhares apaixonados-inocentes que recebo,
Quilômetros de caminhadas de mãos dadas,
Beijos fora de hora roubados,
Dias de vida, alegria e amor que me habitam.



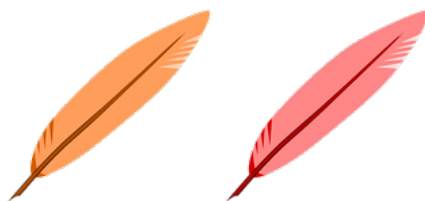
Sou Canhoto

**Leandro Emanuel Pereira
Portugal**

Sou canhoto
Sou desviado;
Há quem diga da norma;
Há quem diga do juízo;
Não perco o sono de qualquer forma...
A minha caligrafia é horrível;
É sim senhor;
Mas é apetecível;
Pois dela surgem verdades com ardor...



E o meu pensamento?
É melhor não se chegarem perto;
Podem perder o sagrado sacramento;
E passarem a navegar no deserto...
Se sou feliz?
Todos os dias consigo sorrir e resmungar com vontade;
Desde petiz;
Julgo que esta constância mostre plausibilidade...
Tenho uma leveza na alma;
Que me deixa aflorar;
O interior da humanidade em sua fauna;
E assim monto o puzzle que nos permite dominar...
É com estranheza;
Que saio fora de mim;
E me torno próprio observador com tamanha dureza;
Numa espiral sem fim...





Tem Remédio?

Dirceu Scali Junior

São Paulo/SP

Dona Tiquinha procurava os espelhos para se afastar, hábito iniciado quando, certa vez, olhou e se viu, havia se postado diante de espelhos muitas vezes, mas daquela era como se... sua verdadeira imagem, pequena, miúda, quase nada de gente.

Quando o pequeno nasceu, decidiu que não seria como ela. No berçário, achou-o menor que os outros "Dra. ele não está muito pequeno? Será que está doente", "Está ótimo, tranquilize-se", mas olhar de mãe é que sabe ver filho, dizia-se. Começou a misturar vitaminas na mamadeira, não seria miudinho como ela, assim que alguns anos se passaram, levou-o a um médico, "Ele é menor que todos, deve ter cura...", "Tem boa saúde senhora", mas para acalmá-la receitou umas "pílulas de crescimento", as quais dava ao pequeno contando histórias e



com tamanho carinho e amor que se sentia embalado e sustentado por aquela imensidão de cuidado.

Quando, na escola, perdia um jogo, errava alguma brincadeira, não era escolhido a participar corria para ela que lhe dava aquelas pílulas de conforto e carinho. Percebia seu pequeno reflexo nas retinas dela ao mesmo tempo em que se percebia imenso na esperança de sua grandeza, gravada naqueles mesmos olhos.

Um dia, sem aviso, ela se foi, muitas pílulas traziam-na e o acalmavam, tamanho vazio pedia mais, mais, mais, eram os olhos dela que o abraçavam naquelas pequenas cápsulas coloridas, seu carnaval.

Assim, ampliava quantidades, carregava-as consigo, pequenos afagos nos frascos. Sua existência era um efeito colateral, passou a crescer, aos olhos do mundo, aos seus e, com satisfação, sabia preencher os da mãe. Farmácia entregava, muitos descontos, não saiu mais de casa, e crescia, crescia, os tecidos começaram a se esgarçar e se tornaram redes, um líquido meio escuro saía-lhe por essas malhas, o cheiro, pútrido para outros, para ele perfume dos remédios, cabelos, unhas, dentes, ossos desprendiam-se... Grande, imenso, orgulhoso de si, fechou a tampa.

Dizem na cidade que a casa exala formol, e que nunca ninguém conseguiu entrar, apenas um senhor de idade, menino ainda à época, conta que certa vez pode ver por uma fresta, inexistente já há anos, montanha de cápsulas e frascos de remédios misturados em enorme massa disforme, mas não jurava por seus olhos... escuridão.





Terceira Idade: Educação e Cultura na Diversidade

Isabel C S Vargas

Pelotas/RS

Quando se fala no assunto referente à educação para esta faixa etária, em um primeiro momento o que as pessoas são levadas a pensar é na escolaridade nos moldes da educação regular, até porque em decorrência do Estatuto do Idoso foram criadas as Universidades para a Terceira Idade. Não é e errado assim pensar, porque o idoso pode recomeçar ou se reciclar.

Ao falarmos em educação associada ao envelhecimento o fazemos considerando que a população idosa hoje é bem maior que na década anterior, assim como a expectativa de vida. Outro dado é que o comportamento do idoso da atualidade é bem diferente dos idosos de outras décadas. Como as pessoas deverão viver mais, então que vivam melhor, com mais qualidade de vida, mais prazer, que se permitam realizar sonhos outrora não realizados, que desenvolvam potencialidades ou habilidades que por qualquer motivo tenham ficado em segundo plano ou esquecidas.

Aqueles que nunca frequentaram os bancos escolares poderão fazê-lo hoje através de grupos específicos, criados para este fim.

O indivíduo não é um ser acabado, devendo procurar se aprimorar sempre. É natural que na terceira idade prossiga neste processo de crescimento, inserindo-se em diversos grupos, ao invés de isolar-se, deprimir-se e/ou viver à margem das inovações.

A educação na terceira idade pode estar ligada a um processo informal de aquisição de conhecimento, de desenvolvimento de habilidades, ou de contato com novas tecnologias que podem facilitar a vida de cada um.

A educação informal pode ocorrer por meio da leitura, de palestras, de viagens, visitas a museus, exposições, filmes, concertos, participação em grupos de interesses diversos, de aprofundamento da espiritualidade e da religiosidade,



de aprendizado sobre o processo de envelhecimento, o que facilitará a compreensão e aceitação desta nova etapa da vida. Também pela convivência e troca com pessoas de outras gerações, pela curiosidade em desvendar as novas tecnologias como uso de telefone celular, manuseio de eletrônicos e eletrodomésticos, objetos estes que outrora eram raridade e que ao dominar o funcionamento estará se permitindo experimentar novas oportunidades de aprendizado, de lazer, entretenimento, possibilitando manter diálogo a respeito destas novas experiências, o que, sem dúvida, favorece e enriquece o relacionamento interpessoal.

A educação e o aprimoramento na terceira idade devem visar aspectos relativos ao melhor relacionamento, maior inserção social, elevação da autoestima, desenvolvimento de habilidades que proporcionem prazer, alegria de viver, facilidade de entendimento do mundo atual, não vivendo só do passado.

As atividades voluntárias propiciam crescimento pessoal, e é importante o seu desenvolvimento, em especial nesta época da vida, que vão auxiliar para que a etapa de envelhecimento não se caracterize só por perdas, mas por incontáveis aspectos positivos para as partes envolvidas.

Há um mundo novo a ser descoberto, desde que cada um se disponha a nele entrar, para os mistérios desvendar superando dificuldades, barreiras interiores e preconceitos.





Transição

Maurício Régis
Camassandí/BA

Escutei o seu chamado,
Quando aonde eu andei.
Pelos caminhos me perdi,
Ouvi em destaque "ó amado!",
Resplandecente entusiasmo,
Mesmo imerecido merecendo.
Aumentara audaz o orgasmo,
E o tom sereno e trigueiro.

Escurecida luz da tarde,
Com a frieza em pauta.
Enquanto vem suada,
A astronauta saindo de Marte.
Combustível desse outono,
Ar fervilha como o frio.
À noite o nocaute é do sono,
Em gracejo, sente-se o que rio.

A falácia saiu da mesmice,
Muita conversa tão banal.
E do signo astral,
Para onde vai à credence?`
Punhados de areia,
Medindo um ininterrupto da hora!
Instante instável, embora.
A luneta no tempo se arria.

<http://tecendoversosmeus.blogspot.com/>

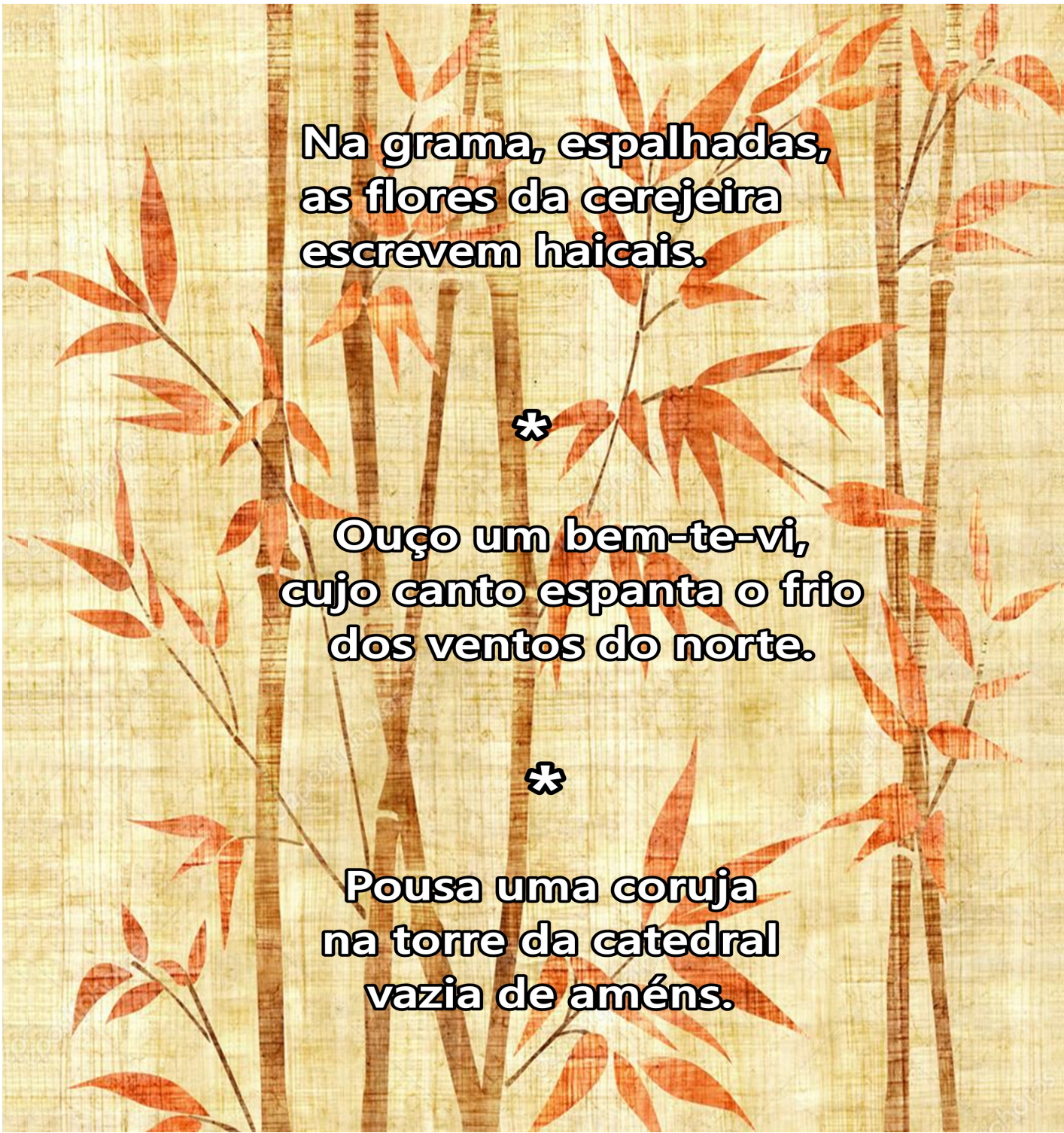




Três Haicais

Edweine Loureiro da Silva

Saitama - Japão



**Na grama, espalhadas,
as flores da cerejeira
escrevem haicais.**

**Ouçó um bem-te-vi,
cujo canto espanta o frio
dos ventos do norte.**

**Pousa uma coruja
na torre da catedral
vazia de améns.**

<https://www.facebook.com/edweine.loureiro>



Ultrarromantismo

David Leite
Jandira/SP

Veio do mar, partindo ele em duas metades, em duas ondas para os lados que dariam títulos a quem se aventurasse surfá-las. Cada passo da abissal criatura escamosa fazia tremer o solo, desde a praia até o centro da cidade. Vidros trincavam, placas se soltavam dos suportes, concreto rachava, apenas com o tremor de cada passada.

A população, em polvorosa ao ver o vulto se avolumar no horizonte, entra em histeria. Talvez fosse a terceira vez essa semana, mas a histeria parecia ser ainda a reação mais adequada. A massa popular corre na direção oposta ao monstro. Exceto um homem.

Takaro Dadeskonto não temia aquele ser gargantual. Nem os que vieram antes dele. Ele era a única chance de salvação daquela cidade, e se orgulhava disso. O monstro alcança a cidade, e começa a rotina de destruição que era habitual a essas criaturas. Os prédios eram arrebetados como maquetes de papelão....realmente parecidos com maquetes de papelão, carros viravam chapas de ferro debaixo de suas patas. O ataque era furioso, sem objetivo, sem senso, sem hora para terminar, o que atrapalharia bastante, pois era dia útil da semana e isso forçava a concessão de uma folga e horas extras para compensar posteriormente.

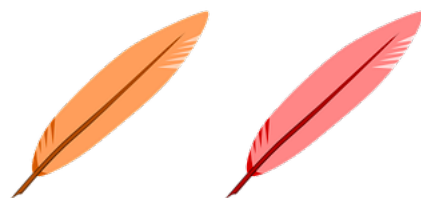
Takaro decide que já era hora de intervir, principalmente após a destruição de seu karaokê predileto pela criatura. Erguendo no ar uma espécie de escova de dentes elétrica, grita uma palavra intraduzível nesse idioma (algo a ver com tua mãe). O dispositivo brilha e vibra intensamente, e em um momento Takaro toma o tamanho de um edifício, um colant colorido e afetado e um capacete de motociclista.

Prontamente vai em confronto ao monstro, derrubando prédios, destruindo carros, quase na mesma proporção que a criatura, mas como ele é o herói



alguém passaria um pano depois. Cruza os braços em posição de combate. O monstro o encara naquela ridícula posição, mas havia algo ali. Takaro também nota, quando os dois se fitam. Aquela meia dúzia de olhos, incineravam não apenas com a fúria, havia um fervor ali que Takaro não entendia bem. A insígnia no peito de Takaro começa a brilhar intermitentemente, ele havia sido atingido. Havia algo no ar além da radioatividade. A criatura se aproxima de Takaro, mais calma, com leveza, a mão escamosa enlaça a sua com ternura, e os dois seguem de volta a enseada, veriam juntos o poente...

www.facebook.com/manicomics.toys





Um País Chamado Rio de Janeiro

Vadô Cabrera

Jacareí/SP

(Todos somos brasileiros, todos somos Rio de Janeiro!)

Que Brasil é este?

Mais uma bala perdida, mais uma criança caída.

Quanto vale uma Vida nas mãos mordazes dos traficantes?

Quanto vale a Morte no sorriso cínico dos governantes?

Mais uma bala perdida, mais um policial caído.

Tiro certo, suspiro derradeiro.

Povo sofrido, traído; Rio destruído.

Por todos os lados, gente decente segue descrente...

Sem entender o por quê? Só quer paz para viver.

Inocentes sucumbindo numa guerra estúpida;

Favelas de sangue; cidade em polvorosa; Cidade Maravilhosa?



(Por favor, não se zangue: Cidade Horrrosa!)

Explodem ganância e arrogância; grassa intolerância!
Olhos estarecidos, encharcados por lágrimas de fel;
Mar de soluços, praias de cruzeiros que clamam aos céus.
Flores e fuzis bailam num oceano cor de chumbo.

Que Brasil é este?
Mais uma criança alvejada na sala de aula;
Mais um bebê fuzilado no ventre materno.
Que Brasil é este, meu Pai Eterno?

Que Brasil é este, que ceifa o futuro das gerações?
Onde o recém-nascido não será criança;
Onde a criança não será jovem e...
Milhares de jovens não serão adultos.

Que Brasil é este?
Corruptos e assassinos recebem indultos.
Quanto mais o povo reivindica, pior fica.
Recebem como consolação: uma chuva de insultos.

Que Brasil é este?
Onde a Lei da Favela fala mais alto...
Vale mais que a Carta Magna.
Quem nos garantirá o direito à Vida?





Lançamento da Revista SerEsta

Criada por um grupo de escritores, ilustradores e fotógrafos, a Revista SerEsta é uma publicação semestral, virtual e independente, que nos traz mais um importante espaço para divulgação da literatura e da arte.

A primeira edição já está no ar e as inscrições para a segunda edição vão até 31/08.

Leiam a revista e o regulamento e participem!!

<https://revistaseresta.blogspot.com>





Conto grátis do "Mestre" Stephen King

A Editora Suma traduziu e esta disponibilizando gratuitamente em PDF, o conto "Laurie", presente do próprio Stephen King aos leitores para promover seu novo livro "Outsider".

Aproveitem!!

Links para baixar:

<http://www.blogdacompanhia.com.br/files/uploads/downloads/Laurie-pdf.pdf>

<https://drive.google.com/file/d/1B2E1eWncw0TImYDp6pHmfWV7gufdFdNe/view>





Conheçam a obra do escritor Luiz Roberto da Costa Junior

O escritor Luiz Roberto da Costa Junior, de Campinas/SP, gentilmente nos cedeu os links para leitura de suas obras. Apreciem o dinamismo deste escritor, que já publicou conosco diversas vezes e possui uma escrita que vai do lírico ao marginal, numa verdadeira declaração de amor pelas letras.

Acessem os e-books nos links:

Refúgio da Madrugada

https://issuu.com/luizrobertodacostajr./docs/ref_gio_da_madrugada.docx

Refúgio da Madrugada apresenta influência da poesia drummondiana tanto em relação às três temáticas escolhidas (o indivíduo e a realidade, a poesia e o poeta, o mundo e a adversidade) como pelo resgate da poesia social.

O poema de abertura do livro é baseado numa notícia de jornal que retratou tanto a importância de uma biblioteca ficar permanentemente aberta, 24 horas por dia, como o risco de andar pelas ruas da maior cidade do país, durante a madrugada, quando se perde o último trem de metrô à meia-noite.

Ao se colocar no lugar do outro, ao longo dos poemas, o poeta alterna esperança e desesperança em relação à realidade multifacetada e à adversidade do mundo. O verso "Perdi o último trem de metrô, mas não a esperança.", que abre o poema que dá título ao livro, faz um claro contraste em relação ao verso inicial do poema "Soneto da Perdida Esperança" no livro Brejo das Almas de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Em meio à tempestade

https://issuu.com/luizrobertodacostajr./docs/em_meio_tempestade.docx

Diante de uma realidade acelerada e muito automática, a pressão e a velocidade das mudanças fazem as pessoas perderem as referências. Vive-se como se o tempo passasse rápido demais, sem se sentir presente na realidade contemporânea.

Em meio à tempestade apresenta poemas de forte cunho social e de introspecção reflexiva, tanto diante do fazer poético como da atual instabilidade política e econômica do país. O poema que dá título ao livro é a metáfora do país à deriva,



que acaba atingido durante a travessia, com as pessoas se perguntando a causa do naufrágio.

Este poema resgata toda a originalidade e a polêmica, de maneira contemporânea, que envolveu o poema "No Meio do Caminho", publicado na Revista Antropofagia em 1928 e, depois, no livro Alguma Poesia de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987).

Neste tempo de cólera

https://issuu.com/luizrobertodacostajr./docs/neste_tempo_de_c_lera.docx

Neste Tempo de Cólera faz uma homenagem a Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) com o poema "Drummond", cujos versos são formados por 20 títulos de livros do poeta itabirano. O poema "Apagão" é dedicado ao famoso poema "José". O poema "Persona" faz referência ao poeta gaúcho e, além disso, a ideia de fazer o "Poema-Orelha" foi inspirada pela orelha do volume Poemas de 1959.

Neste Tempo de Cólera encerra uma trilogia poética. O livro segue a mesma toada da poesia social, ao apresentar poemas como "Neste Tempo de Cólera", "O Grito", "Jornal" e "Esperança", que retratam a atualidade e o conflito político em voga no país.

A influência da poesia marginal se faz presente, pela primeira vez, em poemas como "Poesia Marginal", "Separação", "Mariana" e "Diálogo Íntimo". A introspecção e o fazer poético continuam presentes em "Instante", "Revelação", "Perspectiva", "Promessa", "À meia-luz" e "Tempo Incerto". A trilogia poética composta por 64 poemas, em três livros, termina com "Tabuleiro da Vida", ao usar o xadrez como uma metáfora.

Mar de Sal

https://issuu.com/luizrobertodacostajr./docs/mar_de_sal

Poesia Contemporânea com enfoque na natureza, no cinema, na literatura, no cotidiano, na política e no próprio fazer poético que são temas ao longo de quase uma centena de poemas. A poesia marginal e a presença de Ana Cristina Cesar marcam um diálogo, cuja intertextualidade permite uma voz feminina em vários poemas.



Encontro Nacional de Academias de Letras

De 19 a 21 de setembro acontece em Lavras, Minas Gerais, o Encontro Nacional de Academias de Letras; o evento busca criar um intercâmbio cultural entre academias de todos o Brasil, para troca de experiências e conhecimento. O evento também é aberto aos alunos, professores de letras e escritores.

Mais informações enviem uma mensagem para:

academialavrensedeletras.all@gmail.com

Vejam o programa do encontro:

Quando nos ocorreu a ideia de reunir todos os acadêmicos do Brasil, fomos movidos pela necessidade de conhecer esse universo de pessoas que, igualmente a nós, amam as letras. Estamos convictos de que o intercâmbio entre essas instituições, certamente irá promover o conhecimento e o desenvolvimento de seus associados e, conseqüentemente, o fortalecimento das Academias de Letras.

Além de estarmos reunidos, a Academia Lavrense de Letras preparou um Programa para o Encontro, buscando profissionais qualificados que poderão nos municiar de informações e conhecimentos que, acreditamos, de alguma forma, contribuirão para nossas realizações como acadêmicos e autores.

Sejam todos muito bem-vindos!

Academia Lavrense de Letras.

Dia 19 - Quarta-feira

8:00

Solenidade de Abertura (Traje acadêmico)

9 horas

Luis Antonio Torelli, Presidente da CBL, São Paulo.
Tema: Panorama do Mercado Editorial.

10:15 - Café

10:30 horas

Ricardo Costa, CEO Metabooks Brasil
Tema: A Informação num mar de informações.

12 horas - Almoço

14 horas

Aníbal Henrique de Oliveira Macedo,
Vice-Presidente do CONSEC (2016-2018)
Tema: Financiamento de Projetos da Área de Literatura, Livro e Leitura (Editais e Leis de Incentivo).

15:45 - Café

16:00 horas - Lançamento de Livros

18 horas - Encerramento das atividades

Dia 20 - Quinta-feira

8:00

Cecília Arbolave, editora e jornalista, sócia da Editora Lote 42, Banca Tatui e Sala Tatui.
Tema: Caminhos alternativos no mercado do livro.

09:45 - Café

10:00

Lizandra Magon de Almeida, editora, jornalista, tradutora e escritora.
Tema: O desafio de publicar no Brasil hoje

12:00 - Almoço

14:00

Rodrigo Garcia Barbosa, Mestre e Doutor em Letras, UFLA
Tema: De uma cadeira a outra: rimas e (des) rimas entre academias.

15:45 - Café

16:00 - Lançamento de Livros

18:00 - Encerramento das atividades

Dia 21 - Sexta-feira

8:00

José Nicolau Gregorin Filho, Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.
Tema: Literatura para crianças e jovens: uma literatura singular.

09:45 - Café

10:00

Maria Zilda da Cunha, Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP.
Tema: Entre suportes e tecnologia, nasce um novo leitor.

12:00 - Almoço

14:00 horas

Marcus Paullus Guimarães Passos, Consultor de Organizações da Sociedade Civil de caráter cultural para a sustentabilidade.
Tema: O Modo de Ser Sustentável na Conjuntura Brasileira

16:00 - Lançamento de Livros

17:30 - Encerramento ENAL



Terezinha de Lourdes Rezende
Presidente
Academia Lavrense de Letras
(35) 3821 8825
academialavrensedeletras.all@gmail.com





LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.

Conheçam, se inscrevam e aproveitem.

Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

<https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBIhg>

The screenshot shows the YouTube channel page for 'Conto um conto'. The channel has 3,414 subscribers. The navigation bar includes links for INÍCIO, VÍDEOS, PLAYLISTS, CANAIS, DISCUSSÃO, and SOBRE. Below the navigation bar, there are tabs for 'Uploads' and 'REPRODUZIR TODOS'. The video list shows several uploads, including 'H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte 5) - Cont...', 'Microcontos de Terror 3 - Conto um Conto', 'O Gato Preto - Edgar A. Poe - Conto um Conto', 'O Melhor Amigo - Fernando Sabino - Conto um Conto', 'Monteiro Lobato - O Colocador de Pronomes -...', 'H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte3) - Conto...', 'O Saxofone do Tio - Ulisses Tavares - Conto um Conto', 'H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte2) - Conto...', and 'H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte1) - Conto...'. Each video entry includes a thumbnail, title, and view count.

Thumbnail	Title	Views	Time
	H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte 5) - Cont...	53 visualizações • 8 horas atrás	18:24
	H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte4) - Conto...	250 visualizações • 4 dias atrás	17:39
	Microcontos de Terror 3 - Conto um Conto	217 visualizações • 5 dias atrás	5:27
	O Gato Preto - Edgar A. Poe - Conto um Conto	220 visualizações • 1 semana atrás	36:38
	O Melhor Amigo - Fernando Sabino - Conto um Conto	118 visualizações • 1 semana atrás	3:46
	Monteiro Lobato - O Colocador de Pronomes -...	202 visualizações • 1 semana atrás	37:29
	H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte3) - Conto...	387 visualizações • 1 semana atrás	19:08
	O Saxofone do Tio - Ulisses Tavares - Conto um Conto	183 visualizações • 2 semanas atrás	5:12
	H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte2) - Conto...	482 visualizações • 3 semanas atrás	20:54
	H. P. Lovecraft - Herbert West Reanimator (parte1) - Conto...	720 visualizações • 3 semanas atrás	22:23



"Blog Concursos Literários" - Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

<https://concursos-literarios.blogspot.com.br/>

CONCURSOS



LITERÁRIOS



"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

<https://www.facebook.com/casabrasil.li/>



"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

<http://mulheresaudiovisual.com.br/>



Elemental Editoração”



Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

<https://seloee.weebly.com/>



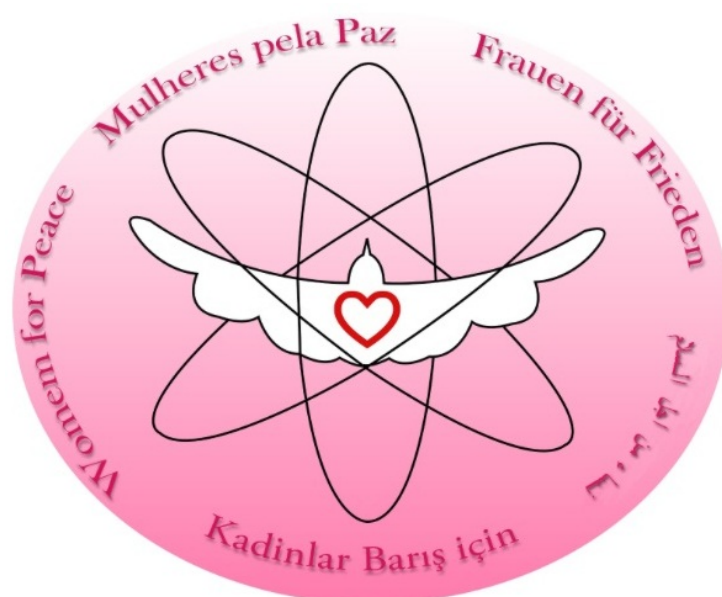
**Leia e baixe gratuitamente
e-books com coletâneas de vários autores.**

<https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm>



Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.

O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.



<https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-456642538000869/>



**As inscrições para a próxima edição vão até
05/08.**

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

Antes de enviar, leia nosso regulamento !!

**Os textos enviados fora do prazo serão reservados
para edições futuras.**



**Vamos mudar o mundo
através
das palavras!!**

<http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralive>

<https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/>